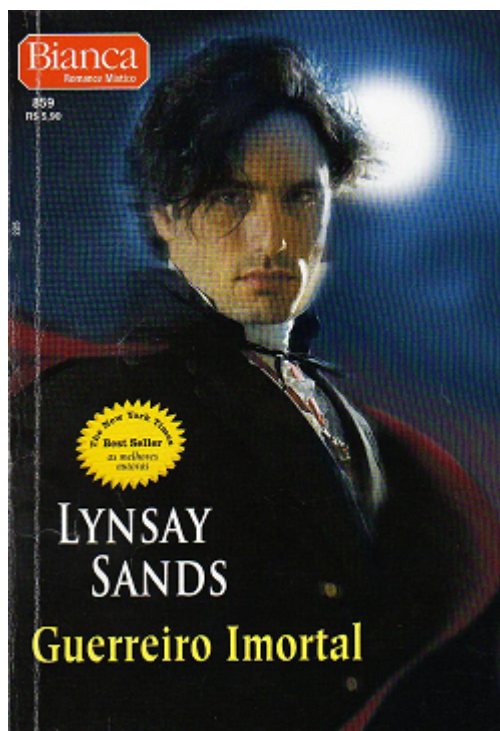




# Guerreiro Imortal

Lynsay Sands

Digitalização: Joyce

Revisão: Mel

2o livro da série dos irmãos MacNachtton

Escócia, 1509

Dois homens unidos por um vínculo mais forte que os laços fraternais, perseguidos por um terrível segredo, condenados a vagar nas sombras da noite, atormentados por uma fome insaciável, vítimas de uma maldição que somente um grande e verdadeiro amor, poderá enfraquecer...

Sarra DeCourcey conhece a dor da renegação e, com sua força de espírito, está determinada a provar a seu clã que é uma mulher de valor, custe o que custar. Nada, porém, poderia prepará-la para se defrontar com aquele homem atraente, cujos desejos ultrapassam a mais impressionante das lendas...



O futuro que Calum MacNachton lhe promete é assombroso, mas à medida que a batalha é declarada e perigosos segredos do amor são revelados, Sarra precisa escolher entre recuar ou lutar por uma paixão imortal...

Copyright © 2006 by Lynsay Sands

TÍTULO ORIGINAL: My Immortal Highlander - Parte II

## Capítulo I

Foi um grito estridente que tirou Calum MacNachton do sono. Abrindo os olhos, procurou se erguer e praguejou ao bater a sua cabeça no teto de pedra da caverna. Esquecera-se totalmente que tinha escolhido com cuidado um local aconchegante, porém bem acanhado para dormir.

A dor, no entanto, não o deteve e ele rolou nos panos de sua improvisada cama, e levantou-se com o corpo meio arcado.

Saiu da fresta estreita da caverna e endireitou o corpo enquanto procurava colocar seus pensamentos em ordem. O grito viera de fora, mesmo assim ele deu uma olhada em torno para ver se havia algo de estranho à sua volta.

Nada.

O grito que o havia acordado ainda fazia eco na escura caverna, ressoando nas paredes de pedra. Deus meu, era terrível ouvir um som como aquele. Alguém deveria estar sob o mais terrível dos sofrimentos.

Preocupado e ao mesmo tempo curioso, Calum resolveu descobrir o que acontecia lá fora.

Deixou a escuridão aconchegante da caverna, mas se manteve ainda na entrada onde havia uma cobertura natural de pedra. Um sol brilhante iluminava a clareira à sua frente. Os raios solares o atingiram e, mais uma vez, Calum praguejou, recuando.

Ele tinha uma aversão natural à luz do sol, mal de que sofriam todos os MacNachton. Podia se expor um pouco à claridade, mas não por muito tempo. Hesitou por um instante, depois se decidiu. Alguém precisava de ajuda e ele enfrentaria aquele calor

detestável. Tinha de agir rapidamente.

Deu alguns passos à frente preparando-se para presenciar alguma cena aterradora. Afinal, pelo grito que o acordara, alguém estava certamente à beira da morte.

Para sua surpresa, deparou-se com uma cena pacífica. Uma égua malhada mastigava a grama verdejante que havia à beira do rio de águas tranquilas, aparentemente sem se perturbar com o grito apavorante de havia pouco. A princípio, o animal parecia ser a única presença na clareira, a não ser pelos pássaros que revoavam alegremente em meio aos galhos das árvores. E foi então que a égua levantou as orelhas e se moveu em direção à água onde começou a beber placidamente.

Calum imediatamente viu a mulher na água. Ela estava ainda soltando seus berros, mas não eram gritos de dor ou desespero. A mulher de cabelos dourados como mel tentava cantar. Tentar- era a palavra chave. A criatura estava chilreando na forma mais horrível e desafinada que ele tinha ouvido na vida.

A preocupação de Calum deu lugar à irritação. Chegou mesmo a desejar que um assassinato estivesse em curso, como ele pensara inicialmente. Pelo menos não teria de escutar aquele som horrível. Pelo visto, a mulher continuaria a chilrear indefinidamente nesse seu estilo penoso.

Calum observou os pássaros que continuavam sua revoada sem se espantarem com os sons que saíam da linda boca da mulher. Talvez estivessem acostumados com sua presença naquela clareira.

Aborrecido por ter sido tirado de um sono tranquilo, olhou mais uma vez para a jovem. Por um momento, sentiu-se tentado a começar a berrar ou assustá-la de algum modo que a fizesse fugir. O bom senso venceu e ele deixou de lado essa idéia vingativa. A garota simplesmente correria de volta à vila e mandaria homens virem até ali ver quem a assustara. O esconderijo seria descoberto e ele precisaria encontrar uma nova caverna. E onde se acomodara estava sendo um lugar relativamente confortável pelo menos até agora. A caverna era seca, fria e escura, capaz de lhe garantir um bom dia de sono. Ele tinha simplesmente de suportar a presença da moça e suas horríveis tentativas de cantar até...

Calum arregalou os olhos quando a garota subitamente se levantou do rio. Água escorria pela pele nua, deixando para trás pequenas gotas que brilhavam como diamantes sob o brilhante sol da tarde.

Deus do céu, a mulher estava completamente nua!

Calum reconheceu que não devia estar surpreso. Afinal, ela estava se banhando. Julgando, porém, pela qualidade da égua, a mulher era uma dama. Muitas damas se banhavam cobertas por modéstia com suas combinações. Uma prática ridícula, pelo menos

esta sempre tinha sido a opinião dele. Aparentemente, a moça compartilhava da mesma opinião.

Seu olhar foi deslizando pelo corpo da linda mulher nua, desta vez com mais interesse. Ela mantinha os cabelos presos no alto da cabeça, os longos cachos dourados estavam ajeitados em um coque que parecia estar prestes a se desmanchar. Temeroso que isso viesse a acontecer, cobrindo a beleza antes que ele a explorasse totalmente, Calum abaixou o olhar com mais rapidez. Admirou as curvas arredondadas dos quadris antes que sua visão fosse finalmente obscurecida. No entanto, não era o cabelo dela que lhe bloqueava a visão, eram as costas de um homem que repentinamente surgira no caminho, impedindo que ele continuasse a ver a bela cantora.

Calum inclinou-se para o lado na esperança de conseguir um ângulo melhor, mas o homem ainda estava em seu caminho. Ficou imaginando de onde esse homem surgira. A clareira estivera vazia a não ser pela presença da égua quando ele a havia observado no primeiro momento, e Calum não tinha escutado nenhum barulho de cascos de cavalo que o alertassem da aproximação de alguém.

Supôs, então, que o homem deveria estar acompanhando a moça. Deveria ter vindo com ela cavalcando no mesmo cavalo e sumido por alguns momentos para se aliviar nos arbustos.

Seus pensamentos se dispersaram quando o homem se moveu e a garota surgiu novamente em seu raio de visão. Calum conseguiu apenas ver de relance aquele corpo perfeito já que o penteado tinha se desmanchado e caía agora em seus ombros, cobrindo-o de cachos dourados. O horrível chilrear prontamente parou e ela demonstrou um certo desagrado tentando reunir os cabelos rebeldes em sua nuca e finalmente conseguindo levá-los de novo para o alto da cabeça.

Ao levantar os braços para ajeitar as madeixas, ela deixara à mostra uma parte de um dos seios. Calum olhou fascinado para a perfeita curvatura e desejou que ela se virasse na água para que pudesse ver o seio inteiro. A sorte, no entanto, não estava com ele.

A linda mulher tinha acabado de arrumar o cabelo quando o homem falou:

— Bom dia, lady DeCourcey! — A saudação soou em tom debochado, como se o homem estivesse em parte zombando da jovem dama.

Ela levantou os olhos, surpresa e imediatamente cobriu os seios com as mãos, voltando a afundar na água e olhando ansiosamente para a margem. Seus olhos assustados revelaram a Calum que ele interpretara mal a situação. O homem não estava acompanhando a moça. E o mesmo acontecia com os outros três que de repente haviam surgido na clareira.

Calum suspirou profundamente, a mão se movendo em direção à sua espada ao mesmo tempo em que escutava atentamente a conversa.

— Jocks! — A mulher parecia confusa e preocupada. — O que você faz aqui?

— Lorde d'Angers deseja ver a senhora — o homem anunciou. — Ele mandou que viéssemos buscá-la.

Em vez de acalmarem a dama, as palavras do homem pareceram surtir um efeito contrário.

— Por que ele não foi me visitar em DeCourcey? — O tom de sua voz era de indignação.

—Ele sabe que seu pai está doente e não deseja perturbá-lo com visitas, milady — o homem disse sem se perturbar. Calum notou que a moça mordeu os lábios nervosamente.

— Quer dizer que ele sabe que meu pai está doente. Conheço as intenções diabólicas de seu senhor. Naturalmente espera que eu me case com ele. Quer tomar posse de DeCourcey e unir as nossas terras com as dele, logo que meu pai morrer — ela disse, concluindo o seu pensamento. — Pode dizer a lorde d'Angers que não estou interessada.

—Temo que tenha de lhe dizer isso pessoalmente, milady. Tenho ordens de levá-la até ele, e será isso o que farei.

— Vai me raptar, então — ela murmurou com amargura. O homem inclinou sua cabeça.

— Chame isso como quiser, lady DeCourcey. Sigo as ordens que recebi.

Calum observou a garota, notando que os olhos dela agora buscavam desesperados por suas roupas na clareira, assim como a localização da égua e os bosques que havia em volta, voltando por fim novamente à margem. Ela certamente estava procurando uma rota de fuga, mas não havia nenhuma. Um dos quatro homens segurava as rédeas da égua, o outro tinha reunido o vestido e suas roupas íntimas. Os homens agora estavam simplesmente parados, esperando. Se ela tentasse nadar rio acima ou rio abaixo, eles a seguiriam. A única escolha que a pobre moça tinha era ficar na água até que eles se cansassem, e por fim, tomados pela impaciência, fossem tirá-la de lá, ou reagissem com ainda mais violência.

Calum moveu-se silenciosamente, dizendo a si mesmo que nada do que acontecia lhe dizia respeito. Apesar disso, seu olhar continuava na garota. Admirou o lindo rosto, o adorável cabelo dourado, e a expressão orgulhosa e amarga que escondia o medo que ela certamente sentia.

A pobre moça estava em uma péssima situação, isso era certo, e sozinha contra quatro homens. Uma garota contra quatro homens dificilmente parecia a Calum como uma

briga justa. Por outro lado, não era problema dele, repetiu a si mesmo. Ele tinha simplesmente parado na caverna para descansar por um dia antes de continuar com a sua jornada ao pôr-do-sol, mas...

— Oh, diabos — Calum resmungou e começou a abrir caminho por entre os arbustos que cercavam a caverna.

Um MacNachton jamais deixava uma jovem à mercê de homens sem caráter.

Sarra DeCourcey olhou com frustração para os homens que estavam diante dela. Estava em apuros e sabia disso.

D'Angers tinha revelado suas intenções quando a saúde do pai dela, sir Elman DeCourcey, começara a decair, sugerindo que uma união de suas terras e títulos poderia ser vantajosa a ambas as famílias. Na ocasião, Sarra reagira com horror à proposta.

O homem tinha a idade de seu pai e já enterrara três esposas. Duas das mulheres haviam morrido em trabalho de parto e as crianças não haviam resistido também; a terceira esposa morrera recentemente de uma queda da escada, acidente este que gerara muitas suspeitas. Todos sabiam que d'Angers não estava satisfeito com essa esposa. Comentavam que a pobrezinha não conseguira gerar filho algum nos últimos cinco anos de casamento, apesar dos esforços dedicados do marido em levá-la a toda hora para a cama. Suspeitava-se de que aquela morte não tinha sido acidental. Ser lady d'Angers era obviamente perigoso.

Apesar de ter sido aquela a primeira vez que ele sugerira casamento diretamente a Sarra, ela sabia que lorde d'Angers já conversara com sir Elman anteriormente. Havia tentado pelo menos três vezes convencer o pai dela sobre uma possível e vantajosa união para as duas famílias, mas lorde DeCourcey nem quisera ouvir os argumentos do vizinho. Tudo indicava que agora com a saúde de lorde DeCourcey em pleno declínio, d'Angers tinha decidido usar a força para conseguir o seu intento.

Sarra sabia sem sombra de dúvida que no caso dos homens a levarem até d'Angers, ela seria forçada a se casar quisesse ou não quisesse... e então forçada a consumir o casamento.

Este não era um pensamento agradável. Entrando em pânico, olhou para Jocks e para os outros três homens que estavam com ele. Um segurava a combinação e o vestido azul que ela usara, as mãos sujas alisando o tecido macio, uma vez e outra, enquanto lambia os lábios e a espreitava com ar desrespeitoso.

Sarra estremeceu e dirigiu o olhar ao outro homem. Este segurava as rédeas da égua com seus dedos que ostentavam unhas enormes. Presumiu, então, que infelizmente tanto as roupas como a égua estavam fora de seu alcance. Será que poderia nadar rio

abaixo e escapar antes que a agarrassem? R o que aconteceria depois? Correria nua pelos bosques até chegar a DeCourcey?

Fez uma careta ante a mera idéia de um desses homens arrastando-a pelo chão naquele estado, então se lembrou da passagem secreta que levava ao castelo. A entrada era um longo túnel que começava em uma caverna escondida naquela mesma clareira. Se ela pudesse distrair os homens, e escapar dali sem ser molestada... mesmo se eles a seguissem, ela logo se livraria deles escondendo-se nas tantas frestas e voltas do túnel.

Quando seu olhar localizou a caverna escondida, o inesperado aconteceu. Os arbustos se abriram dando passagem a um homem. Ele era alto e magro, mas bastante musculoso, e se movia com a agilidade e a graça de um gato. Vestia uma saia, o que revelava ser ele um escocês. Sarra o observou fascinada enquanto o estranho atravessava a clareira.

Seus olhares se cruzaram e o homem dirigiu a Sarra um sorriso que deveria ser animador, mas que pareceu a ela mais uma careta feroz. Mesmo assim, por alguma razão, sentiu menos medo desse estranho do que dos quatro homens que a vigiavam. Sarra supôs que tinha a ver com o modo com que os guardas de d'Angers a olhavam lascivamente. Ao contrário, o recém-chegado não estava prestando uma atenção especial à nudez dela, mas seu interesse parecia voltado totalmente aos homens de quem se aproximava.

Voltou a olhar os três homens. Nenhum parecia ter percebido a aproximação do estranho, e por um momento, Sarra teve certeza de que ele os surpreenderia. Mas então um dos homens, aquele que segurava seu vestido, ficou atento e começou a se virar como se tivesse escutado ou percebido alguma coisa.

O pânico fluindo em seu corpo, Sarra fez a única coisa que poderia distrair o homem. Levantou-se da água. Era uma atitude estúpida e gerada pelo nervosismo e terminou fazendo com que seus cabelos se soltassem mais uma vez, permitindo que cobrisse parte de seu corpo nu antes de desaparecer na água que estava à altura de sua cintura.

O homem de d'Angers prontamente parou de se virar, mantendo os olhos, arregalados, presos no corpo nu que tinha à sua frente. Neste instante, foi golpeado no lado da cabeça pela espada do estranho.

Naturalmente, o som com que despencou no chão chamou a atenção dos outros três homens, e Sarra suspirou de alívio quando eles voltaram seus olhos e notaram o recém-chegado na clareira. Houve um momento de completo silêncio e imobilidade. Jocks foi o primeiro a falar:

— Quem diabos é você?



— Sou Calum MacNachton — o estranho respondeu calmamente.

— Um MacNachton — Sarra murmurou baixinho. Já ouvira falar sobre esse clã. Não havia quem não tivesse ouvido. Eram guerreiros imbatíveis e corriam rumores de que existiam bruxos e outras criaturas estranhas no meio de seu povo. Ela, contudo, não costumava acreditar em boatos.

— Bem, o que tem a fazer aqui, estranho? — Jocks perguntou com um olhar carrancudo, franzindo as suas sobrancelhas.

— Na verdade, nada—Calum respondeu. — Mas também penso que os senhores não deveriam estar aqui.

Jocks estreitou os olhos.

— Estou aqui pela moça.

— Oh, bem, Dourada não parece desejar ir com você — Calum observou.

Sarra ficou confusa. Dourada? Levou a mão inconscientemente aos cabelos e sua mente fez a conexão que gerara o apelido.

— Isso não é de sua conta, amigo — Jocks disse com raiva. — Mova-se daqui agora mesmo ou mandarei meus homens acabarem com você.

Calum arqueou uma das sobrancelhas em uma expressão vagamente irônica.

— E se vocês sumirem daqui agora, eu não acabo com suas vidas — ele retrucou, sem se perturbar.

Sarra mordeu os lábios nervosamente enquanto os comparsas de Jocks olhavam para o chefe. Todos eles notaram a raiva que havia em sua expressão quando ele suspirou e balançou a cabeça. Com o coração pesado, Sarra o viu levantar a espada e, sem dizer palavra alguma, dar passagem para os seus homens atacarem o estranho.

Ela desejou que o rapaz concluísse que era bobagem entrar em tamanha encrenca e simplesmente se virasse e fosse embora, mas esta tinha sido uma esperança tola. Calum MacNachton era apenas um homem contra os três. Ela temia muito que o estranho fosse vencido rapidamente e então chegasse a hora em que seria arrastada para fora do rio e levada embora. Sarra não queria ver esse homem valente morrer em uma tentativa corajosa, mas infrutífera. Abriu a boca para dizer isso, mas demorara tempo demais e percebeu que a batalha já começara e o primeiro golpe de metal contra metal soou na clareira. Rapidamente ela procurou alcançar a margem.

Era difícil mover-se na água a não ser nadando. Era uma lição que Sarra tinha aprendido havia muito tempo, mas ainda assim, o fato a aborreceu enquanto lutava para vencer a distância que a separava da margem. Estava impaciente e levemente agitada quando finalmente conseguiu chegar até o comparsa de Jocks que, mesmo inconsciente,

ainda segurava as roupas dela. Infelizmente, o idiota havia caído sobre a combinação e o vestido, e agora ela teria de fazer força para liberar as peças.

Com considerável esforço, Sarra conseguiu puxar a combinação. Inclinou-se para pegar o vestido, olhando ao mesmo tempo para ver o que sucedia com os homens. Alarmada, notou que MacNachton dava ares de estar um pouco debilitado, tendo de se esforçar para continuar lutando. Naquele momento, encostara a uma árvore enquanto enfrentava os três homens, mas com dificuldade.

Momentaneamente desistindo de pegar de volta a sua roupa, Sarra endireitou o corpo e olhando em volta da clareira, procurou por algo que lhe servisse como uma arma. O homem inconsciente tinha uma espada, mas estava caído sobre ela.

Visualizou um galho comprido e grosso ao longo da margem do rio e correu para pegá-lo. Entretanto, era muito pesado e estava encharcado, e ela teve dificuldades em levantá-lo e mantê-lo a altura do ombro. Quando conseguiu, mal se mantinha de pé.

Por fim Sarra firmou-se e caminhou determinada para onde estava o mais próximo dos capangas de Jocks atingindo-o na cabeça com o galho. O homem caiu como um saco de trigo.

Então ela voltou sua atenção a Calum MacNachton. Não estava certa do que esperava por parte do estranho. Um agradecimento, talvez, ou pelo menos um sorriso de satisfação. Em vez disso, ele lhe dirigiu uma cara feia e soltou uma repreensão.

— Vista-se, mulher!

Sarra soltou a respiração, exasperada.

— Que gratidão de sua parte — ela resmungou, deixando o galho cair e voltando para o lado do homem inconsciente para tentar pegar o seu vestido mais uma vez.

— Esse MacNachton estúpido que vá esperando que eu o ajude novamente! — ela exclamou fazendo força para liberar a roupa. Sua raiva chegou a níveis altíssimos e ela fez toda a força de que era capaz e conseguiu puxar o vestido. Infelizmente, não contara que com tal movimento perderia o equilíbrio. E foi o que aconteceu. Sarra caiu para trás no chão enlameado.

Mal registrará a dor de seu corpo provocada pela queda, quando se viu levantada à força.

— Pare de brincadeiras e se vista — Calum MacNachton sibilou.

— O quê?! — Ela estava atônita. Voltou-se então a tempo de ver MacNachton vibrar a sua espada contra a dos homens de Jocks. Ele a largara finalmente, voltando sua atenção total à batalha, e Sarra tornou a pegar o seu vestido.

— Estúpido, arrogante, mandão... homens — ela resmungou enquanto se esforçava

em fazer o vestido entrar em seu corpo molhado, mas seus esforços cessaram quando uma blasfêmia lhe chegou aos ouvidos.

Abaixando o vestido, Sarra deu uma olhada na direção onde os três homens lutavam. Para seu horror, MacNachton recuara tropeçando no tronco que ela deixara caído no caminho. Arregalou os olhos assustada quando o viu esparramar-se no chão e os dois homens se aproximaram para tirar vantagem desse infortúnio.

Movendo-se com rapidez, Sarra largou novamente a roupa, agarrou com força a espada que estava debaixo do corpo do homem que ela derrubara com o galho, e colocou-se entre Calum e os outros dois homens. Jocks e seus homens pararam imediatamente, a irritação nítida em seus rostos.

— Saia do caminho, garota — Jocks declarou, e tentou chegar até onde estava o homem caído.

— Não ouse se dirigir a mim dessa forma. Para o senhor, hou lady DeCourcey — Sarra retrucou, dando um passo para o lado para voltar a bloquear-lhe o caminho. Imediatamente percebeu o seu erro quando o segundo homem se moveu pelo espaço aberto que ela deixara e levantou a espada para atingir Calum em cheio. Para seu grande alívio, ela escutou o barulho de metal contra metal. Calum havia se recuperado e estava de pé, de volta à batalha.

Sarra teria continuado ao lado dele. Não tinha idéia do que estava fazendo, e a espada era extremamente pesada, mas pelo menos poderia distrair Jocks o suficiente para MacNachton acabar a luta com o outro homem. Ou assim ela pensava fazer, até que sentiu alguém lhe segurar o pescoço por trás e empurrá-la para fora da área de luta.

— Vista-se — veio o grunhido de MacNachton, enquanto ela ia parar a um metro de distância graças ao empurrão que ele lhe dera. Parecia que o homem não queria mesmo sua ajuda, Sarra compreendeu irritando-se ainda mais. Honestamente, Calum era um sujeito nervoso e mandão. E na verdade, ela não estava acostumada a receber ordens ou censuras de ninguém. Sir Elman tinha sido sempre um homem educado e bondoso, nunca dado a ser mandão ou exigir qualquer coisa quando se tratava de sua filha. O fato era que ele a tinha mimado demais.

Irritada o suficiente para obedecer ao homem e deixá-lo decidir a luta por conta própria, Sarra largou a espada e voltou para onde deixara seu vestido. Ainda resmungando, ela enfiou-se dentro dele, notando que estava cheio de grama e lama por ter sido jogado no chão tantas vezes.

De repente, percebeu que o vestido estava do avesso. Despiu-se para colocá-lo do lado certo. Voltando a olhar o combate, percebeu horrorizada que mais uma vez o estranho

parecia perder as forças. Aparentemente não tinha sido atingido por nenhum golpe e ainda enfrentava com extrema bravura Jocks e o outro homem, mas seus movimentos se tornavam lentos e mais difíceis.

Não estava em nada surpresa. Ele vinha lutando duas ou três vezes com mais ímpeto do que qualquer um dos seus oponentes. Parecia óbvio que se a luta não se encerrasse logo, ele cairia e possivelmente morreria nas mãos dos homens de lorde d'Angers.

Sarra sabia que Calum MacNachton não aprovava a interferência dela, mas não podia simplesmente deixá-lo entregue ao pior destino. Sacudindo a cabeça, ela jogou o vestido sobre o dorso do cavalo e procurou pelo saco pendurado na sela. Tirou de dentro dele um arco e uma flecha e estava justamente se preparando para atirar, quando um gemido a levou a se voltar para onde se travava a batalha. Seus olhos se encheram de horror quando viu que Calum MacNachton estava de pé, sua espada enterrada no peito do último homem que ainda lutava ao lado de Jocks. Isso não a perturbou tanto quanto o fato de que Jocks tinha obviamente tirado vantagem de que o escocês estava momentaneamente sem sua arma para então enfiar a sua própria espada no corpo de MacNachton. Os três homens formavam uma cena estranha e assustadora, o capanga de Jocks com uma espada enterrada no peito, MacNachton olhando a espada enfiada em seu estômago, e Jocks desarmado e sorrindo para Calum como se tivesse triunfado.

Passou-se apenas um instante, e Calum subitamente ergueu a cabeça, olhou para Jocks, e o atingiu no rosto com seu punho.

Sarra estremeceu ao ouvir o barulho de osso quebrado quando a cabeça de Jocks recebeu o impacto do soco. Não ficou surpresa em vê-lo cair de costas na lama. O golpe tinha sido sonoro.

Ela olhou para Jocks que estava caído de barriga para baixo e depois para Calum a tempo de vê-lo pegar a sua espada de volta, tirando-a do corpo do homem caído. Agora MacNachton era o único homem que se mantinha de pé. Apesar de que não seria por muito tempo, Sarra temeu, ciente do estado do escocês. Arregalou os olhos quando ele jogou a espada que estava em suas mãos para tirar aquela que estava enterrada em seu estômago.

Certamente ele não deveria... Ele não poderia...

MacNachton puxou a espada e jogou-a longe com um rugido que era um misto de raiva e dor. Largando seu arco e flecha, Sarra correu na direção dele, alcançando-o a tempo de evitar que ele caísse no chão.

Ela gemeu quando se colocou debaixo do ombro de Calum e o segurou. O som, ou talvez o movimento, pareceu despertá-lo e ele se endireitou um pouco. Abriu os olhos e

estes revelaram sua surpresa ao ver que Sarra o sustentava. Colocou a mão sobre o ombro dela e então abriu a boca para falar:

— Pegue... — ele começou a dizer com dificuldade.

Sarra preocupou-se ao vê-lo tocar em seu ferimento e inclinar-se para a frente para tossir; então ela avistou a espada o pensou entender o que ele queria dizer.

— Quer que eu pegue a sua espada? — ela perguntou, abaixando-se e rapidamente pegando a arma que estava caída no chão. — Aqui. Ei-la aqui.

Sarra enfiou a espada de volta no cinto de Calum, então voltou a sustentar o seu peso.

Ele sacudiu a cabeça em protesto.

— Pegue...

Ela colocou a mão no peito dele quando Calum recomeçou a tossir. Seu olhar voltou-se para o ferimento. Havia surpreendentemente pouco sangue, considerando a natureza de corte, mas ela começou a suspeitar que o ferimento tinha atingido o pulmão.

— Quer que eu pegue o meu cavalo e vá buscar ajuda? — ela sugeriu. — Farei isso. Somente preciso examinar primeiro o seu ferimento.

MacNachton sacudiu a cabeça aparentemente frustrado e tentou mais uma vez.

— Pegue a sua roupa e vista-se, mulher.

Sarra gelou ao ouvir as palavras de Calum e toda a preocupação que vinha sentindo se evaporou.

— Oh, você... Ohhh!... — exclamou exasperada, empurrando o braço do rapaz que se apoiava em seu ombro.

Deixando-o ali parado por conta própria, não se importando mais se ele conseguiria se manter de pé ou cairia. Ela caminhou até onde estava a sua égua e pegou o vestido.

Calum MacNachton era o homem mais desagradável, exasperante e tolo que ela conhecia. Só tinha uma coisa na cabeça. Parecia obcecado em mandá-la se vestir.

Sarra enfiou o vestido com gestos bruscos, levou um bom tempo endireitando-o no corpo, então se voltou para Calum.

—Assim está melhor? Posso salvar agora a sua lamentável vida e parar o sangramento? Ou devo calçar primeiro os sapatos e arrumar o meu cabelo?

As palavras de Sarra morreram lentamente quando ela percebeu que o homem não estava mais onde o deixara. Nem havia caído no chão como considerara possível.

Surpresa, ela o avistou a meio caminho da clareira. Enquanto estivera ocupada em se vestir, ele tentara voltar para a caverna de onde viera. No entanto, não tivera a força

necessária para a jornada. Enquanto ela olhava, Calum caiu de joelhos a alguns metros do arbusto que escondia a entrada da caverna.

— O que pensa que está fazendo? — Sarra gritou, correndo para acudi-lo.

Mais uma vez com esforço, conseguiu fazer com que ele ficasse de pé. E então tentou levá-lo até a égua, mas ele resistiu e não se moveu.

— Precisamos fazer com que você suba em meu cavalo e então iremos procurar ajuda — ela disse, tentando forçá-lo à se virar.

— Não. — Calum balançou a cabeça em uma negativa. — O sol... Ele me enfraquece. A caverna... — ele apontou.

— Mas...

— A caverna — ele repetiu, e ainda assim Sarra hesitou. MacNachton tinha um ferimento grave no estômago e não deveria estar se movimentando de um lado para o outro.

No entanto, parecia determinado a chegar à caverna e não faria bem a ele aborrecê-lo naquele momento.

Voltou a olhar para a égua e depois para a entrada da caverna e buscou a melhor opção. Deveria obrigá-lo a montar na égua e então os dois rumariam para o castelo onde ela cuidaria de seus ferimentos. Sarra não tinha muita certeza se que ele conseguiria ficar firme sobre a sela sem a ajuda de alguém. Tampouco ela tinha a força necessária para segurá-lo. Isso se MacNachton conseguisse subir no animal.

No entanto, se ela o levasse à caverna, poderia tentar examinar o ferimento dele, depois o deixaria escondido enquanto cavalgasse até o castelo. Certamente ele ficaria em segurança enquanto ela buscava ajuda. Poucos eram os que sabiam da existência daquele refúgio.

— A caverna — Calum voltou a insistir, parecendo agora desesperado.

Sarra procurou sustentá-lo, segurando-o firme pelo braço, e com esforço, os dois foram caminhando. Chegaram ao destino completamente sem ar e exaustos, mas felizmente MacNachton pareceu se animar por estar naquele lugar escuro e úmido.

Sarra olhou em volta com curiosidade. Fazia anos que ela estivera ali dentro. Tinha sido o seu pai quem a trouxera até aquele lugar e lhe mostrara a passagem secreta que dava para o castelo. Na ocasião, emocionara-se com o fato de o pai compartilhar com ela de um segredo. Agora, estava satisfeita por conhecer aquela passagem. Não precisaria cavalgar em campo aberto e talvez cair em alguma armadilha arquitetada por d'Angers.

Procurou examinar o local, mas não tinha muito a ser visto. Tudo estava sob sombras e havia apenas algumas frestas nas paredes de pedra por onde entravam finos

raios de sol.

Foi então que viu o cavalo. Negro e enorme.

— É seu, não é? — Sarra murmurou enquanto o cavalo se aproximava em direção aos dois e lhes fazia um agrado. A resposta de Calum foi um grunhido que ela considerou como sendo um sim.

Olhou para o rapaz com preocupação. Ele parecia agora mais pesado e Sarra não tinha muita certeza se conseguiria segurá-lo por muito mais tempo.

— Sente-se aqui — ela disse, tentando forçá-lo a se sentar, mas ele resistiu.

— Longe da luz — Calum insistiu.

— Estamos longe da luz — ela lhe assegurou. — Apenas sente-se ou cairá e se machucará ainda mais.

— Longe da luz — ele tornou a repetir, gesticulando em direção para o espaço de terra que ainda havia entre os arbustos e o interior da caverna. — Ela me enfraquece. Morro... se ficar aqui fora.

Sarra sentiu um arrepio ao ouvir essas palavras. Podia acreditar que o homem fosse sensível à luz do sol. Havia escutado histórias sobre pessoas cuja pele reagia mal ao se expor ao sol, mas suspeitava que o pânico esboçado por Calum talvez fosse mais resultado de seu ferimento. Ele estava pálido, gelado e respirava com dificuldade, e obviamente não conseguia raciocinar direito.

Por outro lado, era melhor fazer-lhe as vontades, assim calou-se e o ajudou a chegar à caverna e só parando depois de uma curva que havia lá dentro. Nesse ponto, toda e qualquer claridade desaparecera. Ela agora mal conseguia dar um passo à frente.

Bem, aquele era o ponto perfeito, Sarra pensou. Escuro, úmido e assustador. Antes que ela pudesse reclamar, Calum deixou de apoiar-se nela. Confusa, procurou por ele na escuridão, aliviada quando conseguiu localizá-lo tocando em seu peito musculoso. Obviamente, MacNachton havia se apoiado na parede da caverna.

Incerta sobre por quanto tempo ele conseguiria ficar de pé apoiando-se apenas em uma parede, Sarra começou a tatear na escuridão. Queria examinar o ferimento de Calum, mas para isso precisava de claridade.

— Espere aqui — ela ordenou, caminhando em frente e tentando se lembrar onde tinha visto tochas presas às paredes quando estivera ali com seu pai. Ainda deviam estar lá, e ela sabia que o pai sempre procurava manter a passagem em boas condições para o caso de precisarem passar pela caverna. Sir Elman vistoriava e mudava as posições das tochas periodicamente. Sarra supunha que assumiria em breve. Ha função. A saúde do pai não estava boa e não esperava vê-lo curado. Era vítima de uma doença fatal e ficava mais pior

a cada dia.

Foi tomada por uma profunda tristeza, mas procurou se ocupada apalpando as paredes em busca de alguma tocha. Por fim encontrou uma. Agora precisava acendê-la e ela não era muito hábil nessas tarefas. Teria de encontrar uma pederneira já que o pai sempre colocava uma ao lado de cada tocha.

Pôs-se em ação e em minutos conseguiu acender a tocha, surpresa consigo mesma por ter obtido sucesso sem muita dificuldade.

Aliviada em ver o fogo amenizar a escuridão que havia dentro da caverna, ela recolocou a tocha no gancho e voltou para onde deixara Calum. Ele continuava apoiado na parede da caverna, mas seus olhos estavam fechados, seu rosto sem qualquer sinal de dor. Sarra não tinha certeza de que ele estivesse consciente, apesar de estar de pé.

Praguejou pensando em d'Angers e em Jocks e seus homens. Rasgou um pedaço da barra do vestido para usar como bandagem para o ferimento de Calum. Era uma atitude provisória, depois pensaria em seu próximo passo.

Mal o pensamento lhe passara pela cabeça quando Sarra arqueou sob o peso de Calum. Ele voltara a buscar apoio. O rosto estava encostado no pescoço dela.

— Vá — ele murmurou. — Tem de ir embora. — Voltou a silenciar, respirando com dificuldade como se estivesse em uma corrida.

Sarra perturbou-se em ver o estado em que Calum se encontrava.

— Vou buscar ajuda — ela murmurou baixinho.

Sua preocupação aumentou ainda mais quando não escutou resposta alguma. Calum fechara novamente os olhos e agora havia uma expressão de dor em seu rosto.

Como ele não respondesse, Sarra procurou enxergá-lo, mesmo na escuridão.

— Está me entendendo? — ela perguntou, não querendo partir deixando que ele pensasse estar sendo abandonado. — Vou encontrar alguma ajuda e voltarei o mais depressa que puder, eu prometo. Apenas fique deitado e descanse até que eu volte.

Tentou forçar Calum a deitar-se novamente, mas ele se opôs, e depois de um instante, ela desistiu. Com certeza ele não demoraria em cair... e provavelmente bateria a cabeça ferindo-se ainda mais. O rapaz era muito mais forte do que ela e mesmo doente não conseguiria forçá-lo a nada.

Deixando-o ali, seguiu para a primeira caverna, surpresa em ver que o cavalo de Calum ainda estava lá. Ela chegara a ouvir o animal os seguindo para a segunda caverna, a mais escura, e não percebera que ele deixara o local. Aparentemente, assim como ela, o cavalo não gostava também da escuridão e tinha ido em busca de claridade. Estivera muito distraída envolvida em procurar e acender a tocha para notar isso, concluiu.



Fazendo um agrado no cavalo, Sarra alcançou a boca da caverna, mas parou abruptamente, surpresa com o que viu. Três dos homens haviam acordado e estavam de pé. Somente aquele que tinha a espada enfiada em seu corpo permanecia no chão, provavelmente morto ou muito ferido.

Ela não ia a parte alguma.

## Capítulo II

Ela não pode ter ido muito longe. A égua ainda está aqui.

As palavras de Jocks chegaram facilmente aos ouvidos de Surra, mesmo ela estando na entrada da caverna, a certa distância da clareira. Olhou em volta temendo que pudesse ser avistada pelos homens de d'Angers, mas aparentemente os arbustos e a vegetação meio fechada tornavam a caverna um lugar seguro. Contaria com a sorte na esperança de que os homens desconhecêssem a existência daquela caverna. Na verdade, era bem escondida, apesar de que Calum MacNachton deveria conhecê-la.

Ouvira rumores de que os MacNachton conheçam todas as cavernas da floresta e costumavam lá pernoitarem quando em viagem.

— Ela não pode ter ido longe a pé e com um homem ferido — Jocks prosseguiu com suas conclusões. — Eles devem estar juntos porque não encontrei corpo algum.

— Pode ser que MacNachton tivesse um cavalo — um dos homens sugeriu.

— Não vi nenhum na hora em que estávamos lutando. — Jocks parecia irritado com a sugestão. — Espalhem-se. Procurem pelos dois. Lorde d'Angers não vai nos perdoar se voltarmos com mãos vazias.

— E quanto a Jasper? — O primeiro homem que Calum derrubara apontou para o colega caído no chão. — Ele precisa ser socorrido. Teve o peito perfurado pela espada daquele maldito escocês.

— Deixe isso para depois — Jocks ordenou. — Temos de encontrar lady DeCourcey de qualquer maneira.

— Mas Jasper pode morrer! Está desacordado e perdendo muito sangue.

— E daí? — Jocks deu de ombros. — Quer se explicar pessoalmente com lorde d'Angers ao lhe contar que a moça fugiu porque um dos nossos estava ferido e o acudimos?

Surgiu medo nos olhos do homem que imediatamente se enfiou pela mata, deixando Jasper entregue ao seu próprio destino. Bastou um olhar de Jocks para fazer com que o terceiro homem se movimentasse imediatamente. Isso deixava Jocks sozinho na clareira.

Sarra estremeceu quando ele levantou-se e caminhou em direção à égua.

Para seu alívio, ao sentir a aproximação do estranho, o animal se alertou e disparou em direção ao bosque. Provavelmente voltaria ao castelo. Era o que Sarra mais desejava que acontecesse. Se a égua chegasse lá sem sua dona, todos entrariam em alerta e viriam à sua procura. Se isso acontecesse, Jocks e seus homens teriam de fugir para as terras de d'Angers. Pelo menos, era essa a sua expectativa.

Um gemido vindo do fundo da caverna deixou-a preocupada. Talvez Calum MacNachton não pudesse esperar por uma equipe de busca vinda do castelo. Ela precisava tirá-lo dali imediatamente. Era arriscado ficai' sentada contando com a sorte.

Voltou o olhar para a clareira, mas não havia nada que a interessasse. A égua partira, Jocks voltara a se sentar, esperando por seus homens. Obviamente, contava com que algum deles viesse com a notícia de que havia encontrado a mulher que deviam levar a lorde d'Angers.

Muito provavelmente, os homens do castelo já estavam a caminho, mas ela não podia esperar por muito mais tempo. Bem, ela podia, mas o homem sangrando lá no interior da caverna não podia.

O garanhão negro moveu-se, chamando a atenção de Sarra, e ela o observou enquanto considerava as suas opções. A primeira que lhe veio à mente foi subir no cavalo, conseguir fazer com que Calum subisse também e juntos fugissem dali, mas a presença de Jocks e a fraqueza de Calum representavam um sério problema. Se não cavalgassem a toda velocidade não seria possível evitar um novo ataque de Jocks. E se Calum caísse do cavalo...

Outra opção era cavalgar sozinha em busca de ajuda. Sarra não tinha dúvida de que sozinha seria rápida o suficiente para evitar que Jocks a detivesse, mas ele sem dúvida identificaria o local de onde ela surgira, descobriria a caverna, e poderia entrar lá dentro. Tanto o túnel como o indefeso Calum seriam descobertos então, e ela não podia se arriscar

a tanto.

Voltou o olhar para o fundo da caverna. A câmara onde Calum a esperava dava caminho para duas direções. Um túnel levava a outros mais e quem não conhecesse o caminho certo terminava irremediavelmente perdido naquele labirinto e jamais chegaria ao castelo. Ela, no entanto, sabia quais túneis escolher.

Se conseguisse fazer Calum subir em seu cavalo e dirigisse o animal através dos túneis certos, eles chegariam ao castelo antes da égua e talvez até antes de os soldados deixarem DeCourcey.

Ela diria aos seus homens quem exatamente estariam procurando e onde Jocks e seus capangas se encontravam. E o mais importante, poderia examinar com mais cuidado o ferimento de Calum e medicá-lo. Seu salvador não podia morrer. Faria qualquer coisa para impedir que isso acontecesse.

Esse parecia ser um plano interessante, ou melhor, o único plano de que dispunha diante das circunstâncias atuais. Não podia sair em campo aberto e deparar com Jocks.

Olhou mais uma vez para a clareira e resmungou de raiva. Jocks continuava lá e em nenhuma vez se preocupara com o homem que se encontrava ferido e caído no chão. Nem tentara estancar o sangue de seu ferimento.

Quem sabe eleja estivesse morto.

Desgostosa, pegou as rédeas do cavalo de Calum e começou a lhe murmurar algo no ouvido.

— Vamos ter de levar o seu dono para o meu castelo. Você virá comigo sem dar trabalho algum, não é?

Sarra entrou na caverna puxando o animal. O som dos cascos do animal ecoou de tal forma que ela teve medo de que fosse ouvido por Jocks ou por algum de seus capangas. Assim, por cautela, a todo momento olhava para trás para se certificar de que ninguém aparecesse na entrada da caverna. Até aquele momento, felizmente, não surgira ninguém. Não abaixou a guarda enquanto não dobrou a curva que levava à segunda caverna. Nesse ponto esperava que se Jocks por acaso ouvisse o barulho e entrasse no esconderijo para investigar, teria pela frente apenas uma caverna escura e aparentemente deserta. Então descartaria a idéia de que alguém pudesse estar lá dentro.

Não querendo se arriscar, Sarra apressou o passo para chegar logo onde Calum estava.

Para seu alívio, encontrou-o ainda encostado na parede de pedra da caverna. Tentou avaliar-lhe o peso. Calum MacNachton era um homem alto e musculoso. Tinha as pernas longas e os ombros bastante largos.

Não tinha uma tarefa fácil pela frente, ela pensou. Mas pelo menos precisava tentar ajudá-lo a subir no cavalo.

— Calum — murmurou baixinho. — Acha que consegue montar? Preciso levá-lo ao castelo para cuidar de seu ferimento. Sarra podia ver o branco de seus olhos quando ele os abriu vagorosamente na escuridão e teve certeza de que entendera perfeitamente o que ela pretendia fazer. Mesmo assim, Calum ficou parado por um momento, depois procurou endireitar o corpo e se aproximar do cavalo.

Soltando as rédeas, Sarra imediatamente se pôs a ajudá-lo, trançando as mãos para que ele tivesse onde se apoiar ao tentar subir.

Calum levantou um pé bem devagar. No momento em que ele começou a pôr peso nas mãos de Sarra a fim de ter condições de erguer o corpo, ela procurou ajudá-lo dando-lhe um empurrão extra para se assegurar que ele alcançasse e se sentasse na sela. Aparentemente sem força para se manter firme na sela, Calum perdeu o equilíbrio e caiu do outro lado do cavalo.

Ao ouvir o gemido, Sarra correu para ver o que teria acontecido desta vez.

O homem estava caído de bruços. Sarra se ajoelhou e consternada examinou o rosto de Calum. Os olhos estavam fechados, a boca aberta, e o lado de seu rosto pressionado contra o chão.

— Oh, Deus. Quero salvar esse homem e serei eu a acabar definitivamente com ele — Sarra se lamentou. — Lorde MacNachton? — arriscou chamá-lo. — Está me ouvindo?

Quando não recebeu resposta alguma, colocou a mão abaixo das narinas e perto da boca de Calum. Sentiu o calor fraco da respiração.

— Oh, felizmente não o matei — ela murmurou aliviada. — Ainda não — acrescentou quando a única resposta do rapaz foi um gemido.

Suspirando, ela levantou os olhos para o cavalo e depois os voltou para o homem caído no chão sujo da caverna. Nervosa, avaliou as suas possibilidades. Precisava tirar Calum dali o mais depressa possível, antes que Jocks os encontrasse.

Voltou-se mais uma vez para o seu salvador.

— Desculpe-me por tê-lo machucado, lorde MacNachton. Será que poderia acordar agora e subir em seu cavalo? — perguntou, incerta de que ele estaria consciente.

Mais uma vez não recebeu qualquer resposta. Oh, Deus, o estado do infeliz piorava a cada minuto que passava. E ela contribuía para que isso pudesse acontecer.

— Prometo não derrubá-lo desta vez, milorde. Bem... talvez eu consiga não derrubar o senhor — ela se corrigiu.

Ficou atenta naquela escuridão, contudo não conseguiu ouvir resposta alguma.

Sarra suspirou e levantou-se. Teria de fazer tudo por si mesma.

— Você consegue — ela assegurou a si mesma. — Bem, talvez...

Revirando os olhos diante de suas próprias dúvidas, tentou uma nova estratégia. Agarrou com as duas mãos a túnica de Calum e procurou levantá-lo. Animou-se quando viu que ele se erguera um pouco. A alegria, porém, durou pouco. Sarra ouviu o barulho do tecido se rasgando e Calum mais uma vez foi ao chão.

— Oh, Deus—ela murmurou ao ver a bela túnica escocesa dividida agora em duas partes. O tecido não aguentara o peso do rapaz. Para não sentir remorsos por ter destruído as vestes dele, ela procurou acreditar que se tratava de um tecido de qualidade inferior. Mesmo assim, preocupou-se então em não acabar rasgando também a saia que ele usava.

Todavia, a túnica rasgada não era a consequência maior do novo tombo. Provavelmente o ferimento de Calum sofrera demais com o impacto.

— Isto não está saindo como eu planejei — Sarra lamentou-se. — Oh, milorde, acorde e colabore, por favor. — ela pediu, apesar de o rapaz estar em estado de inconsciência.

Pareceu-lhe então escutar alguma coisa e encheu-se de esperanças.

— Disse alguma coisa, milorde?

— Não sou... um... lorde. E que... diabos... está... fazendo? — ele resmungou entreabrindo os olhos.

Felizmente ele estava vivo e falando! Procurou não se ofender com o tom ríspido das palavras dele, pois, decerto era por conta do nervosismo e dos ferimentos.

— Estou tentando levá-lo até o seu cavalo, senhor — ela explicou. —Acredita que possa ajudar? Quando estiver montado, seguiremos por um caminho que somente eu conheço. Chegaremos ao meu castelo e lá o senhor receberá todos os cuidados de que precisa.

Houve um novo momento de silêncio, então Calum moveu uma das mãos, depois a outra e por fim tentou se colocar de pé.

Sarra manteve-se atenta para evitar que ele caísse, caso perdesse os sentidos novamente. Juntos, conseguiram se aproximar do cavalo. Com esforço incrível, Calum montou sobre a sela, mas em posição completamente insegura.

Sarra retomou a respiração, sentindo-se exausta. O rapaz pareceu dizer alguma coisa e ela se aproximou.

— O que disse, milorde?

—A túnica... — ele murmurou confuso, tentando levantar uma das mãos e cobrir-se. Não tinha a força necessária, porém, e a deixou cair para o lado.

Calum notara sua túnica rasgada e agora o seu peito nu deixava exposta a bandagem que ela colocara em volta de seu estômago.

Esta era a menor de suas preocupações, Sarra pensou.

— Precisamos primeiro amarrá-lo ao cavalo, milorde — ela explicou a Calum. — O senhor não consegue se firmar sozinho na sela, não é?

— Não me prenda com a corda — ele pediu.

Sarra procurou ajeitá-lo melhor sobre a sela, segurando-lhe as pernas.

— Vou levantá-lo, milorde, para que possa se ajeitar. Seria bom se pudesse ajudar amolecendo o corpo.—Ouvindo ele dizer alguma coisa, mas não entendeu as palavras. Tampouco iria insistir. Respirou fundo, apertou novamente as mãos nas pernas de Calum e o empurrou para cima. O gemido que ele soltou foi de cortar o coração do mais insensível dos homens.

Por fim ela conseguiu endireitá-lo sobre a sela. Essa sensação de sucesso foi breve, porém. O corpo de Calum se moveu e inclinou-se sobre o traseiro do animal. Para piorar, as duas pernas pendiam para um só lado.

— Será que consegue passar uma das pernas para o outro lado, senhor?—ela pediu, sem muita esperança de ser atendida.

Calum não respondeu.

— Diabos — Sarra resmungou. Mas pelo menos eleja estava montado no cavalo e isso já era um progresso.

O ferimento, contudo, continuava pressionado contra o dorso do animal e Calum devia estar inconsciente mais uma vez.

Por um momento, pensou que atitude tomar. Finalmente, rasgou mais um pedaço da barra de seu vestido. Pegou uma das mãos de Calum e começou a amarrá-la ao cavalo. Pensou a tempo que isso não seria suficiente, uma vez que ele poderia pender para um lado e levar a sela com ele. Então, decidiu passar as tiras por baixo do cavalo.

— Vou amarrá-lo em sua barriga, garoto — ela murmurou dirigindo-se ao garanhão com voz suave. — Não vá me derrubar, por favor.

Não houve qualquer reação por parte do animal que indicasse que ele tivesse ouvido ou sequer entendido o que ela dissera, mas Sarra simplesmente suspirou e passou a tira que amarrava o corpo de Calum por baixo do cavalo. Pelo menos agora ele estaria seguro. Satisfeita com o que tinha feito, acariciou o cavalo por ter sido dócil. Agora era seguir em frente. Firmou a vista em busca do caminho que levaria ao túnel e mais uma vez se dirigiu ao animal.

— Temos de levar o seu dono até o meu castelo, meu amigo, para que eu possa

cuidar dos ferimentos dele. Agora vou subir na sela. Espero que não se importe.

O cavalo a olhou por um breve momento e então virou o nariz para os cabelos dela e começou a mordiscá-los.

— Tomarei isso como um sim — Sarra disse rindo. Fez nova carícia no belo animal e o montou com facilidade.

Não seria nada fácil realizar o que pretendia. Calum pendia o corpo sobre o dela, mas aos poucos ela se ajeitou e levou o cavalo para a direção certa. Lembrou-se então de que não pegara tocha alguma e teria de atravessar toda a passagem em plena escuridão. Não tinha certeza de que conseguiria encontrar todos os túneis certos que os levariam ao castelo. Desmontou e procurou a tocha que encontrara antes. Por fim, encontrou uma outra. Tentou usar a pederneira para conseguir acendê-la e finalmente obteve sucesso. Viu-se então com uma tocha acesa nas mãos.

Precisava, agora, redobrar os cuidados. Segurar as rédeas apenas com uma das mãos enquanto com a outra levantava a tocha que iluminaria o caminho. E não correr o risco de colocar fogo no pobre cavaleiro que se encontrava inconsciente sobre a sela.

A luz da tocha era insuficiente para tornar o caminho mais visível. Felizmente, aqui e ali pelo caminho, pequenas frestas nas paredes de pedra ajudariam a clarear em parte alguns trechos.

Mesmo naquela pouca claridade, Sarra percebeu que a saia escocesa de Calum, agora rasgada, revelava que ele não usava nada por baixo. Já ouvira dizer que os escoceses não costumavam usar nada debaixo de seus trajes. Mesmo sabendo que não devia, cedeu ao impulso irresistível de tocá-lo e descobriu que aquela parte do corpo de Calum era macia.

Meu Deus, estou tocando nas partes íntimas de um homem!

Esforçou-se para ignorar o corpo seminu que se encostava ao dela. Deu ordem ao animal para seguir em frente, mas o cavalo não obedeceu de imediato. Fez um som com a boca e então o animal pareceu entender o que ela queria e foi em frente.

Estavam rumando para o túnel certo?, ela se perguntou. Rezava para não ter se esquecido quais túneis deveria escolher.

Mais uma vez voltou a atenção para o corpo de Calum. Já vira outros homens sem roupa, já que era impossível crescer no meio de soldados e não ver nenhum despido. Mas dera apenas algumas olhadelas. Agora, mesmo na penumbra, podia olhar mais atentamente para a nudez daquele belo homem.

Calum MacNachton era de fato um homem muito bonito e seu corpo perfeito.

Resolveu concentrar-se no caminho depois que errou uma entrada e viu-se em um

túnel que não daria a lugar nenhum. Felizmente era largo e ela pôde fazer com que o cavalo girasse e saísse dali, entrando por fim no caminho certo. Soltou um suspiro de alívio quando isso aconteceu, decidida a ignorar o homem ferido que carregava em sua sela. Seguiu entrando e saindo por um labirinto de túneis que levariam a uma entrada que ela esperava encontrar aberta.

Calum soltou um gemido profundo naquele momento e começou a deslizar do cavalo. Sarra gritou temendo ver o cavaleiro cair. Felizmente as tiras com que ela o amarrara ao cavalo o seguraram evitando a queda.

Nervosa, Sarra desejou estar chegando ao seu destino. Procurou identificar as paredes da caverna que anunciariam o fim do trajeto. Animou-se. Se não se enganava, faltava pouco para chegarem e ela suspirou aliviada.

Voltou a olhar para Calum que mesmo com a boca aberta e a expressão sofrida ainda era um belo homem. Tinha cabelos longos e negros, e ela desejou sentir a maciez dos fios. O queixo era firme, a boca bem delineada e o nariz perfeito.

Não se lembrava exatamente da cor de seus olhos que agora estavam fechados.

Como se atendesse a seu pedido, Calum abriu os olhos e ela se viu olhando para aquelas profundezas negras. O olhar dele revelava sua confusão e Sarra sorriu na esperança de lhe assegurar que tudo estava bem.

Respirando fundo, ela elevou a tocha que estava muito próxima dos cabelos de Calum e poderia incendiá-los. O pobre já tinha um ferimento grave e não poderia correr mais nenhum risco. E, no movimento, ela bateu com o cabo da tocha na cabeça de seu salvador.

—Muito bem, Sarra—murmurou para si mesma. — Quer acabar com o homem, não é? Quase lhe colocou fogo nos cabelos e agora o atinge na cabeça com um pedaço de madeira. Fora isso, tudo vai bem nesta nossa jornada.

Estimulou o cavalo a seguir adiante. Momentos depois, soltou um suspiro de alívio. Tinha quase certeza de que a entrada para o castelo estava naquele ponto. Em uma daquelas paredes de pedra, ela deveria encontrar uma saliência e pressioná-la. Isso abriria uma porta que se achava disfarçada.

Sorrindo, voltou sua atenção a Calum. Felizmente conseguira trazer o cavaleiro ainda vivo. Lamentou o corte que agora havia um pouco acima de sua testa, produto de tantos tombos.

Provavelmente cortariam parte daqueles cabelos maravilhosos para tratar do ferimento na cabeça, ela pensou. Mas esse ferimento não era o mais sério e sim aquele onde estivera enterrada a espada de Jocks.



Voltou o olhar para a parede de pedra e notou que nas proximidades havia uma tocha apagada. Desmontou e substituiu a tocha apagada pela acesa. Identificou a parede certa e começou a passar a mão sobre sua superfície em busca de uma saliência.

Fazia muitos anos desde que o pai havia lhe mostrado aquela entrada secreta. Sarra tentou se lembrar onde deveria tocar para que a porta se abrisse.

Oh, ali parecia haver uma estranha saliência. Decidiu arriscar e a pressionou. Ouviu então o barulho de uma trava sendo destrancada.

Aliviada, viu-se diante da passagem aberta. Pegou as rédeas do cavalo e começou a puxá-lo para dentro de um corredor não muito iluminado.

A entrada era estreita e baixa e ela precisou forçar Calum a abaixar a cabeça para que passasse sem se machucar. Estava tão concentrada nessa tarefa, que não percebeu que o rapaz voltara de seu estado de semiconsciência. E não parecia muito satisfeito com o que estava acontecendo. Pelo menos a expressão de seu rosto mostrava isso claramente.

— Oh, o senhor acordou — Sarra forçou um tom de voz alegre, imaginando se Calum estaria aborrecido por causa de seu estado lastimável ou por não saber onde estava.

—Que diabos está acontecendo?—Calum resmungou tentando mexer o corpo. — O que fez comigo?

— Não fiz nada. — Sarra procurou afastar o sentimento de culpa lembrando-se de que o deixara cair inúmeras vezes. — Espere um momento, lorde MacNachton. E abaixe a cabeça, se for possível.

Notou de repente que a altura da passagem não era suficiente para Calum passar montado no cavalo. Sarra dirigiu-se então ao cavalo.

— Mocinho, comece a andar para trás para que você e seu dono possam passar por aqui.

O cavalo, obediente, deu alguns passos para trás.

— Bom menino—ela murmurou, acariciando-lhe as orelhas.

— Como está se sentindo, lorde MacNachton? Acredita poder andar pelo túnel por si só? Ou devo pedir ajuda?

Neste momento, veio à mente de Sarra a bobagem que poderia estar fazendo. Aquela era uma passagem que somente seu pai e ela conheciam. Pelo menos, era o que ele lhe dissera anos antes. Agora ela revelava o segredo para um desconhecido.

— O que a senhora fez comigo? — Calum repetiu a pergunta. Desta vez sua voz soou mais forte. — Desamarre-me do cavalo e me deixe desmontar.

— Claro, imediatamente. — Sarra procurou dar apoio a Calum para que ele lentamente fosse descendo do cavalo.

Os olhos do lorde se abriram lentamente e ele observou Sarra.

—Está tentando me matar, não é? Pois seja rápida e acabe logo com essa tortura.

— Não. Não estou tentando matá-lo, senhor. Mas sim salvá-lo. Pode acreditar.

— O que pensa que vai ser a minha salvação, certamente decretará a minha morte

— ele murmurou e caiu para o lado.

Estava mais uma vez com os olhos fechados e parecia ter voltado à inconsciência.

Sarra procurou por algum objeto cortante na sacola que estava presa ao cavalo. Encontrou algo que parecia uma faca e começou a cortar as tiras com que amarrara Calum.

— O que está fazendo? — ele reclamou com um fio de voz.

— Cortando as tiras com que o preendi ao cavalo, senhor — ela disse exasperada, continuando a cortar o pano. — Está vendo? Não estou pretendendo matar o senhor. E agora, quer se levantar? Quer ajuda para descer?

— Não, obrigado. Posso fazer isso sozinho.

Sarra mordeu os lábios para não sorrir ao ouvir tal bravata. Realmente os homens ingleses tinham fama de teimosos e, pelo que ela podia constatar, os escoceses não eram em nada diferentes.

Olhou ansiosamente enquanto Calum se levantava. Ele tremia e não parecia muito firme de pé.

Sem esperar por consentimento, ela se aproximou e o segurou pelo braço. Calum não protestou e desta vez Sarra teve medo de que este fosse um mau sinal. Suspeitava que ele estivesse pior do que queria demonstrar.

Precisava de ajuda o mais rápido possível. Forçou Calum a andar bem devagar e viram-se dentro de um corredor ladeado de pequenas celas que deviam estar abandonadas desde o tempo em que ela era criança.

Pelo menos não se lembrava do pai prendendo alguém e o trancando em uma cela.

Chegaram à escada que dava para o primeiro piso do castelo e Sarra contemplou os degraus, desanimada.

Como conseguiria que Calum vencesse mais aquele obstáculo?

No entanto, não havia outra escolha. Endireitou os ombros, deu o primeiro passo e surpreendeu-se quando a porta se abriu e a escada subitamente foi iluminada.

Sarra piscou os olhos confusa diante da súbita luz que lhe atrapalhou sua visão.

Tentou entender o que estava acontecendo.

Oh, sim. A porta que dava para a área das cozinhas devia ter sido aberta.

Neste minuto, Calum soltou um gemido e rolou pela escada abaixo.

### Capítulo III

Milady? — Uma voz soou perto das escadas. — É senhora quem está aí?

Sarra olhou para o corpo de Calum caído no chão e sentiu uma ponta de esperança ao ouvir a voz que parecia ser a do mordomo-chefe do castelo.

— Hadley? — ela perguntou.

— Oh, Deus! Então é de fato a senhora! — Um senhor idoso imediatamente começou a descer as escadas vindo em direção a Sarra. — Estava acabando o meu almoço no grande salão, quando fui alertado por criados que disseram ter ouvido ruídos estranhos vindo da direção das celas da antiga prisão. Então pensei que seria melhor dar uma olhada.

Hadley parou dois degraus acima de onde ela estava e pareceu confuso ao ver o corpo de um homem no chão.

— Quem é esse homem, milady? E como vocês dois conseguiram entrar aqui? Pensei que a senhora houvesse ido se banhar no rio e...

— Depois lhe dou maiores explicações, Hadley — Sarra prometeu, interrompendo

as perguntas do velho. — Agora preciso que me ajude, por favor. Quero levar este homem para dentro do castelo. Ele salvou a minha vida e foi ferido na batalha. Precisa de cuidados médicos.

O mordomo não fez mais nenhuma pergunta. Desceu os degraus que os separavam, inclinou-se sobre Calum e procurou levantá-lo. Não conseguiu, mas segurou em um dos braços do ferido enquanto o outro braço era sustentado por Sarra. Assim, não sem esforço, começaram a subir as escadas.

— Disse que este homem a salvou? — Hadley perguntou, a voz soando fraca em virtude do esforço físico que despendia. — Salvou-a do quê, milady?

— Dos homens de d'Angers. — Sarra suspirou um pouco desanimada. Faltavam ainda muitos degraus a subir. Foi então que quase tropeçou porque Hadley parou abruptamente.

—Eles a atacaram na masmorra, senhora?—Aprensivo, o mordomo abaixou o olhar em direção às celas.

— Não, atacaram-me na clareira. Eu estava me banhando quando Jocks e três homens de d'Angers apareceram e exigiram que eu os acompanhasse.

— Mas estamos em paz com d'Angers. Talvez ele apenas desejasse conversar com a senhora. Não podia ser isso?

— Pois os homens me disseram que eu teria de ir com eles concordando ou não. Temo que porque meu pai esteja doente, d'Angers pretenda me forçar a um casamento para assim se apossar de DeCourcey. Estou aqui, agora, somente por causa deste homem. Viemos através do túnel.

Hadley franziu a testa, como se algo lhe tivesse passado pela cabeça. Contudo, ficou de boca fechada. Tinha conhecimento da existência da entrada secreta já havia anos. Não sua exata localização, mas sabia que ela existia.

Sarra observou o velho homem com curiosidade. Não tinha idéia se o pai teria contado ao criado onde ficava a entrada, mas suspeitava que sir Elman não devia ter dito nada. Seu pai sempre insistira que este era um segredo de família e não devia ser compartilhado com ninguém.

Como Hadley continuasse parado e olhando para ela, Sarra se impacientou.

— Temos de levar o homem escada acima, Hadley. Ele precisa de remédios.

— Oh, sim — o velho murmurou baixinho e retomou a subida.

Ficaram em silêncio enquanto venciam o resto dos degraus, mas o mordomo começou a gritar ordens sem parar no minuto em que chegaram à cozinha. Os criados corriam de um lado para o outro, alguns procurando tirar o peso de Calum dos braços de

Hadley.

Enquanto transcorria essa agitação, Malcolm, um dos criados subordinados a Hadley, entrou esbaforido na cozinha, seu olhar cheio de pavor.

—A égua de milady entrou por nossos portões e lady Sarra não estava junto. Ela pode ter... — Malcolm parou de falar quando percebeu a presença de Sarra por trás dos homens que carregavam um desconhecido.

— Oh, milady, a senhora está a salvo! Que maravilha! Pensei que tivesse sofrido uma queda e...

— Lady Sarra está bem, Malcolm — Hadley o interrompeu. — E zele para que a égua receba um bom tratamento — ele ordenou ao criado.

Malcolm concordou e já ia saindo dali, quando Sarra chamou por ele.

— Malcolm, preciso que leve uma patrulha para a área da clareira junto ao penhasco negro. Reúna um bom número de soldados e dêem uma passada por lá. Homens de d'Angers tentaram me raptar e quero saber se ainda estão por lá. Eles provavelmente desistiram de me procurar e devem ter voltado para suas casas. Entretanto, se estiverem lá, quero que os capture e os traga para o nosso castelo.

Os olhos de Malcolm se arregalaram de surpresa e ele imediatamente se voltou para Hadley. O velho mordomo confirmou a ordem com um aceno e tão logo o criado deixou a cozinha, ele encarou Sarra com um pedido de desculpas no olhar.

— Lamento, milady. Julguei que este jovem, agora ferido, tivesse acabado com os homens que a atacaram, caso contrário eu já teria ordenado uma busca aos bandidos imediatamente.

—Meu salvador derrubou três dos homens e feriu o quarto — Sarra explicou. — Foi atingido, porém, por uma espada inimiga e ficou neste estado lastimável. Não pude trazê-lo pelo caminho da floresta. Infelizmente três dos homens de d'Angers estavam conscientes e batendo os arbustos à nossa procura, quando tomamos o caminho de volta para o castelo. Tivemos de deixar os bandidos à solta.

— Oh, entendo. E onde a senhora deseja acomodá-lo? Temos vários quartos disponíveis. Mandarei que as criadas arrumem a cama e que abram as janelas.

Sarra procurou pensar onde seria o melhor lugar. Queria cuidar de Calum pessoalmente. Era o mínimo que podia fazer já que ele havia sido ferido ao salvá-la.

No entanto, ela vinha passando o máximo de tempo possível no quarto do pai desde que sir Elman adoecera, deixando-o apenas quando ia cavalgar e banhar-se no rio. Não tinha intenção alguma de mudar essa rotina e ter de ficar correndo de um quarto para o outro para cuidar dos doentes.

— Milady? — O cozinheiro interrompeu-lhe os pensamentos. — A carne assada que servirei no jantar pode estar queimando neste minuto. A senhora já se decidiu onde colocaremos este cavaleiro?

— No quarto de meu pai — Sarra anunciou com firmeza, sem mudar de idéia apesar de que Hadley não parecia satisfeito com tal decisão. — Não se esqueça de que ele está ferido gravemente por ter me salvado a vida. Desejo acompanhar o seu tratamento e me assegurar de que ele estará melhorando.

Hadley não fez qualquer observação, começando a subir as escadas que davam para o quarto do dono do castelo. Desta vez não era ele a carregar Calum MacNachton, mas alguns criados e o cozinheiro.

Feliz por ver que o mordomo não argumentara com ela, Sarra segurou as saias e seguiu o grupo que subia para o segundo piso do castelo. Parou quando viu que uma das criadas descia apressadamente as escadas vindo ao encontro deles.

— Milly, preciso de água fervida e panos limpos para servirem de bandagens — ela instruiu a mulher que a olhava espantada diante daquela cena inusitada. — Estamos levando um homem ferido para o quarto de papai.

— Sim, milady! — Milly exclamou.

Quando a empregada desceu rumo às cozinhas, Sarra seguiu os homens que retomaram a subida. Já no patamar de cima, ela se apressou a abrir a porta do quarto.

— Milady! — Bessy, a criada que Sarra encarregara de ficar sentada ao lado do pai enquanto ela estivesse fora, levantou-se surpresa ao ver que o quarto era praticamente invadido por várias pessoas, inclusive um homem que vinha carregado.

Sarra fez um gesto para Bessy de que tudo estava bem e foi até a cabeceira do pai.

Sir Elman DeCourcey levantara a cabeça do travesseiro cheio de curiosidade.

— Sarra, minha querida filha. O que está acontecendo?

Que confusão é essa?

— Deite-se, papai, e procure não se agitar, por favor. Pode piorar o seu estado. — Ela procurou acomodar o pai na cama e lhe ofereceu um sorriso, deixando transparecer que tudo estava bem.

— Onde devemos colocar o homem? — Hadley perguntou. Sarra olhou a sua volta e não soube o que responder. No quarto havia apenas uma cama que estava sendo ocupada por seu pai.

— Quem é esse homem, Sarra? — Elman DeCourcey perguntou, quando Bessy se aproximava trazendo mais mantas e travesseiros para que ele pudesse se sentar na cama sem cansar o corpo doente.

—O nome dele é Calum MacNachton, papai. Ele me salvou dos homens de Reginald d'Angers. Infelizmente, feriu-se no combate.

— Os homens de d'Angers? — o pai repetiu as palavras com surpresa. — Por que você precisou ser salva dos homens de Reginald? Não estamos em conflito com nosso vizinho.

Sarra suspirou, infeliz por ter de explicar.

— Pois parece que temos um conflito agora, papai. Os homens disseram que Reginald me queria em d'Angers e que eles me levariam até lá, mesmo que fosse à força.

O pai de Sarra encostou-se nos travesseiros profundamente abatido. Estava acontecendo o que ele mais temera. Como conseguiria impedir que Sarra fosse subjugada pelo vizinho cruel e interesseiro?

—Reginald pensa que só porque estou doente pode forçá-la a se casar com ele, não é, minha filha?

— É o que suspeito e temo, papai. Mas agora que sabemos das intenções de d'Angers, poderemos nos proteger contra ele.

Diante do olhar cheio de dúvidas de sir Elman, Sarra tentou um argumento infalível.

— Lembre-se de quem o senhor é, papai. Pediremos que nossos parentes tomem as devidas providências. — Ao ver a esperança surgir nos olhos do pai, ela se voltou então para os criados. — Venha, Bessy. Vamos improvisar uma cama no chão.

Sir Elman protestou no mesmo momento.

— Minha filha, não podemos permitir que o homem que a salvou das garras de d'Angers seja colocado no chão!

—Mas onde o colocaremos, papai? Neste quarto há apenas uma cama.

— Ele não é um cachorro, filha. Além do mais salvou a sua vida.

— Sim, é verdade. Quer que providenciemos uma nova cama e...

—Vamos colocá-lo nesta aqui. — Sir Elman apontou para sua própria cama. — Há bastante espaço para nós dois. Eu me sentirei honrado em ter tão valoroso cavaleiro ao meu lado. Lorde MacNachton terá o tratamento que merece.

Sarra hesitou, surpresa com o oferecimento, mas Hadley e o cozinheiro já estavam colocando Calum sobre a cama, ansiosos por se livrarem do peso.

— Tem certeza, papai? — ela perguntou sem ter muita convicção de que estavam fazendo a coisa certa.

— Oh, sim. Ele salvou a sua vida, minha criança. O mínimo que posso fazer é lhe oferecer uma cama aquecida para descansar e se recuperar.

Calum era um homem enorme, especialmente agora que estava ao lado do corpo franzino de sir Elman. Sarra sentiu uma pontada no coração ao ver que o pai, que sempre havia sido forte, estava reduzido àquele estado de fragilidade. Procurando afastar a tristeza, aproximou-se de Calum para examinar-lhe o ferimento. Felizmente agora teria iluminação suficiente para verificar os estragos que a espada de Jocks causara no estômago de MacNachton. Teria atingido algum órgão vital?

— Estarei lá embaixo, caso precise de mim, senhora — Hadley anunciou, seguindo o cozinheiro que se apressava para chegar à cozinha antes que seu assado se queimasse. — Vou saber o que os homens encontraram na clareira tão logo eles retornem — o mordomo acrescentou.

Sarra fez um gesto com a cabeça como se concordasse, mas estava mais entretida em tirar o curativo que havia colocado sobre o ferimento de Calum quando ainda estavam na caverna. Quando olhou para o corte, estranhou.

— O que foi? — sir Elman perguntou ao ver a filha franzir a testa.

— Pensei que o corte fosse maior... e há tão pouco sangue... Oh, preciso de mais claridade aqui. Só assim poderei ver direito.

Bessy correu à janela e a abriu antes que Sarra se lembrasse de que Calum tinha aversão à luz do sol.

— Fechem as janelas! — O grito de Calum soou inesperadamente no quarto.

Assustada, Bessy fechou as janelas. Para alívio de Sarra, Calum pareceu se acalmar no momento em que o aposento voltou à penumbra.

Suspirando, ela procurou um castiçal com uma vela e o levou para perto da cama.

— Esqueci que sir MacNachton tem aversão à luz do sol — ela explicou ao pai. — Ele diz que a claridade o enfraquece.

—Hum... Um MacNachton, você disse?—o pai perguntou, inclinando-se para ver o ferimento de Calum. — E tem aversão ao sol?

— Oh, sim — ela disse, bastante distraída. Na verdade, mesmo com a luz da vela, o ferimento parecia muito pequeno e a quantidade de sangue nos panos era surpreendentemente pequena. Isso era curioso porque quando ela o vira tirar a espada do corpo, o corte parecia enorme e o sangue jorrava.

— Aqui está, senhora. — Milly entrou correndo no quarto trazendo a água e os panos que Sarra lhe havia pedido.

—Obrigada, Milly. E, por favor, providencie a minha caixa de costura.

Não demorou, e a criada voltava com uma pequenina caixa cheia de linhas e agulhas.



Sarra puxou uma cadeira para junto da cama, sentou-se, limpou a pele machucada e concentrou-se em costurar o corte dando pontos bem pequenos.

Calum não acordou nem mesmo quando ela cuidava de seu ferimento. Melhor assim, já que não faria movimento algum. Quando terminou de fazer a costura, procurou esticar o corpo que lhe doía.

— Você deve ir comer e beber alguma coisa, minha filha — sir Elman recomendou a Sarra, percebendo a sua palidez. — As criadas e eu ficaremos atentos às reações de sir MacNachton enquanto você cuida de si mesma, querida.

.Isso não nos dará trabalho algum — ele acrescentou ao ver que Sarra fazia menção de protestar.

Por fim, ela acabou concordando porque estava de fato com muita fome e com sede. Além do mais, agora que terminara o curativo, procuraria trazer o cavalo de Calum para dentro do castelo. Afinal, esquecera-se que tinha deixado o pobre animal preso no túnel.

— Não vou me demorar — assegurou ao pai antes de sair. Olhou então para as criadas. — Vocês me chamem se houver alguma mudança no estado de lorde MacNachton.

Ao descer, encontrou Hadley sentado à mesa do grande salão terminando a sua refeição. Sarra parou para lhe assegurar que sir Elman e Calum MacNachton estavam bem e ficou sabendo então que os homens da patrulha comandada por Malcolm ainda não haviam voltado da clareira. Suspeitou que a demora se devesse ao fato de que seus soldados não teriam encontrado os homens de d'Angers e estavam agora procurando-os pelas terras que pertenciam a seu pai.

Parou na cozinha e pediu que lhe preparassem pão e queijo para lhe ser servido logo mais. Pegou uma tocha e a acendeu no fogo da cozinha, levando-a então para a área da prisão do castelo. O lugar lhe pareceu mais assustador do que há pouco, talvez porque agora estivesse sozinha.

Ansiosa para terminar logo com o que tinha a fazer e voltar ao quarto do pai, Sarra se apressou em chegar até a entrada secreta. Parou e olhou para trás a fim de ver se não tinha sido seguida, então levantou a tocha e iluminou a entrada.

A escuridão na abertura a deteve. Destravou a porta e dirigiu a luz em direção ao túnel por onde julgava ter passado.

Estava mais uma vez diante de uma total escuridão e não havia sequer sinal do cavalo de Calum. Talvez o animal tivesse se assustado e seguido em busca da luz pelos túneis. Poderia estar perdido agora.

— Ei... cavalo? — ela chamou incerta de como devia chamar o animal, já que

desconhecia o seu nome. No primeiro momento, nada aconteceu e Sarra deu um passo para dentro da escuridão.

Seu alívio foi enorme quando o cavalo negro de Calum apareceu repentinamente à sua frente.

— Olá, garoto. Que bom que você está aqui. Não está com saudade de seu dono?

Sarra pegou as rédeas e tentou forçá-lo a segui-la na escuridão e entrar na área das celas.

— Bom menino — ela foi dizendo enquanto o acariciava. — Desculpe-me. Não pensei em deixá-lo sozinho aqui — ela murmurou enquanto o levava para o corredor das celas.

Sentindo-se culpada por ter abandonado o cavalo no escuro, parou por um momento e ficou cochichando no ouvido do animal. Percebeu que ele estava coberto pela sujeira dos túneis, e passou a mão no corpo do garanhão tentando limpá-lo.

— Oh, assim está muito melhor. E sabe de uma coisa? Você é um belo menino, não é? Então sabe qual nome vou lhe dar? Menino Bonito.

Finalmente foi deixando a área das celas e suspirou contente. Pegou as rédeas do animal e começou a puxá-lo escada acima, continuando a conversar em uma tentativa de distraí-lo e evitar que o cavalo empacasse no meio do caminho.

Conversava com Menino Bonito como se ele fosse uma pessoa.

— O seu dono está descansando agora, mas passa muito bem. Cuidei de seus ferimentos, mas eles não estavam tão ruins como pensei que estivessem. E sabe quem estará logo em um estábulo bem bonito com alguma coisa para comer?

Oh, vou lhe dar cenouras por ter sido tão paciente e me esperado na escuridão do túnel.

Sarra não tinha idéia se o cavalo estava entendendo o que ela dizia ou não. Mas o animal que se movera docilmente até chegarem às escadas e parou olhando para cima com um ar de dúvida. Ela não o culpava, porque os degraus eram estreitos e podiam provocar uma queda. Sem dúvida eram perigosos para um cavalo daquele porte.

Imaginou o que o cozinheiro diria ao vê-la entrar nas cozinhas puxando um cavalo, no entanto, não havia outra saída.

— Talvez nós consigamos passar pela cozinha quando o cozinheiro estiver distraído — ela murmurou para o cavalo, mas este não parecia tão confiante quanto ela.

Pensando melhor, Sarra decidiu seguir uma nova estratégia.

— Vou subir e abrir a porta, assim tudo ficará mais claro. — Olhou novamente para os degraus. — Vou definitivamente lhe dar uma cenoura quando chegarmos ao topo.

Largando o cavalo ao pé da escada, Sarra subiu até o topo. Abriu a porta e descobriu que o cozinheiro estava bastante ocupado lidando com o forno. Quem sabe teriam uma chance de passar por ali sem serem vistos?

A claridade fez maravilhas e o cavalo subiu as escadas.

— Que diabos é isso! — O cozinheiro quase desmaiou de susto ao ver sua lady puxando um cavalo para dentro da cozinha. —' O que essa besta está fazendo aqui?

— Oh, ele não é uma besta, é o Menino Bonito — Sarra disse, acariciando o animal como se ele estivesse ofendido.

— E ele quer uma cenoura, porque eu lhe prometi uma. Se o senhor me der a cenoura e meu pão com queijo, nós dois ficaremos agradecidos. E sairemos de sua cozinha.

Sem esperar pela resposta, Sarra foi puxando as rédeas de Menino Bonito e entrou no salão. O cavalo a seguiu docilmente. Era um animal excelente, de boas maneiras e educado. Ela estava bastante impressionada.

—Ah, aqui está a senhora, milady.—Hadley se aproximou e seu olhar não pareceu demonstrar surpresa ao ver o cavalo.

— É o animal de sir MacNachton?

— Oh, sim. Tive de deixá-lo no túnel enquanto trazia lorde MacNachton para cá — ela explicou. — A passagem era estreita demais para nós todos.

— Claro, claro, milady. Deve ser muito acanhada — murmurou Hadley, coçando o queixo.

— E eu o deixei no escuro.

— Mas parece que tudo terminou bem, não é? Devo levar o cavalo aos estábulos, senhora?

— Ah, sim. Mas o cozinheiro ficou de me trazer uma cenoura para ele.

Hadley concordou e ambos olharam para a porta da cozinha quando esta foi aberta e uma criada apareceu trazendo uma bandeja com a comida de Sarra e a cenoura para o cavalo. Sarra deu a cenoura ao Menino Bonito e sentou-se para comer o seu pão com queijo. Quando estava terminando, Malcolm entrou no salão. Ela esperou ansiosa que o criado relatasse o que tinha acontecido.

Não se surpreendeu ao ouvi-lo anunciar que a clareira estava vazia quando ele e os seus homens haviam chegado lá. Aparentemente, os enviados de d'Angers já tinham deixado a área. Não haviam sido encontrados nem mesmo depois de uma busca cuidadosa. Apesar de que a notícia não chegava a ser uma surpresa, ela se sentiu desapontada.

—Creio que devo evitar cavalgar sozinha a partir de agora — disse com ar tristonho, logo que Malcolm acabou com o seu relato. Não seria prudente ir banhar-se no

rio, Sarra pensou. E isso era uma pena porque ela contava sempre com aquele passeio para lhe tirar a tensão de ver o pai doente. No entanto, se insistisse nesses passeios, poderia encontrar novamente os homens de d'Angers. E, dessa vez, sem um t MacNachton por perto.

— Mas senhora, isso seria lamentável! — Hadley exclamou. — Sabemos como se distrai nesses passeios. Talvez se eu ou um de nossos homens pudesse acompanhá-la a partir de agora, a senhora não precisaria abdicar dessa cavalgada e do banho no rio.

— Acha que um homem é suficiente para deter os de d'Angers? — Sarra perguntou cheia de dúvidas. — Eu prefiro que ninguém mais saia ferido apenas para me garantir um passeio.

Hadley coçou a cabeça.

— Talvez sejam necessários vários homens em sua escolta, senhora — ele reconheceu com humildade.

Sarra sorriu para o velho mordomo. Sempre gostara de Hadley. O castelo não funcionaria sem ele.

— Bem, talvez façamos isso. Mas de uma coisa estou certa. Não poderei mais sair sozinha. Agora, vou dar uma olhada em papai e em sir MacNachton. Vocês, por favor, levem o cavalo ao estábulo.

Assim dizendo, começou a subir as escadas e surpreendeu-se ao ouvir o barulho dos cascos. Menino Bonito a estava seguindo. Hadley e Malcolm tentaram puxar o animal que parou sem dar mais passo algum.

— Não se preocupe, milady — Hadley garantiu. — Vamos conseguir levar esta besta para o estábulo.

— Obrigada — Sarra murmurou. — Mandem que lhe seja dada uma boa refeição e que o escovem, por favor.

— Farei isso, milady — Malcolm lhe assegurou. Satisfeita, Sarra voltou a subir as escadas até que parou mais uma vez. Olhou para trás e viu que o cavalo continuava a segui-la. Admirada, ela tomou uma decisão.

— Vou ter de levá-lo pessoalmente ao estábulo.

— Não precisa se dar a esse trabalho. — Hadley insistiu embaraçado, enquanto ele e Malcolm continuavam tentando puxar o cavalo. Finalmente desistiram. — Bem, talvez tenha de fazer isso, senhora.

Neste minuto, antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, o cavalo passou por ela e se pôs a subir as escadas, sozinho. Ouvira seu dono gritar e agora seguia na direção do som.

Praguejando, Sarra levantou um pouco as suas longas saias e procurou alcançar o animal, consciente de que Hadley e Malcolm a seguiam logo atrás.

Aquele dia estava sendo surpreendentemente inusitado.

## Capítulo IV

O cavalo de Calum chegava à porta do quarto do pai de Sarra quando ela o alcançou. Preocupada com os gritos que vinham lá de dentro, ela passou pelo animal e abriu a porta, mas quem entrou primeiro foi o cavalo. Sarra perdeu o equilíbrio e precisou se apoiar no beiral da porta para não cair. Ao entrar no quarto o encontrou com as janelas completamente abertas e a luz do sol invadindo todo o aposento. Bessy não estava ali e Milly parecia petrificada de medo junto à janela, olhando com horror para Calum enquanto este se debatia na cama como se fosse um peixe fora da água.

Lorde DeCourcey berrava para a garota fechar as janelas, mas a criada parecia incapaz de seguir a ordem, mesmo que escutasse os gritos de Calum.

Correndo às janelas, Sarra empurrou a criada para fora de seu caminho e rapidamente cerrou as janelas.

Calum pareceu se acalmar e Sarra suspirou de alívio. E não havia sido apenas ela a suspirar, mas lorde DeCourcey « parecia igualmente aliviado.

— Milly abriu-as, antes que eu percebesse a sua intenção — o pai de Sarra disse procurando se justificar.

— Onde está Bessy? Ela sabia que as janelas deveriam permanecer fechadas.

— Saiu para buscar água para o seu pai — Milly disse, mordendo o lábio nervosamente.

Sarra franziu a testa. Passara pela cozinha e não tinha visto a criada. Era quase certo que Bessy saíra para se encontrar com Petey, um soldado do castelo, por quem parecia apaixonada. Os dois não deixavam escapar uma chance sequer de se encontrarem. A criada deixara de ser tão eficiente como antes desde o aparecimento de Petey. Sarra decidiu, estava na hora de repreender severamente a jovem.

— Desculpe-me, senhora—Milly murmurou. — O dia está tão bonito que pensei em deixar entrar um pouco de sol neste quarto que anda tão sombrio.

Sarra não se irritou Com a criada.

— A culpa não é sua. Bessy deveria ter lhe instruído a não abrir as janelas antes de

sair. A luz do sol faz mal a lorde MacNachton. Nunca abra as janelas do aposento onde ele se encontrar. Não se esqueça disso.

— Oh, sim, senhora — disse a criada, ainda assustada. Sarra sabia que podia confiar em Milly. Aproximou-se de Calum. Queria examinar o ferimento e verificar se nenhum ponto se rompera com o esforço que ele despendera ao se debater na cama.

Empurrou o cavalo que mais uma vez se punha em seu caminho, mas o animal não parecia propenso a deixar que alguém se aproximasse de seu dono.

— Se me der licença, preciso examinar o ferimento de seu dono — ela disse olhando diretamente nos olhos de Menino Bonito. Este a olhou por um momento, como se estivesse pensando sobre o assunto. Depois, afastou-se um pouco, deixando espaço para Sarra passar.

Não havia qualquer sinal de sangue no curativo, Sarra notou. Ficou indecisa se deveria tirá-lo e olhar o ferimento mais uma vez e ver se os pontos de costura que ela dera ainda estavam inteiros. Neste momento, sentiu uma respiração quente em seu pescoço e se conscientizou de que o cavalo de Calum a observava. Isso não era possível, mas tudo indicava que o animal queria ter certeza de que nenhum mal estava sendo causado ao seu dono.

— Não posso cuidar do ferimento desse jeito — ela murmurou. — Afaste-se um pouco, Menino Bonito.

Ela apontou para um canto do aposento, mas o cavalo não se mexeu.

— Muito bem, então não cuidarei de seu dono.

— Sarra, minha filha, você está falando com o cavalo? — O olhar de Elman DeCourcey era uma mistura de surpresa, preocupação e divertimento. Os demais que estavam no quarto, Milly, Hadley e Malcolm, estavam de olhos arregalados e não ousaram fazer qualquer comentário.

Sim, ela estava falando com um cavalo, Sarra pensou. O curioso é que tinha certeza de que Menino Bonito entendia tudo o que ela dizia.

Hadley pigarreou e fez um gesto para Malcolm sugerindo que tirassem o animal do quarto.

Ignorando a todos, Sarra voltou sua atenção ao ferimento. Parecia que tudo estava indo bem. Pelo menos, não havia piorado desde a última vez que o vira.

— Sir MacNachton ficará bem — Sarra murmurou dirigindo-se a todos que estavam no aposento.

— Ele reage mal à luz — sir Elman acrescentou, quando Sarra ajeitou a sua coberta.

Por alguma razão, esse comentário fez com que Sarra olhasse apreensiva para

Hadley e Malcolm, mas estes estavam entretidos demais tentando tirar o cavalo do quarto. Não deviam ter escutado, ela pensou. Sorriu ao ver que o animal não se mexia, mesmo com Hadley lhe puxando as rédeas e Malcolm o empurrando por trás.

Sarra voltou-se para o pai e procurou falar em voz baixa:

—Sir Calum comentou esse fato comigo. A luz o enfraquece. Suspeito que ele seja meramente sensível à claridade, mas como está ferido, talvez sua mente o faça reagir dessa forma.

Sir Elman olhou para o homem deitado ao seu lado, com ar de dúvida. Sabia das lendas que envolviam o clã dos MacNachton. Algumas até assustadoras.

— E ele lutou contra quatro homens sem ajuda de ninguém, minha filha?

— Julga que ele seja fraco, papai? Não é. Ao contrário. É forte e rápido — ela disse com admiração, seu olhar pousado em Calum e se lembrando do modo como ele lutara na clareira.

— Oh, não precisa ficar na defensiva, minha querida. Sei o quanto os MacNachton são fortes e rápidos e têm uma aversão à luz — sir Elman observou com um leve sorriso nos lábios.

Sarra olhou com curiosidade para o pai. Havia algo em sua expressão que a deixava preocupada. Sir Elman deveria estar vendo Calum como uma pessoa estranha, diferente das demais.

A maioria dos homens sequer ousaria tentar lutar contra quatro homens, e muito menos venceria o combate. Sem contar que ela já ouvira, diversas vezes, rumores sobre o clã dos MacNachton, rumores inclusive inquietantes.

Afastando tais pensamentos, sorriu para o pai.

— Como está se sentindo hoje, meu pai?

— Bem, bem — ele respondeu distraído, então devolveu o sorriso. — Hoje está sendo um bom dia.

Sarra sentiu um aperto no coração. O pai alternava dias bons com maus. Parecia estar enfraquecendo mais e mais e ela sabia que devia começar a se preparar em perdê-lo.

Sir Elman estava morrendo porque sua doença não era daquelas que podiam ser curadas com algum remédio. E só de pensar em perder uma pessoa tão querida a deixava triste e apavorada.

— Sarra. Precisamos conversar.

Ela afastou os pensamentos e se armou de um sorriso quando notou a expressão triste do pai.

— Precisamos pensar o que fazer sobre d'Angers antes que eu...



— Não se agite, papai — Sarra o interrompeu. Não estava preparada para uma conversa sobre morte. O pai era tudo o que ela tinha. — Nós conversaremos mais tarde, mas primeiro preciso tirar o cavalo de Calum daqui.

Ela se virou para o cavalo e lhe sussurrou no ouvido:

— Siga-me e verei se encontro outra cenoura. Está interessado?

Ela saiu do quarto e Menino Bonito imediatamente trotou porta afora, deixando Hadley e Malcolm boquiabertos.

Quando Calum abriu os olhos, viu-se em um aposento escuro, mal iluminado por um fogo que estava quase apagado na lareira. Por um momento, seus pensamentos se confundiram. Não parecia estar mais na caverna.

Levantou-se com dificuldade e tentou se sentar. Foi então que descobriu que estava ferido. A dor que sentia em um dos lados do corpo contrastava com aquela que sentia ao ter fome. Deitou-se novamente e fechou os olhos, procurando se lembrar o que havia acontecido.

Agora ele estava coberto com uma manta desconhecida, ferido e deitado sobre algo confortável e macio, e sentia muita fome e sede.

— Se estiver com sede, há uma jarra com água ao lado da cama, meu rapaz.

Os olhos de Calum se abriram imediatamente e ele se voltou para o lado de onde viera a voz.

Deu com o rosto de um velho homem deitado sobre travesseiros e coberto por mantas.

Ele estava em uma cama ao lado de um desconhecido!

No minuto seguinte, ele já havia se levantado e saído da cama. Não era nada do que houvesse planejado.

O que afinal fazia ali, ferido, e deitado em um ambiente refinado? E quem era aquele homem?

Acabou soltando um gemido, e não conseguindo manter-se de pé, caiu.

— O senhor está bem? — o desconhecido perguntou alarmado. — Por que foi se levantar estando assim ferido? Se o corte abriu, Sarra vai ficar aborrecida.

— Sarra?

— Minha filha — o velho explicou. — A pobrezinha se esforçou para costurar o seu corte com pontos bem pequenos. Vai se aborrecer se o senhor arrebentar alguns pontos, e ela tiver que fazer tudo de novo.

Calum colocou sua mente a trabalhar procurando por respostas.

Lembrava-se de que estava em viagem para Londres onde cuidaria de alguns

negócios de seu tio. De novo. Vivia assumindo compromisso após compromisso, todos envolvendo viagens. Com isso terminava por se distrair e se esquecer um pouco da saudade que sentia pelo irmão que acabara de se casar. Antes viviam sempre juntos, mas Bothan apaixonara-se por uma mulher que não pertencia ao clã e se casara com ela. Os dois pareciam muito felizes e Bothan seguia administrando os negócios herdados com o casamento. Nunca tinha tempo para voltar a Cambrum.

Calum suspirou profundamente. Bothan o convidara a viver em Bantulach, porém ele não conseguia ficar muito à vontade ao lado do casal apaixonado. Mas sentia falta da camaradagem que sempre houvera entre ele e o irmão gêmeo. Assim vivia saindo de Cambrum com mais frequência para não ter de ficar lamentando a ausência de Bothan.

Ele se lembrava de que no meio da viagem parara em uma caverna para descansar.

Oh, sim. Agora tudo lhe voltava à sua mente. A garota dourada na água, os quatro homens obrigando-a a segui-los, a decisão que ele tomara em intervir a favor da moça.

— A garota dourada.

O velho sorriu ao escutar Calum se referir assim à sua filha.

— Sim, Sarra parece dourada com aqueles seus cabelos longos e claros. Ela o trouxe a este castelo passando pelos túneis e cuidou de seus ferimentos. Acomodou-o neste quarto para poder cuidar de nós dois com mais facilidade. Eis a razão de o senhor estar nesta cama. Ficaria no chão ou nesta cama comigo, e o chão não me pareceu o lugar mais adequado para o repouso de um homem que salvou a vida de minha filha.

Calum agora se lembrava de mais detalhes sobre o episódio. Enfraquecera sob a luz do sol e o ferimento que sofrera na luta o deixara muito fraco. Precisava de sangue para se recuperar, mas não tomara nenhum. Assim, a jovem o amarrara ao cavalo e o levara através de túneis. Por fim haviam chegado a uma passagem e depois disso ele não se lembrava de mais nada.

Calum buscou Sarra pelo quarto.

— Ela foi descansar em seu próprio quarto — o velho explicou. — Bessy, a criada, vai cuidar de nós dois durante a noite.

— E onde está essa Bessy? — Calum perguntou, não notando a presença de criada alguma ali dentro.

— Com certeza no corredor com um dos homens, Petey. Eles estão apaixonados. — Sir Elman revirou os olhos. — Mas ela não vai demorar. Logo estará aqui. Basta que eu a chame e ela voltará imediatamente. Precisa de ajuda para voltar à cama? Devo chamar por Bessy?

— Não precisa, senhor — Calum apressou-se em responder e mostrou que estava

melhor e conseguia ficar em pé sem voltar a cair. Notou então que estava nu. — Sabe me informar, senhor, onde colocaram as minhas roupas? — ele perguntou com certa ansiedade.

Desejava se vestir, sair discretamente do castelo enquanto seus moradores estivessem ainda dormindo. Suas esperanças diminuíram, no entanto, com a resposta do velho.

— Roupas? Não tenho idéia onde elas foram colocadas. Nem me lembro de vê-las sendo tiradas. Mas as mulheres devem tê-lo despido enquanto eu dormia.

— E meu cavalo?

— Imagino que esteja no quarto de Sarra. — O velho começou a rir. — Dois de meus criados tentaram levá-lo ao estábulo, mas ele nem quis se mexer. Sarra finalmente decidiu fazer isso pessoalmente. O cavalo está seguindo minha filha como se ele fosse um desses cachorros bem obedientes. Eu nunca tinha visto um cavalo reagir dessa forma.

Calum franziu a testa ao ouvir o velho. Black, era um animal leal e jamais se deixaria levar por outra pessoa. Nem mesmo Bothan conseguia isso. Simplesmente não acreditava que Black estivesse agora seguindo a garota loira que ele salvara naquela tarde.

Jogou as cobertas na cama e começou a se dirigir à porta.

— Senhor, não pode sair sem roupas! Além disso, seu ferimento ainda não está curado—sir Elman disse apreensivo.

Calum se voltou para dar uma boa resposta, mas viu que o velho homem estava debilitado demais e não deveria passar aborrecimentos. Mal conseguia manter a cabeça levantada. Assim, voltou até a cama.

—O senhor deve descansar—ele disse enquanto se sentava.

— E o senhor também — o velho argumentou. — Sarra vai se aborrecer se os pontos que ela deu se arrebitarem — ele repetiu mais uma vez.

— Pensei ter ouvido o senhor dizer que sua filha estava dormindo. — Tudo o que Calum queria fazer era sair daquele quarto, pegar o seu cavalo e algumas roupas, encontrar alguma coisa para comer, e deixar o castelo sem perturbar ninguém, mas isso seria impossível se a garota estivesse acordada.

— Ela pode estar dormindo, ou talvez não. Sarra não tem dormido bem ultimamente — sir Elman murmurou. — Ela se preocupa comigo, com minha saúde debilitada. Sabe que estou morrendo e, frequentemente, acorda durante a noite e vem dar uma olhadinha para ver se estou passando bem. Suspeito que ela tema encontrar-me morto uma noite dessas. E, sem dúvida, será isso o que vai acontecer.

Calum sentiu remorso por ter sido indelicado com o pobre homem, no entanto

queria por demais sair daquele quarto.

— O senhor deve descansar, milorde. Não vou fazer nada para prejudicar o trabalho que sua filha fez em meu corte.

Calum esperou alguns minutos até que percebeu que o velho voltara a dormir. Saiu do quarto sem fazer barulho e ouviu no corredor um gemido de prazer. Devia ser a criada encarregada de cuidar do patrão. Entretanto, a moça estava namorando e deixando o velho sozinho.

Veio-lhe em pensamento que ele poderia se saciar com o sangue dos namorados. Precisava se alimentar com urgência porque se sentia muito fraco. Uma mordida ajudaria a apressar a cura de seu ferimento e fazer com que suas energias voltassem.

Outro gemido vindo do fundo do corredor fez com que Calum suspirasse. Não bebera o sangue do velho porque isso lhe faria mais mal do que bem. Os dois namorados, porém, deveriam ser jovens e sadios e o sangue deles estaria quente de suas paixões, e...

Não. Preferia se alimentar do sangue de uma pessoa que conhecia. Afinal, nem sabia quem eram esses dois namorados. Tudo que sabia era que eles trabalhavam para a jovem dourada. Sarra, ele se corrigiu. Distraiu-se lembrando do corpo despido da moça. Era muito bonita e parecia ter um gênio forte.

De fato ele a salvara dos homens que a queriam arrastar para um tal de d'Angers. No entanto, acabara perdendo as forças por consequência do ferimento e da exposição de seu corpo à claridade. Terminara inconsciente e se não fosse Sarra, talvez tivesse morrido. Ela arranjava um estranho caminho para trazê-lo a salvo ao seu castelo. Depois lhe costurara a ferida e agora aparentemente cuidava de Black.

Como pudera pensar em sugar o sangue de seus criados? Não podia retribuir o bem com algo que certamente a desgostaria. O melhor agradecimento que podia oferecer à moça seria encontrar o quarto dela, arranjar algumas roupas e pegar o seu cavalo, sem acordá-la. E então deixaria o castelo. Suspirando, deixou para trás o indiscreto casal e se moveu silenciosamente pelo hall.

Inesperadamente se viu diante de uma mulher. Não era Sarra, porém. Era mais velha e um pouco gorda e usava roupas de criada. Ela abriu e fechou a boca repetidas vezes, detendo os olhos exatamente no sexo dele.

Oh, estou nu, Calum pensou. No mínimo, a mulher iria sair berrando.

Rapidamente, tampou a boca da mulher com uma de suas mãos e a levou para dentro do mesmo quarto de onde ela saía. Por fim, soltou-a.

— Onde está sua patroa? — ele perguntou.

A criada continuava com os olhos arregalados e sem conseguir falar.

— É este o quarto dela?

Para alívio de Calum, a mulher balançou a cabeça em uma afirmativa.

— E onde está o meu cavalo?

A silenciosa sacudida de cabeça revelava que a pobre criada não tinha a menor idéia de onde o animal estivesse. Isso era desagradável. Ele não podia ficar andando pelo castelo, nu como no dia em que viera ao mundo.

A moça dourada havia sumido com suas roupas, talvez para lavar o sangue que as manchara.

E além das roupas, precisava encontrar Black. Pelo que o velho lhe dissera, o cavalo deveria estar seguindo a dama loira como um cachorrinho. Para achar o animal, teria de encontrar Sarra.

A criada suspirou e começou a fechar os olhos como se estivesse prestes a desmaiar. E o pescoço dela era tentação demais para Calum resistir. Uma pequena mordida e as energias dele retornariam.

Contudo aquela era uma criada de Sarra e assim como não bebera o sangue do casal, também não deveria beber o desta outra criatura.

Notou que a mulher arregalara os olhos e olhava fixamente para os seus caninos. Não resistindo ao susto, as pernas da pobre mulher fraquejaram e ela desmaiou.

Calum a segurou antes que ela caísse no chão e quando sua cabeça caiu para um lado, ele não resistiu e deixou de lado suas boas intenções. Estava fraco e precisava de sangue.

Um gemido de satisfação escapou de seus lábios quando ele se inclinou e sugou com enorme satisfação o sangue que fluía daquele corpo robusto.

Imediatamente sentiu-se bem, vigoroso, restaurado. Também levemente arrependido. Ter sugado o sangue da criada de sua salvadora não parecia em nada correto. Mesmo assim procurou se convencer de que uma simples mordida e a perda de um pouco de sangue não fariam mal algum à criada.

Levantou a mulher em seus braços e a sentou em uma cadeira perto da lareira antes de sair do quarto.

— Oh, aí está o senhor! — lorde DeCourcey exclamou, cambaleando pelo corredor.

Calum sentiu um frio na espinha ao ver o modo como o velho tentava se manter em pé. Com certeza tinha acordado e não encontrara o salvador de sua filha. Assim, fizera o impossível e ali vinha ele.

Calum correu sustentar o velho e o levou de volta ao quarto, obrigando-o a se deitar. Preocupou-se ao ver que o pobre homem estava pálido e quase sem respiração,

obviamente ' exausto pelo pequeno esforço que fizera.

— Deve ficar na cama ou sua filha se entristecerá muito se o ver levantado, senhor — ele murmurou ajeitando as cobertas sobre o corpo franzino.

— O senhor está me parecendo muito melhor, lorde MacNachton — sir Elman murmurou com voz trémula.

O comentário não surpreendeu Calum. O sangue da criada já surtira um bom efeito. Estava se sentindo muito bem, mas também um pouco sonolento. Isso sempre acontecia quando bebia sangue. Também ele deveria se deitar e descansar por alguns instantes. O ferimento estaria curado quando ele acordasse. E depois, melhor dormir sobre uma cama confortável do que sobre o chão duro de uma caverna. Assim, descansaria e depois procuraria por seu cavalo.

— Estou muito melhor, milorde. E estarei ainda melhor depois de dormir um pouco. Assim, nós dois deveremos descansar.

Com tal decisão tomada, ele deu a volta na cama, disposto a se deitar e dormir, quando o som de uma porta se abrindo o fez parar e voltar-se para ela.

— Oh, muito bem. — Sarra suspirou resignada. Tinha passado a última hora tentando convencer o cavalo de Calum a ficar no estábulo. De novo.

Durante o dia tentara por diversas vezes deixar Menino Bonito no estábulo junto aos demais cavalos. Ele parecia aceitar bem a situação, mas bastava Sarra sair dali, para que ele a seguisse. Por fim, ela desistira e aceitara que o animal a acompanhasse por todo canto da casa. E o cavalo a seguira o dia todo como se fosse um cachorro fiel ao seu dono.

— Venha comigo, então — Sarra dissera suspirando e o cavalo a seguira docilmente ao quarto. Já era tarde da noite e ela precisava descansar depois daquele dia exaustivo e cheio de emoções. Normalmente passaria pelo quarto do pai para ver como ele estava, mas não podia fazer isso àquela noite levando consigo um cavalo que trotava fazendo barulho a cada passo que dava.

Assim, passou pelo quarto do pai sem entrar e seguiu para o seu. À porta, uma surpresa a esperava.

— Milly? — Sarra chamou, sacudindo de leve o braço da criada que estava sentada no chão.

A criada acordara, havia pouco, e vira-se sentada ao lado de uma lareira. Sem entender o acontecido saíra para o corredor. Enfraquecida e confusa terminara não conseguindo ficar de pé e sentara-se no chão. E assim foi como Sarra a encontrou.

— Oh, milady — Milly murmurou sonolenta enquanto se sentava. — Lamento muito. Não pretendia cair no sono, especialmente no chão. Devo ter me sentado por um

minuto e...

— Mas você está muito pálida, Milly. O que aconteceu? Está se sentindo bem?

— Oh, sim, senhora. Apenas um pouco tonta.

Sarra não estava de todo convencida, mas Milly já se levantava e lhe sorria apesar da palidez de seu rosto.

Sarra ficou subitamente apreensiva. Gostava da criada e não queria vê-la doente. Já havia doentes demais naquela casa.

— Bem, pode ir descansar porque não vou precisar de você esta noite. Não quero que adoça. Dois doentes neste castelo já é mais do que suficiente por ora—ela murmurou, expondo seus pensamentos.

— Oh, estou bem de verdade, senhora — Milly lhe assegurou. —Não tenho dormido muito bem ultimamente, é isso. Vou ajudar a senhora a se despir e depois irei me deitar.

— Não é preciso, Milly. Posso me ajeitar sozinha por uma noite. Você...

— Não, estou mesmo bem — Milly insistiu. — Estou aqui para ajudá-la a tirar o seu vestido.

Sarra hesitou, depois desistiu. Não queria discutir com a criada e seria mais rápido se ela permitisse que Milly a ajudasse. Então a mandaria para a cama.

— Percebo que não conseguiu convencer Menino Bonito a ficar no estábulo, senhora.

Sarra sorriu com o comentário da criada e olhou para o cavalo que estava agora parado à porta.

— Não quis ficar lá de jeito algum. Parece disposto a me seguir, o que me parece estranho. Deveria querer ficar com o seu dono, não acha?

— Talvez ele se sinta mais seguro com a senhora — Milly sugeriu enquanto tirava o vestido de Sarra. —Afinal, o dono dele não está acordado para lhe dar atenção.

— Talvez lorde MacNachton tenha acordado. Agora, pode ir dormir porque acharei o caminho para a minha cama sozinha.

— Muito bem, milady — Milly respondeu, mas não saiu do quarto e sentou-se sobre um baú.

Sarra ficou ainda mais preocupada com o comportamento de Milly. Acompanhou-a, então, até a porta.

— Tem certeza de que está se sentindo bem, Milly? — perguntou mais uma vez.

— Claro, milady. Apenas cansada. Um bom sono e estarei boa como sempre.

— Então, boa noite. — Ficou à porta até ver a criada descer as escadas bem devagar, rumo ao quarto onde dormia.

Subitamente, Sarra reconheceu as duas pessoas que se abraçavam ao fundo do corredor.

— Bessy! — ela chamou, sentindo-se irritada com o comportamento da criada em quem confiara os cuidados do pai.

O chamado fez com que o casal se separasse imediatamente.

— Oh, lamento, senhora. — Bessy aproximou-se de Sarra. — Petey veio aqui apenas para me fazer uma pergunta.

— Apenas, não é? Podia fazer essa pergunta amanhã, não é? E agora, Bessy, volte ao quarto e sente-se ao lado de meu pai.

— Oh, naturalmente, milady. Lamento muito, milady — Bessy disse rapidamente enquanto Petey começava a descer as escadas a passos largos.

Sarra sacudiu a cabeça e começou a entrar em seu próprio quarto, quando o grito soou vindo do quarto de seu pai. Apavorada, ela correu para lá, consciente de que o cavalo de Calum a seguia.

## Capítulo V

Sarra alcançou a porta do quarto de seu pai no mesmo momento em que Petey. Os dois tentaram entrar juntos, mas seus corpos colidiram, bloquearam a entrada, e foram ajudados pelo cavalo de Calum. O animal os empurrou com sua cabeça enorme, aparentemente ansioso para saber o que acontecia dentro do aposento.

Murmurando um pedido de desculpas, Petey segurou o braço de Sarra para lhe dar equilíbrio e então os dois olharam para todos os cantos do quarto em busca do problema



que originara o grito. Ela e Petey arregalaram os olhos e ficaram de boca aberta diante do que estavam vendo.

Sarra não sabia bem o que estivera esperando. Pensamentos desencontrados haviam cruzado a sua mente.

Seu pai havia piorado? Calum MacNachton teria morrido?

Não era nada disso, porém. Bessy, bastante perturbada, estava parada um pouco à sua frente, seus olhos também arregalados, uma das mãos cobrindo a boca.

Sarra voltou sua atenção ao homem que estava ao pé da cama e sentiu o coração disparar ao mesmo tempo em que seu rosto ficou vermelho como um tomate.

A expressão de Calum era de surpresa igual a dos recém-chegados ao quarto. Ele também havia sido pego de surpresa, Sarra percebeu.

Lá estava Calum MacNachton ao pé da cama, imóvel e nu como no dia em que nascera.

Incapaz de evitar, Sarra viu-se olhando para aquela pele quase tão branca como as bandagens que ela colocara no ferimento dele. Mas ele não era frágil em nada. Lentamente, ela foi abaixando o olhar, admirando a perfeição das formas, os músculos do corpo e finalmente se deteve no órgão sexual de Calum.

Deus do céu! Ele era de fato muito bem formado.

Sarra sentiu um calor invadir todo o seu corpo e desejou ter um leque para se abanar. Ruborizou mais uma vez.

Bessy suspirou profundamente, distraindo Sarra que notou o olhar da criada dirigido exatamente àquela parte mais baixa de Calum. E se abanava com a mão, como se estivesse achando o quarto aquecido demais. Não era apenas Sarra que de repente sentia as altas temperaturas do aposento.

Calum, por sua vez, não parecia nem um pouco envergonhado por ter sido pego sem roupa alguma, tampouco se exibia de forma inconveniente. Simplesmente tinha sido deixado nu na cama, conseguido se levantar com o que não contara Sarra, e bebido o sangue da criada gorducha. Agora, era capaz de andar e inclusive de lutar.

Naturalmente, ninguém naquele quarto sabia disso.

Petey parecia o que menos se impressionara com o homem nu que via pela frente. No entanto, percebera o olhar de admiração da namorada em direção ao estranho e assumiu uma posição de galo de briga.

Sarra procurou se controlar e adotar uma atitude mais discreta. Afinal, era a senhora do castelo e devia dar o bom exemplo a todos os criados.

Respirando fundo, ergueu os olhos e os deteve no rosto do escocês.

— O que o senhor está fazendo fora da cama, lorde MacNachton? — ela perguntou em um tom de voz que revelava a sua preocupação. — Não deve fazer esforços ou romperá os pontos que dei em seu ferimento.

— Ele estava me ajudando a voltar para a cama — sir Elman respondeu rapidamente, e Sarra olhou para o pai, alarmada. Elman DeCourcey parecia pálido e trémulo, e havia gotas de suor em sua testa, como se tivesse se exercitado em exagero.

— Eu me levantei e comecei a andar, mas me senti muito fraco — o velho explicou. — Calum me trouxe de volta para a cama e estava para se deitar novamente quando Bessy abriu a porta e soltou aquele berro.

Os olhos de Sarra se estreitaram. Ela conhecia bem o pai e sabia quando ele mentia. Naquele momento, por exemplo, ou mentia ou não contava toda a verdade. Estranho também toda aquela familiaridade em relação ao estranho, chamando-o, inclusive, pelo primeiro nome.

— E por que o senhor estava fora da cama, papai? — ela perguntou, enquanto se aproximava de Calum e procurava ajudá-lo a subir na cama. Não que o moço parecesse estar precisando de qualquer ajuda. Calum não se apoiou no ombro dela como o fizera mais cedo naquele dia, mas também não removeu o braço que ela lhe oferecia agora.

Sarra o olhou com surpresa, e admirou-se ao ver que a expressão de seu rosto se assemelhava a de um predador. Imediatamente foi tomada por sensações físicas estranhíssimas. Seu corpo voltou a se aquecer, sua respiração ficou agitada e ela notou que mais uma vez ruborizava. Pela terceira vez em minutos!

Embaraçada por sentir tais sensações, sentiu-se melhor quando alcançaram o lado da cama onde ele se deitaria. Fingiu estar entretida em arrumar os lençóis e cobertores. Uma vez que ele se deitou, ela se inclinou para olhar o curativo, mas Calum silenciosamente a impediu segurando-lhe a mão.

— O que a senhora está fazendo? — ele indagou rude. Sarra não escondeu sua surpresa.

— Preciso ver se os pontos não se romperam com o esforço que fez, lorde MacNachton.

— Está tudo bem.

— Mas...

— O corte está bom — ele repetiu com firmeza, então afastou sua própria mão que cobria o curativo e deixou à vista as bandagens ainda limpas. — Veja, não há sangue algum. Se eu tivesse rompido algum ponto, haveria sangue. Estou bem.

Sarra hesitou, depois decidiu aceitar a palavra dele sem mais protestar.

Aparentemente não havia sangue, apesar de que ao fazer o curativo, tampouco encontrara qualquer sinal de hemorragia. Assim, apenas ajeitou a coberta e viu-se, inesperadamente, distraída olhando nas profundezas dos olhos negros de Calum. E notou que ele a observava, também.

O olhar de Calum era quase uma carícia, especialmente quando se deteve em fitá-la nos lábios, como se estivesse para beijá-la. Sarra tentava interpretar a expressão no rosto de Calum, quando ele subitamente estendeu a mão e tocou levemente em seu rosto.

Ela viu-se voltando o rosto para mais carícias, como uma gatinha em busca de carinho. Sentiu-se dolorosamente desapontada quando ele afastou a mão. No entanto, Calum agora deslizava a mão pelo corpo dela, coberto apenas com uma camisola leve. Foi apenas naquele minuto que Sarra se conscientizou de que estava vestida apenas com aquele traje transparente.

Alarmada e embaraçada, desviou o olhar e o deteve em Menino Bonito. O cavalo agora estava puxando com os dentes as mantas que cobriam lorde MacNachton como se quisesse tirá-las da cama.

Sarra repreendeu o animal.

— Deixe o seu senhor dormir, Menino Bonito. Ele precisa descansar para sarar de seus ferimentos.

— Menino Bonito? — A voz de Calum soou cheia de surpresa.

— Oh, dei ao seu cavalo esse nome por desconhecer o verdadeiro. Ele é um menino bonito e assim o tenho chamado desde que começamos a passar bastante tempo juntos.

— O nome dele é Black.

Sarra franziu a testa como se estivesse avaliando se o nome combinava com o animal. O que era um fato.

— Quero agradecer ao senhor por ter ido ao meu socorro na clareira, lorde MacNachton, Lamento que tenha se ferido.

Calum resmungou alguma coisa, como se estivesse embaraçado, e seus olhos se voltaram para os lábios de Sarra.

Mais uma vez ela sentiu o quarto se aquecer repentinamente e apressou-se a afastar os estranhos pensamentos que lhe invadiam a mente. Caminhou até o lado da cama onde o pai estava e ajeitou suas cobertas. Estava consciente que Calum a seguia com os olhos o tempo todo e o olhar que ele lhe dirigia era como um verdadeiro toque físico.

Melhor sair logo daquele quarto, ela decidiu. Afinal, todos pareciam bem. Assim suspirou, desejou boa-noite ao pai e a Galum e voltou-se em direção à porta.

Quando virava a maçaneta, Calum chamou por ela.

— Senhora, aonde pretende levar o meu cavalo?

Sarra parou, detendo o olhar no animal negro e enorme que a seguia. Acostumara-se tanto com o cavalo acompanhando-a por onde ela fosse, que pegara as suas rédeas sem nem reparar no que fazia.

— Não vou levá-lo a lugar algum. Parece que Menino Bonito, assim como seu dono, faz exatamente o que quer. Anda me seguindo desde que o senhor ficou preso a um leito.

Calum a corrigiu.

— Ele se chama Black, não Menino Bonito. É um garanhão, não reparou?

Sarra sorriu levemente.

— Se precisar de alguma coisa, lorde MacNachton, Bessy o atenderá. Durma bem.

Sarra dirigiu um olhar bem significativo à criada e deixou o quarto, seguida naturalmente do cavalo. Quando já no corredor, chamou Petey.

— Não o quero ver mais neste andar, Petey. Não deve vir aqui porque distrai Bessy de suas tarefas. Calum e meu pai não estão bem e não devem se levantar. Bessy deverá ficar no quarto enquanto eu estiver fora.

— Sei disso, senhora. Lamento ter sido inconveniente — Petey respondeu, abaixando a cabeça. — Isso não acontecerá novamente.

— Não deve acontecer de fato, Petey. Você é um soldado e deve cuidar também de seus afazeres. Concentre-se na defesa do castelo e encontre-se com Bessy nas horas em que ambos estiverem livres. Ou devo conversar com sir Hadley?

— Não há necessidade, senhora.

— Então estamos entendidos?

— Oh, sim, senhora. Não virei mais a esta ala do castelo — ele lhe assegurou.

Satisfeita, Sarra despediu-se do soldado e seguiu para seu quarto. Ela observou Petey desaparecer de sua vista e voltou-se para Menino Bonito que continuava seguindo-a. Estava já tão habituada a tê-lo às suas costas como um guardião que quando entrou no quarto, manteve a porta aberta para o cavalo entrar também.

Logo depois, enfiava-se na cama e se cobria, esquecendo-se completamente do animal. Seus pensamentos se dividiam entre a preocupação com o pai tão doente e com a presença de Calum MacNachton nas proximidades.

Por fim, seu olhar buscou ver onde estava Menino Bonito. O cavalo se posicionara perto da lareira que começava a apagar. O quarto estava bastante friorento e ela não queria agora se preocupar em chamar um criado e mandar que colocassem mais lenha. Estavam no fim do verão quando os dias são quentes e ensolarados, mas as noites frias. Ela tinha pesadas cobertas na cama, mas o cavalo não tinha nada.

Talvez devesse cobri-lo, Sarra pensou.

Não tinha idéia se o encarregado dos estábulos mantinha algum fogo aceso para aquecer os animais que ficavam lá. Ou talvez nem se preocupasse se os cavalos passassem frio. Menino Bonito sofreria com o frio da noite se ela não tomasse alguma atitude naquele momento.

Levantou-se, pegou uma coberta da cama e foi até onde estava o animal, cobrindo-o completamente. Pareceu-lhe que Menino Bonito a olhava com gratidão. Sarra sorriu e o acariciou.

— Você é um animal muito bonito — ela murmurou com voz bem macia. Voltou então para a cama e fechou os olhos pára dormir.

Pareceu-lhe não ter passado muito tempo quando ela se viu abrindo os olhos novamente. Sabia que tinha dormido, mas não por muitas horas.

Voltando-se para o lado da lareira, viu não só o cavalo, mas também Calum que estava com as rédeas do animal nas mãos.

No primeiro momento, Sarra pensou que continuava sonhando. Isso porque algo lhe dizia que estivera sonhando exatamente com ele. No entanto, convenceu-se de que estava acordada.

— O que está fazendo em meu quarto? — ela perguntou. Súbito, sentiu uma dor profunda no coração. — É meu pai, não é? Ele está...

— Seu pai está bem — Calum disse, e Sarra relaxou. Voltou sua atenção para aquele homem fascinante. A voz dele lhe provocava arrepios. Na verdade ela jamais reagira a um homem como reagia diante de Calum. Por alguma razão sentia até dificuldade em respirar estando ao seu lado. Isso sem contar as demais reações.

— Então o que está fazendo aqui?

— A senhora costuma banhar-se no rio no meio do dia, não é?

— Oh, sim. — Sarra franziu a testa tentando encontrar uma razão para estarem falando sobre banhos àquela hora da noite. — Mas veio ao meu quarto para conversarmos sobre os meus hábitos?

— Não, senhora. Disseram-me que tinha o hábito de se banhar durante o dia e que todos tinham conhecimento disso. Disseram-me também que costuma cavalgar para se aliviar da tensão provocada pela doença de seu pai. — A voz dele soava cheia de impaciência.

— É verdade, mas a partir de agora deverei cancelar esses passeios, naturalmente. Não é mais seguro cavalgar e me banhar quando os homens de d'Angers estão querendo me pegar.

— Seus passeios não estão cancelados, apenas vão mudar de hora.

Sarra olhou para Calum sem entender onde ele queria chegar com aquela afirmação.

— Não estou entendendo. — Por que aquele homem viera ao seu quarto, interrompendo-lhe o sono, apenas para falar sobre seus hábitos de banho?

— A senhora sempre passeava e se banhava em um certo horário. Foi por isso que os homens de d'Angers sabiam que a encontrariam no rio. Assim, a senhora continuará fazendo as mesmas coisas, mas antes do amanhecer. Estou disposto a acompanhá-la e garantir a sua segurança.

— Está sugerindo que eu saia agora, antes de amanhecer, simplesmente porque gosto de me banhar no rio?

— Exatamente. Então, vista-se. Black e eu a esperamos no grande salão.

— Vestir-me? — Sarra se sentou na cama e ficou olhando Calum puxar seu cavalo para o lado da porta. — Por quê? Ainda estamos no meio da noite.

— Está quase amanhecendo — ele a corrigiu. — Se formos rápido, cavalgaremos até a clareira, a senhora poderá se banhar, e voltaremos antes que o sol apareça. Agora se apresse. Eu pedirei aos criados que preparem um lanche para que a senhora coma alguma coisa enquanto estiver na clareira.

— Mas meu pai... — Sarra protestou quando Calum abriu a porta. — Tenho de ver se ele está bem e...

— Seu pai está bem. Está dormindo.

— Mas ele acorda cedo e ficará preocupado se eu...

— Não acordará cedo esta manhã—Calum lhe assegurou. — Passamos boa parte da noite conversando. E ele não ficará preocupado com sua ausência. Foi ele quem sugeriu o passeio.

— Foi ele? — ela perguntou surpresa.

— Sim. Ele aprecia a sua dedicação de filha, mas não deseja que perca aqueles momentos em que se distrai cavalgando e nadando. Assim sugeriu esse passeio matinal e me pediu que a acompanhasse para que não corresse risco algum. Agora, apresse-se e vista-se.

— Vista-se! Vista-se! — ela repetiu suspirando quando a porta se fechou atrás de Calum e de Black. Parecia que o escocês outra coisa não fazia que mandá-la se vestir. Balançando a cabeça, ela afastou as cobertas, considerando aquilo que o rapaz tinha acabado de lhe dizer.

Seria verdade o que ele dissera sobre ter passado parte da noite conversando com

seu pai? E teria sido sir Elman a sugerir aquele passeio de madrugada? Ela se surpreendia só em pensar que o pai tivesse energia suficiente para ficar acordado à noite. E Calum estava vestido, logo deveria ter sido sir Elman a lhe providenciar as roupas. Estavam apertadas em Calum, mas ela reconhecia que o traje composto de túnica azul e calções eram exatamente aqueles que ela costurara e dera de presente no aniversário do pai.

Seus pensamentos foram novamente interrompidos quando a porta se abriu mais uma vez e Calum enfiou a cabeça pela fresta. Não pareceu surpreso em ver que ela continuava sentada na cama e não se vestira.

— Teremos de voltar antes do amanhecer. Vista-se, senhora! — ele ordenou mais uma vez.

A porta voltou a se fechar e Sarra levantou-se tomada pela irritação. Claro, Calum detestava a luz do sol, assim se sentia bem à vontade na escuridão. E ela teria de cavalgar no escuro e banhar-se com estrelas no céu.

Lavou o rosto rapidamente com a água fria que havia em uma jarra. Milly sempre lhe trazia água quente todas as manhãs, mas não acordaria a criada tão cedo com uma exigência como aquela. Tinha de se lavar com a água da noite anterior, que não estava totalmente gelada, apenas fria e até estimulante.

Momentos depois, já estava pronta e saindo do quarto. Quando se viu no corredor, decidiu dar uma passadinha no quarto do pai.

Entrou no aposento e teve uma surpresa agradável.

Nunca vira nos últimos tempos uma expressão tão tranquila no rosto do pai. Ultimamente, ele vinha padecendo com pesadelos contínuos, mas agora estava adormecido e havia, inclusive, um leve sorriso em seus lábios. Parecia que a conversa que tivera com Calum o havia distraído o suficiente para dormir em paz, o que não fazia em semanas. Sarra sentiu-se agradecida por essa pequena graça.

Um som vindo da lareira chamou sua atenção. Bessy estava dormindo sentada em uma cadeira, roncando suavemente. Sorrindo, Sarra saiu do quarto e olhou para as escadas. Calum devia estar no andar de baixo esperando por ela. Lembrou-se de que ele pediria na cozinha que preparassem um lanche.

Desceu as escadas e de fato encontrou Calum na cozinha. Estava sentado à mesa e alimentava Black com uma cenoura, tendo ao lado um pequeno saco que ela suspeitava conter pão e queijo. Ao vê-la entrar, ele se levantou imediatamente, dirigindo-se para a saída, deixando que ela o seguisse.

Sarra sorriu ao se ver seguindo cavalo e cavaleiro. Obviamente Calum não conhecia regras de etiqueta. Pelo nome e sotaque, sabia que ele era escocês. Isso explicava muita

coisa. Sorrindo, não pensou nem em reclamar por não estar sendo tratada como uma dama.

Estranhou quando não viu a sua égua no pátio. Calum não mandara prepararem para ela nenhum animal. Será que pretendia que ela cavalgasse com ele? Não seria apropriado.

—Venha. Iremos mais rápido se formos apenas com Black.

Sarra hesitou e resolveu desafiá-lo.

— Preferia cavalgar a minha égua. Levará muito pouco tempo para a selarmos e...

— Suas palavras morreram quando se viu no ar, sendo levantada e colocada na sela de Black.

— Muito bem, cavalgarei com o senhor — ela concedeu secamente, enquanto ele tomava as rédeas e levava o garanhão em direção aos portões do castelo.

Os portões eram fechados todas as noites e abertos ao amanhecer, mas ainda não amanhecera e mesmo assim estavam abertos. Sarra supôs que isso significava que Calum tinha conversado com os guardas antes de acordá-la e os informara da saída dos dois. Isso não deveria surpreendê-la. Calum parecia ser um homem eficiente, capaz de tomar todas as iniciativas por conta própria. Costumava dar ordens e não recebê-las.

Cavalgaram para a clareira em total silêncio. Conversar seria impossível já que Calum apressava Black para chegarem ao rio o mais rápido possível. Aquele não era um passeio e diante disso, ela tentou relaxar.

Nunca cavalgara à noite. Na verdade, raramente tinha saído do castelo depois do anoitecer, a não ser acompanhada pelo pai. Percebeu que as sombras e o luar nas folhas e árvores que havia pelo caminho tornavam o cenário surpreendentemente fascinante. Era como se estivesse em um outro mundo, ela notou com surpresa, e quase lamentou quando chegaram finalmente à clareira e Calum fez Black diminuir as passadas e parar.

Calum desmontou e então desceu Sarra da sela sem qualquer esforço. Ela o viu levar o animal para tomar água do rio e, em seguida, sem qualquer palavra, caminhar até um ponto da margem onde havia troncos de árvores que poderiam servir de bancos. Começou a estender sobre um deles os alimentos que conseguira pegar na cozinha.

Sarra não o ouvira dizer uma sentença inteira desde que haviam partido do castelo. Sorriu mais uma vez. Precisava se acostumar com o jeito de Calum. Assim, uniu-se a ele e sentou-se em um dos troncos.

— Obrigada — ela murmurou quando pegou o pão com queijo que ele lhe estendeu.

— Esqueci-me de pedir algo para a senhora beber. Assim, se tiver sede, deverá tomar a água do rio. É limpa e gostosa.



Sarra fez sinal que concordava. Seu interesse era saber mais sobre Calum. Olhou-o com curiosidade enquanto comia seu pão.

— Então o senhor e papai conversaram?

Calum levantou os olhos ao ouvir a pergunta, mas não a respondeu.

— Ele deve ter gostado do senhor — ela comentou, querendo puxar conversa.

— Ele é um bom homem — Calum finalmente respondeu. — Pena que esteja morrendo.

Sarra sentiu-se chocada ao ouvir essas palavras, apesar de que não diziam nada de que ela já não soubesse. Sabia que era verdade e que tinha de aceitar que em pouco tempo perderia seu pai.

— Ele se preocupa com a senhora — Calum murmurou.

— Não deveria. Um homem não deve passar seus últimos dias pensando no que vai deixar para trás.

— Oh, sim. Não deveria. Mas o seu vizinho parece determinado a capturar a senhora. Se eu não estivesse por aqui ontem, ele teria conseguido o seu intento. E tentará novamente, mais e mais vezes à medida que seu pai for piorando de saúde.

Sarra sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Fazia tão pouco tempo, menos de vinte e quatro horas, do episódio ocorrido ali na clareira. Ia fazer um comentário, mas Calum se adiantou.

— Agora vá se banhar.

— Banhar?

— Sim. Já comeu e o amanhecer se aproxima. Teremos de voltar logo ao castelo. Deve se banhar enquanto estiver escuro. Ficarei de guarda.

Sarra hesitou, mas então se levantou e caminhou para o rio. Queria argumentar com Calum, porém gostava muito de tomar banho e não poderia perder aquela oportunidade.

Começou a desatar os laços do vestido, com o olhar preso em Calum que estava sentado um pouco adiante, imóvel como uma estátua. Não parecia interessado em vê-la se despir, mesmo assim, ela manteve a roupa de baixo, não se despiu completamente. A roupa ficaria molhada e ela precisaria tirá-la depois.

Entrou no rio, sentindo um arrepio quando seu corpo afundou na água gelada. Adorava o rio e sempre conseguia se sentir tranquila depois desses banhos. Isso desde que era criança.

Nunca havia nadado à noite, porém. E descobriu que era muito gostoso. Apesar de o ar estar mais frio, o corpo terminava acostumando com a temperatura da água e nadar se

tornava um prazer ainda maior. E havia estrelas, o que deixava o cenário encantador.

Percebeu então que restavam poucas estrelas ainda visíveis, sinal de que o dia já estava clareando. Pareceu ouvir alguém falando com ela. Procurou localizar onde Calum estava. Por fim o viu de costas próximo da margem.

— Falou comigo, lorde MacNachton?

— Falei. Estava tudo tão silencioso que temi que tivesse se afogado. Converse comigo para eu saber que está bem.

— Claro. — Ela procurou por alguma coisa para dizer. — O senhor é escocês, não é?

— Como soube?

Sarra percebeu o tom bem-humorado da pergunta, mas não lhe respondeu. Queria saber mais coisas sobre ele.

— De onde o senhor é?

— De Cambrum.

Sarra ficou um momento em silêncio. Cambrum era o lugar de onde se originavam os MacNachton, pelo que ela ouvira dizer, apesar de que membros do clã haviam se fixado em

outros lugares, também. Ouvira falar especialmente de um MacNachton, a quem todos chamavam de valente e habilidoso na arte de lutar. Parece que a coragem e as habilidades de luta eram características dos MacNachton. Calum as demonstrara na batalha contra os homens de d'Angers.

— O senhor é relacionado com o MacNachton de Bantulach? — ela perguntou cheia de curiosidade.

A pergunta pareceu fazer Calum estremecer e ele se voltou para Sarra.

— Bothan — ele disse depois de um momento e Sarra lembrou-se de que era esse o nome do MacNachton de quem tantos elogiavam. — Ele é meu irmão.

— Verdade? — Estava surpresa. Nunca lhe ocorrera que ele podia ter um irmão, talvez igualmente bonito e forte. — Ele é casado com Kenna de Bantulach, não é?

— A senhora sabe bastante sobre o meu irmão.

Pelo tom de voz de Calum, Sarra percebeu que ele não parecia muito satisfeito com isso.

— Um menestrel passou por aqui semanas atrás. Ficou algum tempo em Bantulach e veio de lá com muitas histórias e as contou para nós daqui. Algumas histórias eram divertidas, algumas românticas, algumas...

— Algumas?

— Inacreditáveis — ela admitiu depois de certa hesitação. Calum ficou silencioso,

mas Sarra não sabia que parte do que ela dissera o desgostara.

— Onde está o menestrel agora?—ele finalmente perguntou.

— Não sei ao certo. Pode estar na área de d'Angers ou pode estar ainda mais distante. Mas, lorde MacNachton, ó senhor está bem distante de sua casa.

— Estou a serviço de um tio, o senhor de Cambrum — ele admitiu.

— E para onde está indo?

— Londres.

Sarra ficou pensativa. Talvez Calum estivesse desgostoso por ter sido obrigado a retardar a sua viagem graças ao ferimento. Contemplou a silhueta do corpo de Calum sob a luz do luar. Ele parecia uma estátua, sua pele brilhava como uma pérola sobre veludo negro. Combinava com a noite.

— Era uma missão urgente? — ousou perguntar, procurando afastar o olhar do corpo de Calum.

Ele não respondeu logo e Sarra considerou que isso significava um sim.

— Lamento ter retardado a sua missão.

— Estou deixando o seu castelo hoje à noite para terminar a minha missão, senhora. A minha demora não atrapalhou.

— Hoje à noite — ela repetiu. Então isso significava que Calum partiria ao fim daquele dia. A idéia a entristeceu. Não queria que ele partisse, mas não sabia explicar nem a si mesma a razão por querer que ele continuasse no castelo. Mal conhecia esse homem. — E quanto ao seu ferimento? Considera sensato viajar tão cedo depois de um ferimento sério como foi o seu? Na verdade, gostaria que me deixasse vê-lo. Sei que não deve ter piorado, mas...

— Já o examinei e está tudo bem — ele lhe assegurou com firmeza. — Senhora, já está para amanhecer. Devemos retornar ao castelo.

Sarra olhou para o céu e notou que estava de fato clareando. Suspirou lamentando ter de sair daquela água gostosa. Mas foi o que fez. Já na margem, caminhou até onde deixara a sua roupa e procurou se vestir rapidamente. Contudo, a pressa só a atrapalhou, porque se viu colocando o vestido de forma errada ficando presa nos panos.

— O que aconteceu? — Calum perguntou.

— Não sei ao certo, mas acho que coloquei o meu vestido de maneira errada e não estou conseguindo ajeitá-lo.

— Precisa de ajuda?

— Oh, sim, por favor.

Calum logo estava ao lado de Sarra, ajudando-a a tirar o vestido e depois a colocá-

lo novamente. Mas o tempo pareceu parar. Sarra se viu com a respiração ofegante, o corpo inteiro subitamente quente, sem capacidade para reagir. Tudo o que ela mais queria naquele momento, era ser beijada. E esperou por isso.

— Devemos voltar — Calum murmurou e ela concordou imediatamente, apesar de não se mover. Os dois continuaram a se fitar. Então, ele finalmente inclinou a cabeça.

Sarra sentiu as mãos de Calum deslizar por seu corpo enquanto seus lábios se uniam.

A princípio, o beijo foi gentil e carinhoso como se fosse uma carícia trocada entre irmãos. Subitamente, o abraço se tornou mais intenso e o beijo se transformou em um contato apaixonado onde suas línguas se entrelaçavam, livres, ousadas.

Sarra gemeu, o corpo instintivamente se aproximando ainda mais ao de Calum. Jamais sentira tanta paixão, desejo, calor como sentia agora, consumindo-lhe todas as energias e a capacidade de reação.

Calum também gemeu, transformando as sensações que Sarra sentia em outras ainda mais intensas. E então ele acariciou um dos seios, que coberto apenas pelo tecido molhado, tornara-se visível aos seus olhos. Ela gemeu de prazer enquanto o beijo continuava, e por fim lamentou quando, de repente, Calum deixou de acariciá-la e começou a se afastar.

— O que foi que... — ela começou a perguntar, mas ele lhe tampou a boca com uma das mãos. Levou um momento para Sarra perceber que Calum estava prestando atenção a alguma coisa, mas ela não sabia o quê. Não ouvira nada.

No momento seguinte, notou o que era que chamara a atenção do rapaz. Não se ouvia mais o canto das aves noturnas e tudo parecia subitamente fora do normal. Um silêncio total envolvia a clareira.

Sarra mal teve tempo de reagir quando Calum pegou-a pelo braço e a puxou em direção ao cavalo. A princípio, pensou que ele pretendia montar, mas em vez disso puxou as rédeas de Black em direção à caverna.

— O que está acontecendo? — ela perguntou em um sussurro, tão logo estavam lá dentro.

Calum fez um gesto para que ela ficasse em silêncio, sua atenção presa à clareira.

Mordendo os lábios, Sarra procurou ver algo naquela escuridão. Finalmente viu Jocks e vários homens saírem do bosque e pararem seus cavalos. Agora ela sabia que antes do amanhecer também não era uma boa hora para se banhar.

## Capítulo VI

'Eles não estão aqui.

Calum mordeu os lábios quando Jocks soltou uma blasfêmia e puxou as rédeas, forçando seu cavalo a uma parada abrupta na clareira. O movimento podia, sem dúvida, cortar a boca do animal, causando-lhe um ferimento.

Calum odiava ver os animais sofrendo abusos. A atitude cruel de Jocks fez com que ele se sentisse satisfeito por ter interferido a favor de Sarra no dia anterior. Um homem que tratava o seu cavalo dessa forma, tampouco trataria bem as crianças e as mulheres. O fato de que esse vizinho de Sarra considerava natural sequestrar uma mulher e forçá-la a um casamento indesejável, mostrava o caráter do patrão de Jocks. Ele certamente não obedecia às regras da decência. Calum' não gostaria de ver Sarra casada com um homem como esse.

— Tem certeza de que eles viriam até aqui? — Jocks perguntou, voltando-se ameaçadoramente para um de seus homens.

— Oh, sim, senhor. O informante disse que MacNachton traria a moça aqui para se banhar — o homem respondeu rapidamente. — Explicou que em vez de vir ao meio-dia, lady DeCourcey tentaria enganar a nossa vigilância e se banharia antes do amanhecer. E, como o senhor já sabe, viria sob proteção de MacNachton. Pode ser que os dois já estiveram aqui, foram rápidos e partiram. Afinal levou algum tempo para que nosso informante chegasse a d'Angers para nos dar essa notícia. Até o senhor reunir os homens e

cavalgarmos até aqui...

— De fato eles estiveram aqui! — outro dos homens de Jocks exclamou apontando para os restos de pão que estavam sobre um dos troncos. — Talvez estejam agora voltando ao castelo.

— E muito provável que isso tenha acontecido — Jocks resmungou, vasculhando a clareira com os olhos. Suspirou pesadamente. — D'Angers não vai ficar nada feliz.

— Não mesmo — um dos homens concordou.

— Muito bem — Jocks decidiu, voltando o seu cavalo em direção dos bosques. — Vamos cobrir a área daqui até DeCourcey. Eles não sabem que estaremos à sua procura e nem mesmo que viemos até aqui, assim podem estar voltando sem pressa para o castelo e apreciando o passeio. Se tivermos sorte, nós os encontraremos.

— E se isso não acontecer? — um dos homens perguntou.

— Então deixarei você e outros três homens para observarem o castelo no caso de a moça sair novamente — ele anunciou. — E se ela assim o fizer, nós a capturaremos e a levaremos para d'Angers.

Calum ouviu um leve suspiro de infelicidade por parte de Sarra. Ela acabara de ouvir Jocks declarar que vigiariam o castelo. Não poderia ter mais qualquer liberdade de ir e vir de sua propriedade. Era uma espécie de prisioneira.

Isso era um absurdo, Calum pensou. Nada, a não ser se a moça arranjasse rapidamente um marido, faria com que d'Angers desistisse de seus planos.

DeCourcey era uma propriedade muito valiosa, assim como a jovem. Quem não se daria por feliz em poder ter Sarra DeCourcey como esposa?

Calum tentou encontrar alguma solução que favorecesse a moça. Poderia matar d'Angers e assim livrá-la desse velho ganancioso. Seria, porém, uma solução temporária. No momento em que sir Elman morresse, haveria muitos outros homens como d'Angers querendo se apossar de DeCourcey. A moça precisava se casar imediatamente.

Seus pensamentos foram afastados quando ouviu a voz de Sarra sussurrando em seu ouvido:

—Vamos pegar os túneis? — ela perguntou bem baixinho.

Calum estremeceu. Estivera tão distraído tentando encontrar uma saída para o problema de sir Elman e Sarra que levou um momento para entender o que ela estava falando.

— O quê? — ele perguntou sem esconder a sua surpresa. Devia ter ouvido errado. Não acreditava que Sarra pudesse ter feito tal sugestão.

Era verdade que ela o levava para o castelo através da passagem secreta, no

entanto ele estivera desacordado até então. Não lembrava nada da viagem e seria incapaz de seguir por aqueles túneis sem se perder.

Agora, porém, estava perfeitamente sadio, ou quase. Seu ferimento estava se curando, razão pela qual não deixara Sarra lhe fazer um novo curativo. Explicar-lhe a razão de uma cura tão rápida seria revelar quem ele era, e isso Calum não estava disposto a fazer.

O ponto em questão, no entanto, é que agora ele estava praticamente consciente, lúcido, e definitivamente memorizaria cada aspecto da jornada através dos túneis. Não acreditava que Sarra estivesse disposta a revelar a ele o segredo de sua família.

— Como pode sequer fazer tão sugestão? Isso revelaria a mim a rota pelo túnel e poderia colocar a senhora e todos os seus em perigo se eu passasse essa informação a alguém mais.

— Confio no senhor — Sarra disse simplesmente. Calum fitou-a, admirado. Ela confiava em um quase estranho. Sarra era ingênua como um bebê.

— Não sou ingênua — ela retrucou.

Calum nem percebera que falara as palavras em voz alta e sorriu levemente.

— Mas se confia em um completo estranho só pode ser ingênua, senhora.

— O senhor não é um estranho — ela rebateu. — Já demonstrou que é uma pessoa confiável.

— Como assim?

Sarra respirou fundo com impaciência.

— Bem, vamos ver. Suponho que o senhor estivesse descansando na caverna ontem à tarde, esperando o sol se pôr para retomar a sua viagem.

— De fato.

— Mas então me ouviu gritar na clareira e saiu sob a luz do sol para ver o que acontecia.

— Na verdade, não foi o seu grito que me acordou e me chamou a atenção — ele confessou. — Ouvi um som estranho e descobri depois que se tratava da senhora cantando. E de fato me acordou de um bom sono.

Sarra ruborizou levemente, mas continuou com a sua linha de pensamento.

— E então, apesar de nem saber quem eu era e de ter sido acordado com meu canto desafinado, o senhor arriscou a sua vida enfrentando não apenas um homem, mas quatro, tudo isso para me salvar. E fez isso mesmo sabendo que o sol o enfraqueceria. Eu diria que seu comportamento revela bastante de seu caráter, milorde. E não sugere que vá trair a minha confiança quanto à questão da passagem secreta.

Calum surpreendeu-se. Nem ele mesmo fazia tão bom juízo sobre si próprio.

— Além disso, não há muito mais que possamos fazer. Podemos ir pela mata e nos arriscamos a encontrar Jocks e seus homens, isso sem contar com a luz do sol que prejudicará a sua saúde, lorde MacNachton, ou seguimos pelo túnel. Esta última me parece a melhor opção.

Calum deu uma olhadinha em direção ao céu, notando que os primeiros raios de sol começavam a surgir. De fato seria uma bobagem ir para o castelo pela rota normal. Pelo menos ele não seguiria por ali.

Considerou a situação, rapidamente. Precisava retomar sua viagem ainda naquela mesma noite, já que era importante que a mensagem que levava consigo, chegasse a Londres.

Claro que preferiria passar mais tempo com Sarra a levar uma mensagem, mas não podia falhar com a missão que assumira.

A moça era bonita e doce e tinha gosto de mel. Lembrou-se do beijo trocado havia pouco e suspirou. O mais sensato seria ordenar que ela seguisse pelo túnel, enquanto ele ficava ali na caverna. Assim, evitaria tentações maiores.

— A senhora deve voltar ao castelo através do túnel — ele disse por fim. — Eu ficarei aqui até que o sol se ponha e então seguirei para Londres. Já a informei de meu desejo de partir e assim não vejo necessidade de minha volta ao seu castelo. Posso ficar nesta caverna sem maiores problemas. Se Jocks e seus homens entrarem neste refúgio, terão de me enfrentar. E no escuro, facilmente os derrotarei.

Calum notou que Sarra parecia disposta a argumentar contra a decisão que ele tomara.

— Não vou deixar que o senhor durma sobre pedras como um cão. Salvou a minha vida, milorde. Deve voltar comigo e descansar em uma cama confortável. Além disso, tenho certeza de que meu pai ficará profundamente desapontado se o senhor partir sem que tenham se despedido antes. Como deve ter percebido, não gosto de ver meu pai decepcionado.

Calum observou a jovem por um momento, sem lhe responder de imediato. Sarra não deu chances para ele dizer não.

— Sugiro que volte comigo para o castelo. Não tenho intenção de percorrer sozinha esses túneis. Não gosto da escuridão. Não sou como o senhor, lorde MacNachton. Sinto-me melhor sob a luz do sol.

Era uma moça teimosa, ele pensou. E com uma personalidade muito cativante, já que até Black parecia fascinado, seguindo-a para onde ela ia. Deu uma última olhada para a entrada da caverna e decidiu fazer a vontade de Sarra. Virou-se para segui-la e deu um



encontrão em Black. Não vira o animal já que o negro de seu pêlo era invisível naquela escuridão.

Calum deu uma leve palmada no flanco do animal enquanto esperava que seus olhos se ajustassem à escuridão. Não levou muito tempo. Enxergava muito bem durante a noite. Em poucos segundos ele distinguia sombras e formas. Visualizou então Sarra à sua frente. A mulher estava passando a mão em uma parede da caverna, como se buscasse alguma coisa. Não enxergando no escuro como ele, estava tateando como uma cega.

— O que procura? — ele perguntou.

— Uma tocha. Sei que há uma pendurada nestas paredes, mas não consigo encontrá-la.

—Fique aqui que encontrarei uma—Calum disse finalmente.

Moveu-se adiante de onde ela estava, caminhando com firmeza enquanto seus olhos continuavam a se ajustar à escuridão. Passou pelo primeiro gancho onde deveria haver uma tocha, mas que não estava mais lá. Certamente teria sido aquela que Sarra tinha pegado no dia anterior quando haviam percorrido os túneis rumo ao castelo, ele concluiu. Caminhou mais um pouco e localizou o segundo gancho. Neste se encontrava uma tocha. Sem demora, ele a acendeu e voltou para onde estava Sarra.

— Mais tarde temos de recolocar as tochas que estamos tirando — ele disse em voz bem baixa, iluminando a área em que estavam.

Sarra concordou imediatamente enquanto aceitava a tocha que ele lhe estendia.

— Espere aqui. Vou pegar Black e depois a senhora vai indicando o caminho a tomar.

Calum foi até seu cavalo, e puxando-o pelas rédeas, levou-o até onde Sarra estava. Então a levantou rapidamente e a colocou sentada sobre a sela. Hesitou, e então subiu também.

Hesitou mais uma vez. Sua mente ainda lhe dizia que o mais sensato seria mandar Sarra sozinha a pé pelos túneis, ficando ele com o cavalo. O melhor seria ficar na caverna, descansar durante o dia e partir tranquilamente à noite para Londres.

No entanto, teimosa como era, Sarra recusaria imediatamente a proposta, ele pensou. Não havia, porém, razão alguma para aceitar essa idéia já que estava com a tocha, sabia o caminho e certamente chegaria com facilidade ao castelo.

Mas também ele não estava de todo convencido de que esta era a melhor idéia. Se viessem a se separar naquele minuto, não teria chance de passar mais algum tempo ao lado da bela moça. E ele simplesmente queria ficar mais tempo com ela, mesmo sem ter coragem de se perguntar a razão desse desejo. A resposta poderia surpreendê-lo.

Queria estar com Sarra. Era isso.

— Devo manter a tocha bem à frente — ela perguntou naquele minuto, inclinándose e mostrando o que pensava em fazer. O problema foi que com tal movimento, a parte inferior do corpo dela ficou em contato direto com a dele. Calum empertigou-se e os dois ficaram em uma posição bastante imprópria.

— Oh, eu... não... — ele pigarreou e pegou a tocha. — Na verdade, serei eu a levá-la... oh diabos... — Calum praguejou enquanto puxava a mão de Sarra para lhe tirar a tocha.

Os dois olharam horrorizados quando a luz caiu no chão e prontamente se apagou.

Por um momento, ficaram sentados sobre a sela, silenciosos, dentro daquela escuridão. Calum imediatamente sentiu o contato daquele corpo macio contra o seu. Sarra não estava mais inclinada para a frente e ele podia sentir o seu peito pressionado pelos quadris arredondados. Aspirou um aroma gostoso vindo dos cabelos longos e dourados. Ela se ajustava perfeitamente nos braços dele, o corpo se encaixando ao dele como se formassem um só. Desejou então fazer mais do que simplesmente beijá-la como o fizera junto ao rio.

— Vou pegar a tocha — Sarra disse finalmente, e começou a desmontar.

— Não precisamos dela — ele respondeu com voz rouca, detendo a mão que se dirigia instintivamente aos cabelos da jovem. Respirando fundo, forçou-se a deixar de lado aquelas fantasias e prestar atenção ao que estavam fazendo agora. — Está tudo bem. Consigo enxergar no escuro.

— O senhor sim, mas eu não — Sarra protestou. — Além do mais serei eu quem indicará o caminho. Se não enxergar, como poderei escolher os túneis certos?

Antes que Calum protestasse mais uma vez, ela desmontou e procurou pela tocha na escuridão. Calum também desmontou e seu corpo deu um encontrão no de Sarra. Perderam o equilíbrio e para não caírem agarraram-se um no outro.

— Perdão, senhora — ele murmurou.

— Lorde MacNachton? — Sarra murmurou, e ele viu que ela procurava enxergá-lo no escuro.

No intuito de sair daquela posição imprópria, ele a empurrou e Sarra caiu no chão frio da caverna. Ouvindo os seus gemidos, Calum abaixou-se imediatamente e procurou socorrê-la.

— Oh, a senhora está bem? Lamento, não pretendia...

Ele conseguia enxergar no escuro, contudo Sarra começou a mover os braços, balançar o corpo tentando se levantar e ele se viu com as mãos envolvidas naqueles cabelos

macios e dourados. Eram como seda.

— Lorde MacNachton? — Ele a viu estender os braços procurando tocá-lo. — Onde o senhor está?

Calum pegou a mão de Sarra entre as suas.

— Oh, aí está o senhor. Achou a tocha?

Ele hesitou, então se abaixou e pegou a tocha com facilidade.

— Eu a encontrei. Agora precisamos de uma pederneira para acendê-la.

— Creio que haverá uma debaixo da próxima tocha que encontrarmos. Papai sempre deixa uma junto da outra.

Calum ficou pensativo. Não acreditava que encontrassem nem uma nem outra tão perto. Sir Elman certamente as colocara em lugares estratégicos.

— Venha comigo — ele murmurou. Levantou-a com facilidade e a colocou de volta na sela. — Eu posso ver tudo nitidamente. Minha visão é muito boa no escuro.

— Se não houver outro jeito... Mas como saberei se estamos indo pelos túneis certos?

— Posso ir descrevendo por onde passamos. A senhora me indicará os caminhos.

Cavalgarem no escuro era diferente, Calum reconheceu. Era como se desfrutassem de um momento de grande intimidade.

— O senhor consegue mesmo ver no escuro? De onde veio esse seu dom?

— Dizem que alguns de nós, do clã dos MacNachton, temos instintos semelhantes aos gatos. Às vezes, meu irmão Bothan comporta-se como um verdadeiro felino.

Talvez porque tudo estivesse por demais escuro e um pouco assustador, Sarra deixou-se encostar no corpo de Calum. Talvez fosse essa a razão, ou quem sabe ela apenas desejasse aquele contato físico.

— Aqui é um pouco assustador, não é? — ela murmurou. — Estou feliz que o senhor esteja comigo. Não gostaria de estar nesses túneis sozinha. Cada vez mais me convenço de que tive sorte por ter sido salva por um MacNachton.

Calum não sabia o que dizer, e assim simplesmente fez um gesto com os ombros como se concordasse com ela.

— O senhor está muito silencioso. Ainda pensa que deveria ficar na caverna?

— Seria o mais sensato, lady Sarra.

— Não penso assim. Não seria sensato dormir em uma caverna quando há uma cama confortável esperando pelo senhor no castelo.

— Oh, a cama de seu pai. — Calum nem conseguia acreditar que havia dormido na mesma cama que sir Elman. — Se quer saber, senhora, gostei muito de conversar com seu

pai. Ele é uma pessoa extraordinária. Lamento demais que esteja tão doente.

Lembrou-se de como ele e sir Elman haviam conversado durante a noite anterior. O pobre homem não se sentia bem estando tão fragilizado e dependendo completamente da filha e das criadas. E se preocupava demais com Sarra e com o futuro dela depois que ele morresse.

— E o senhor sente falta de seu irmão? — ela perguntou repentinamente.

Calum surpreendeu-se com a pergunta.

— Por que me faz essa pergunta, senhora?

— Parece-me que irmãos gêmeos são mais unidos do que os irmãos em geral — ela disse simplesmente.

Calum resmungou. De fato sempre tinha sido muito ligado ao irmão. Na verdade, ele e Bothan haviam sido inseparáveis, passando quase todo o tempo juntos até a chegada de Kenna. Bothan era o melhor amigo que ele tivera, mas agora, depois de casado, ele seguia sua vida em Bantulach.

— A senhora também teve uma irmã gêmea, não é? — Calum perguntou lembrando-se de que sir Elman lhe contara sobre uma segunda filha que morrera ainda jovem, junto com a mãe, ambas vítimas de uma febre. Devia ter sido muito triste para Sarra perder a mãe e a irmã gêmea.

— Meu pai lhe contou isso?

— Oh, sim. Entre outras coisas.

Sarra perdeu-se em pensamentos. Mesmo tendo passado tanto tempo, nunca conseguira superar a perda da irmã. Quando a febre chegara a DeCourcey, os camponeses haviam se refugiado no castelo em uma inútil tentativa de escaparem da doença fatal. A mãe dela e Joan, sua irmã, haviam se tornado mais duas das tantas vítimas. O sofrimento de perder a mãe tinha sido imenso, mas perder a irmã lhe parecera uma crueldade. Por que Joan e não ela? Por que escapara ilesa da peste enquanto tantos outros morriam?

— Senhora? — Calum ficou preocupado com o silêncio que os envolvera repentinamente.

— Oh, sim, também tive uma irmã gêmea. Chamava-se Joan.

— E a senhora deve ter sofrido com sua morte.

— Um sofrimento imenso. Então entendo que esteja sentindo falta de seu irmão Bothan.

— Mas não é a mesma coisa, senhora. Meu irmão está vivo e em Bantulach. Eu o verei novamente.

— E de acordo com a Igreja, minha irmã está feliz no céu, olhando por mim, e nós

duas, também, nos encontraremos um dia — Sarra murmurou suavemente. — Mas eles agora estão distantes de nós, não é?

Sarra sentiu os braços de Calum apertarem-na com mais força, como se ele estivesse querendo confortá-la. Deixou o corpo amolecer e se ajustar ao do cavaleiro, desejando retribuir o gesto carinhoso.

Era tão gostoso estar nos braços de lorde MacNachton.

Subitamente, um pensamento lhe cruzou a mente.

— Já devemos estar chegando, lorde MacNachton. Pelo tanto do caminho que fizemos, pressinto que nos aproximamos da entrada que leva às celas da prisão do castelo.

— De fato estamos quase lá — ele murmurou. Ficaram em silêncio por um bom tempo. Finalmente Calum puxou as rédeas e Black parou imediatamente. Ele desmontou e com facilidade ergueu Sarra nos braços e a colocou no chão.

— A senhora está bem? — ele perguntou, sua voz soando rouca. A aproximação da jovem o perturbava.

— Oh, estou. — De repente, ela começou olhar em volta tentando enxergar no escuro.

— O que foi, senhora? — Calum perguntou, atento.

— Escutou esse som? Sabe o que é?

Sarra procurou identificar o som que parecia denunciar passos bem próximos. Sentiu um alívio enorme por estar ao lado de Calum naquele momento.

Havia mais alguém com eles naquela escuridão.

## Capítulo VII

Som parece vir do outro lado da parede. Sarra sentiu-se apavorada diante da idéia de que alguém se aproximava no escuro para agarrá-los naquela escuridão. Aos poucos, porém, foi se acalmando.

Prestou bastante atenção, e de fato os sons vinham do outro lado da parede de pedra. Era um som abafado e se estivesse vindo do próprio túnel ressoaria mais forte. Havia eco ali dentro. Calum acertara mais uma vez.

— Seu pai me disse que somente a senhora e ele sabiam onde o túnel ficava — ele comentou depois de uma pausa. Sua voz era apenas um sussurro.

— E esta é a verdade. Penso que outras pessoas saibam da existência da passagem secreta, mas ninguém conhece a localização exata.

— Que pessoas são essas?

— Hadley é uma delas. Não tenho certeza a quem mais papai possa ter revelado o grande segredo.

— Como a senhora me tirou do túnel? Decerto não conseguiria me carregar sozinha.

— O senhor estava inconsciente e havia uma escada a ser superada. Hadley me ajudou a carregá-lo para cima, lorde MacNachton.

— Hadley?

— Oh, sim. Ele me disse que uma das criadas tinha ouvido sons vindo das celas e ele desceu para verificar a origem do barulho. Foi quando nos encontramos e ele me ajudou a levá-lo escadas acima. Então Hadley e o cozinheiro o carregaram até o quarto de meu pai.

— Assim o cozinheiro e Hadley sabiam que nós havíamos vindo do túnel?

— Eles e mais alguns criados.

— Mais criados? — Calum perguntou soltando um suspiro de desânimo.

— Sim, eles me viram trazendo Menino Bonito para cima.

— Black — Calum a corrigiu. Sarra sorriu ao ouvir esse protesto.

— Por que está me perguntando isso, milorde?

Calum não respondeu de imediato, e o silêncio só era rompido pelo barulho provocado por algo batendo no outro lado da parede.

— O senhor pensa que alguém esteja procurando a passagem secreta?

— Acredito que sim.

Sarra sentiu um calafrio percorrer o seu corpo. Seus olhos procuraram ver o ponto exato que devia ser tocado para a porta ser aberta.

— Então temos um traidor entre nós dentro do castelo?

— Provavelmente.

— E o que pretende essa pessoa? O que ganhará sabendo onde está a porta que se abre para os túneis. Será possível que esteja a serviço de d'Angers?

— Tudo é possível, senhora. Talvez um empregado descontente. Mas agora fiquemos bem quietos ou nossa voz servirá de guia para essa pessoa.

O silêncio reinou na escuridão da caverna.

— Então suponho que não podemos sair agora ou revelaremos a entrada — ela sussurrou depois de alguns instantes.

— Não podemos. Teremos que esperar o som sumir e ainda assim daremos mais algum tempo. A senhora vai ter de se munir de muita paciência.

— Mas pelo menos poderemos acender a tocha? — Sarra perguntou esperançosa, sentindo a hesitação de Calum.

— Não tenho certeza. Se a entrada tiver alguma fresta, lá de dentro poderão ver a claridade daqui. E isso revelaria o que tanto queremos manter em segredo.

Sarra suspirou reconhecendo a sabedoria das palavras de Calum. Parecia que teriam de esperar um bom tempo... na escuridão. Pelo menos até que o barulho parasse. Ambos ficaram em silêncio e isso, de repente, fez com que ela tomasse consciência de que Calum ainda lhe segurava a mão. Ele movia seus dedos gentilmente contra os dela, para cima e para baixo, em um ato que ela suspeitava que fosse inconsciente. Sarra permaneceu completamente imóvel, concentrando-se na carícia, sentindo o deslizar dos dedos ásperos de Calum. Voltaram-lhe as sensações eletrizantes de quando ele a beijara na clareira.

Havia sido a experiência mais fantástica de sua vida e ela desejou ardentemente que se repetisse.

— Sarra?

Ela sentiu que a voz de Calum soava muito próxima e num gesto instintivo inclinou-se para o lado dele, cativada pela leve carícia dos dedos e pela lembrança do beijo. Embaraçada, procurou recuar.

— Eu...

Suas palavras foram interrompidas pelos lábios de Calum que estavam agora sobre os dela, em um beijo que começou leve e foi se intensificando. Sarra sentiu que ele a envolvia em seus braços e, por um momento, entregou-se ao prazer, desejando que o beijo jamais terminasse.

Não murmurou palavra alguma, mas se o tivesse feito, seria para pedir que ele continuasse a beijá-la. Mas era difícil falar porque agora a língua de Calum tornara-se mais

ousada. Sarra gemeu encorajando o atrevimento de Calum, encostando seu corpo contra o peito musculoso. Ele imediatamente tomou consciência de que ela correspondia às carícias e também soltou um gemido de prazer, levando-a ao entusiasmo. Quando suas mãos envolveram o pescoço de Calum, o beijo se tornou mais intenso e agressivo.

Sarra não conseguia conter mais as sensações que invadiam o seu corpo por inteiro. Sensações que nunca sentira antes e que agora desejava que durassem para sempre.

Foi então que as mãos de Calum tocaram em seus seios. Sarra gemeu quando o mamilo foi massageado e todo o seu corpo estremeceu, não em protesto, mas em um indescritível prazer. Oh, ela já tocara nos seios tantas e tantas vezes ao lavar-se ou vestir-se e jamais havia sentido uma sensação como esta. Toda a sua pele ardia ao toque dos dedos de Calum, e um estranho calor surgia por entre suas pernas.

— Calum... — ela murmurou, apesar de que mal podia colocar em palavras aquilo que seu corpo desejava. Mas ele pareceu entender. Sarra sentiu que a perna de Calum se colocara entre as dela, roçando assim suas partes mais íntimas.

As sensações provocadas pelas carícias em seus seios e entre suas pernas se esvaeceu e ela perdeu totalmente a capacidade de se concentrar.

Era maravilhoso ser mulher e estar nos braços de um homem como ele.

Quando os lábios de Calum começaram a deslizar pela nuca de Sarra, subitamente ele parou.

Confusa, ela esperou por novas carícias por mais ousadas que fossem. Seu corpo clamava por muito mais intimidade, mas Calum permanecia imóvel e afastado.

Um pensamento a inquietou. Talvez ela não fosse uma mulher atraente, sensual como as que ele devia conhecer. Seria isso?

— Milorde? — murmurou incerta.

— Oh, senhora, dê-me um minuto que conseguirei me controlar.

Sarra mordeu os lábios, todo o seu corpo vagorosamente retomando o estado normal e a excitação diminuindo pouco a pouco. Surpreendeu-se quando notou que ele ajeitava seu vestido.

Embaraçada, ela afastou as mãos dele e completou a tarefa, ciente de que seu rosto ardia como brasa. Estava ruborizada de vergonha.

Sabia que Calum também se sentia atraído por ela, contudo não ousaria abusar de uma jovem inocente e ingênua. Era um homem honrado.

— O barulho parece ter cessado, senhora. Penso que podemos entrar no castelo agora.



Oh, Deus, Sarra pensou. Havia se esquecido completamente do barulho do outro lado da parede.

Soltando a respiração lentamente, levantou-se e começou a passar as mãos pela parede como fizera da outra vez. Precisava encontrar o ponto, que pressionado, abriria a passagem. Percebeu que Calum se movia com ela, mas procurou se concentrar em apenas se compor novamente, tanto emocional como fisicamente. Ajeitou mais uma vez as suas roupas e pensamentos. Não conseguia, porém, afastar a sensação de embaraço. Por um lado dizia a si mesma que tinha sido melhor que Calum tivesse parado antes de prosseguirem demais nas carícias, já que ela própria perdera totalmente o controle.

A claridade surgiu inesperadamente, surpreendendo-a. Calum havia encontrado uma tocha e a acendido quebrando a escuridão. Os olhos dela levaram algum tempo para se acostumarem com tanta luz e estranhou que Calum não reclamasse daquela claridade. Talvez fosse apenas a luz direta do sol que o enfraquecesse. Ele parecia estar muito bem naquele momento.

— Lamento não ter avisado que acenderia a tocha, senhora. Não quis assustá-la. Encontrei uma pederneira e não resisti. Achei que se sentiria melhor na claridade.

— E de fato me sinto muito melhor. Assustei-me porque já estava me habituando com a escuridão. E não se esqueça, lorde MacNachton, que venho passando por novas emoções.

Sarra não conseguiu evitar e ruborizou.

—Venha, vamos encontrar a saída. — Ele sorriu levemente.

Sarra se esforçou e sorriu também. Voltou-se para a parede e tateando com as mãos encontrou finalmente a pedra certa.

— Espere aqui um minuto — Calum pediu quando a entrada se abriu dando-lhes passagem.

Sarra o observou entrar cautelosamente e percorrer o corredor das celas, abrindo porta a porta e examinando cada aposento. Levou um minuto para compreender que ele estava verificando se o invasor havia saído de lá.

Sarra respirou profundamente. Esquecera-se totalmente do invasor durante os beijos e as carícias que trocara com Calum. Ele aparentemente não. Continuava como sempre atento. Por alguma razão, ela se decepcionou. Gostaria que Calum também tivesse perdido a noção da realidade, assim como ela.

Oh, Calum devia ter uma enorme experiência em beijar mulheres, ela lamentou.

Suspirando, voltou-se para o cavalo e acariciou seu pêlo lustroso.

— O seu dono é bonito, inteligente e sabe beijar muito, muito bem, mas penso que

será bom mesmo que parta ao anoitecer. Se ele continuar aqui terminará por partir o meu coração.

O cavalo começou a morder seu cabelo como se quisesse agradá-la de alguma forma. Ela sorriu e encostou o rosto no dorso do animal. Sentiria falta desse estranho cavalo quando Calum partisse.

— Está tudo bem.

Sarra sobressaltou-se ao ouvir a voz de Calum. Pegou as rédeas do cavalo e ele a seguiu docilmente.

— A senhora está arruinando essa besta — Calum resmungou.

— Ele não é uma besta, mas um menino bonito — Sarra protestou. Sorriu e começou a puxar o animal em direção às escadas. Como antes, subiu rapidamente e abriu a porta, clareando os degraus para o cavalo subir por sua conta. Na cozinha, os criados iam e vinham em grande agitação. O castelo estava acordado e todos estavam se preparando para o desjejum. Não havia esperança de que os três conseguissem passar por ali sem serem percebidos.

Sendo assim, Sarra escancarou a porta, dirigindo um sorriso irônico para o cozinheiro. Então se voltou novamente para as escadas de onde o cavalo surgia seguido por seu dono.

— Milady! — o cozinheiro começou a protestar vendo o cavalo, depois silenciou ao ver Calum MacNachton lhe dirigir um olhar significativo.

— Lamento perturbar novamente o seu sossego — Sarra disse ao cozinheiro, puxando o cavalo para fora da cozinha. — Não creio que isso vá acontecer novamente.

O homem balançou a cabeça em desalento. Ultimamente sua cozinha vinha sendo visitada por animais vivos e por cavaleiros estranhos. Mas o que fazer? Deu de ombros e voltou a se entreter em preparar um novo prato.

Ao entrar no grande salão, Sarra notou a surpresa no olhar de Hadley, mas não lhe dirigiu a palavra, querendo chegar logo ao quarto de seu pai e verificar se tudo estava em ordem. Não se surpreendeu ao perceber que o cavalo e Calum a seguiam.

— Onde o senhor guarda Menino Bonito quando está na Escócia? — Sarra perguntou a Calum cheia de curiosidade.

— Ele fica em um estábulo lá. Quer que eu o leve para fora? Farei isso se preferir.

— Não — ela finalmente decidiu. — O jeito que ele me segue diverte papai e ultimamente pouca coisa o distrai.

Calum manteve-se em silêncio.

— E o senhor também consegue distrair o meu pai. De uns tempos para cá ele tem

vivido apenas rodeado de criadas e aproveita agora a presença de um homem para conversar assuntos de seu interesse.

— Gosto de conversar com seu pai — Calum murmurou, enquanto Sarra abria a porta do quarto.

— Sarra! Oh, finalmente voltaram. Estava ficando preocupado com a demora. Faz tempo que os esperava.

— Lamento que tenha se preocupado conosco, papai. Teríamos voltado antes, mas algo nos retardou.

Elman DeCourcey franziu a testa, cheio de preocupação.

— Minha filha, percebo que está bastante agitada. Não me diga que encontrou problemas na clareira. Pensei que pudesse se banhar tranquilamente se fosse antes do amanhecer.

— Os homens de d'Angers apareceram na clareira — Calum anunciou sem rodeios. — Ouvimos se aproximarem e conseguimos entrar na... — Ele percebeu a presença da criada e não quis revelar a mais pessoas o segredo da família. — Saímos dali antes que eles nos avistassem.

— Meu Deus! — sir Elman murmurou, depois percebeu que Milly os olhava com curiosidade. — Gostaria de um copo de cerveja, por favor, Milly. Pode ir buscar um para mim, minha jovem?

— Imediatamente, milorde. — A criada largou o bordado que segurava nas mãos e saiu rapidamente do quarto.

— Viemos pelo túnel, sir Elman — Calum anunciou tão logo a porta foi fechada e eles se viram sozinhos. — Mas ao chegarmos à entrada que dá ao castelo ouvimos barulho vindo do outro lado da parede. Achamos mais conveniente esperarmos que o barulho cessasse.

— Um barulho? — Os olhos de sir Elman se estreitaram.

— Alguém batendo nas paredes. Penso que procuravam a passagem secreta. E isso não é tudo. Ouvimos Jocks conversando com seus homens. Alguém avisou d'Angers que Sarra estaria se banhando na clareira antes do amanhecer.

Sarra mordeu os lábios percebendo a preocupação que surgira no semblante do pai.

— Então temos um traidor no castelo, não é? — sir Elman constatou pesaroso.

— Temo que sim. Este seria o meu palpite — Calum murmurou.

— Bem, terei de encontrar uma forma de usar esta descoberta a nosso favor.

— Mas fará isso mais tarde, papai — Sarra murmurou. — Agora gostaria que

desfrutasse da companhia de nosso hóspede. Lorde MacNachton pretende partir ao anoitecer.

— O quê? — sir Elman se espantou. — Mas por quê? Não deve ir embora tão depressa. O senhor é bem-vindo aqui neste castelo e pode ficar o tempo que quiser. Gosto muito de sua companhia e sei que Sarra também a aprecia.

— Ele estava a caminho de Londres a serviço do senhor de seu clã, papai. Parou para descansar na caverna e foi quando os homens de d'Angers me atacaram. O resto o senhor já sabe. Agora que está bem melhor, ele deseja completar a missão de que o encarregaram.

—Oh, naturalmente.—Elman DeCoursey olhou para Calum com simpatia.—Gostaria que o senhor se hospedasse aqui mais uma vez em sua viagem de volta. Isso nos dará um imenso prazer. E saiba que pode ficar o tempo que desejar.

Sarra percebeu pelo olhar que os dois homens trocavam que havia ali uma espécie de comunicação especial entre eles. Calum, porém, disfarçou e foi em busca de duas cadeiras para ele e Sarra poderem sentar-se ao lado de sir Elman e conversarem.

A tarde transcorreu agradavelmente. Sarra desfrutou da companhia do pai e de Calum e sabia que sir Elman se distraía como há muito não fazia. Tanto o pai quanto ela ficaram desapontados quando começou a anoitecer. Calum levantou-se e caminhou até a janela. Como se seu relógio interior lhe dissesse que o sol se pusera atrás do horizonte. Chegara a hora de Calum partir.

Sir Elman pareceu subitamente preocupado.

— Temo por sua segurança, meu rapaz. Gostaria que partisse pelo túnel.

— Por que, sir Elman?

—Não ouviram Jocks dizer que colocaria homens vigiando o castelo? Se sair pela frente terá de enfrentar uma nova batalha.

Calum não pareceu se importar com esse novo risco. Assim deu de ombros e sorriu levemente para sir Elman.

— Não temo enfrentar quem quer que seja.

— Sei que é valente e não tem medo de ninguém. Peço-lhe, porém, que honre o pedido de um velho e siga pelo túnel. Ficarei muito mais tranquilo sabendo que o senhor partiu sem correr risco algum.

Calum hesitou, mas terminou por ceder.

— Como queira, sir Elman. Não deveria se preocupar comigo, porém. Longe da claridade do sol, não há muitos que possam me vencer.

— Acredito nisso, meu jovem. — Lorde DeCoursey olhou para Sarra. — Filha, vá

até a cozinha e peça para prepararem alguma comida para a viagem deste meu novo amigo. Gostaria de conversar com ele, a sós, por um momento.

— Naturalmente, papai—Sarra murmurou e saiu do quarto. Somente quando começava a descer as escadas é que percebeu com tristeza que o cavalo não a seguira desta vez, ficando ao lado do dono. Era como se ambos já tivessem partido.

Procurando afastar tais pensamentos tolos de sua mente, seguiu para a cozinha e ordenou que preparassem um bom lanche para Calum e arrumassem também comida para Menino Bonito.

Calum á encontrou na cozinha segurando duas sacolas bem cheias.

— O que colocou aí dentro, senhora? Uma vaca?

Sarra conseguiu sorrir, enquanto lhe enumerava os alimentos que escolhera.

— Coloquei um pouco de carne, queijo, pão, frutas e cerveja, além de água. Ah, e algo para Menino Bonito.

— Oh, apenas o mais necessário. — Calum sorriu e voltou-se para o cozinheiro. — Não quero lhe dar trabalho algum, senhor.

— Bem, não quero parecer um homem difícil, milady. Mas poderia remover esta besta de minha cozinha? — o homem implorou a Sarra com voz desesperada.

— Sim, naturalmente — ela murmurou dirigindo-se para a porta que levava à velha prisão. Abriu caminho para a passagem do cavalo, depois notou uma luz fraca vindo de uma das celas.

— O que é isso? — Calum murmurou, percebendo que havia alguma coisa errada lá embaixo. Não esperou pela resposta dela. Fez um gesto para que ela o esperasse lá em cima.

— Vou ver do que se trata. Fique aqui. — E desceu silenciosamente as escadas.

Sarra o observou desaparecer dentro do corredor das celas, mas quando soou um grito assustador, ela desistiu de ficar à espera e desceu as escadas às pressas.

Mal chegava ao último degrau, notou que Menino Bonito a seguia. O cavalo pareceu temer descer a escada, mas fiel como sempre, terminou obedecendo à jovem e venceu degrau por degrau.

Lá embaixo, correu apressadamente ao corredor das celas encontrando Calum segurando Hadley pelo pescoço e pressionando-o contra uma parede.

— O que estava fazendo aqui embaixo? — Calum grunhiu, sacudindo o velho homem.

Horrorizada, Sarra viu que o rosto do mordomo começava a arroxear como se estivesse sem ar.

— Lorde MacNachton! — ela gritou. — Está sufocando o homem! Vai matá-lo.

Calum olhou para Hadley e lentamente o colocou no chão, não o soltando, porém.

— Fale! O que fazia aqui?

— Vim... fazer um... conserto em... uma porta. — As palavras saíam trémulas dos lábios de Hadley, e Sarra se entristeceu ao perceber que o mordomo mentia. Como notasse o olhar de incredulidade de Sarra e Calum, o velho prosseguiu com suas lamentáveis justificativas. — Quando vim ajudar lady Sarra a carregar o senhor para cima, notei que uma porta rangia, assim vim consertá-la.

— Oh, entendo — Calum disse secamente. — E bater nas paredes com uma faca é o modo que encontrou para consertar a porta? — ele perguntou com ironia.

Sarra mordeu os lábios. Havia encontrado a pessoa que estivera fazendo aqueles ruídos estranhos quando ela e Calum voltavam ao castelo pelo túnel.

— Eu estava... — Hadley começou a falar, mas sua voz agora mal saía de sua boca.

— O senhor estava tentando encontrar a passagem secreta para agradar o seu amigo d'Angers — Calum concluiu secamente.

— Oh, Hadley — Sarra suspirou desapontada. Ele servia sir Elman fazia vinte anos, tendo começado como mero criado e subido ao posto de mordomo-chefe. Ela estava profundamente magoada com a traição daquele que julgava como alguém da família. — Como foi capaz de fazer isso? Meu pai ficará inconsolável quando souber o que fez.

O desapontamento de Sarra provocou uma reação enfurecida de Hadley.

—A senhora é uma tola! Por que não se casa com d'Angers? Se já o tivesse aceitado como marido nada disso estaria acontecendo agora. Não sei por que resiste. DeCourcey precisa de um senhor forte e sadio, e d'Angers pode ser essa pessoa, agora que seu pai está morrendo.

— Pessoa forte? Sir d'Angers é cruel, não forte. Como o senhor pode ter se unido a um homem sem coração, um verdadeiro demónio?

Hadley sacudiu a cabeça, desgostoso.

— Melhor um demónio que ninguém para governar DeCourcey. Lorde d'Angers é inteligente e pode perfeitamente conseguir o que deseja. Aqueles que lutam contra ele, terminam massacrados. Melhor se aliar a ele e receber depois as recompensas merecidas.

Sarra mordeu os lábios de raiva.

—Está se esquecendo de que d'Angers já tem o seu homem de confiança, Hadley. Ou acha que ele vai substituir Jocks pelo senhor?

— Jocks, aquele imbecil — Hadley murmurou com desprezo.—Jocks é um inútil e anda decepcionando o seu patrão ultimamente. Já por duas vezes deixou que a senhora

escapasse de suas mãos. Isso vai levar d'Angers a notar a incompetência dele enquanto valorizará a minha fidelidade. Logo serei seu homem de confiança.

— O que será muito difícil de acontecer, já que o senhor estará confinado em uma dessas celas — Calum disse friamente. Antes que Sarra percebesse, ele puxou Hadley pelos punhos até uma das celas e a trancou pendurando a chave em um gancho bem longe da porta.

Os olhos de Hadley se arregalaram quando ele se viu confinado a um cubículo, ele que praticamente governava o castelo agora que o patrão adoecera. Voltou-se em desespero para Sarra.

— Milady, por favor—implorou e tentou novos argumentos. — Estava apenas tentando fazer com que a transição se tornasse mais fácil. Lorde d'Angers vai cercar o castelo se for necessário para conseguir com que a senhora se torne sua esposa. No fim, ele terminará comandando tudo aqui. Não será melhor se terminarmos agora com toda essa resistência e...

Sarra saiu da cela decidida a não ouvir os apelos do mordomo. Pegou as rédeas do cavalo e silenciosamente levou Menino Bonito para o corredor.

Calum se reuniu a Sarra e nada disse até chegarem à porta da saída que dava para os túneis.

— A senhora está bem? — ele perguntou, vendo a mágoa nos olhos de Sarra.

Ela meneou a cabeça, apenas. Na verdade, não estava bem. Calum estava partindo, o que fazia com que ela sentisse uma dor profunda no coração, e agora acabara de saber que o fiel mordomo traíra a todos ali. Se falasse, com certeza começaria a chorar.

— Pelo menos a senhora sabe quem é o traidor — Calum murmurou depois de um momento de silêncio. — Lamento que seja Hadley. O seu pai fala do mordomo com afeição. Precisa contar a verdade a sir Elman, senhora. Ele tem de saber o que está acontecendo para ter certeza em quem pode confiar e em quem não pode. E fale com ele antes que d'Angers dê o próximo passo. Seu pai será capaz de planejar a melhor defesa do castelo.

— Oh, sim. Meu pai ficará profundamente decepcionado, mas agora poderá tomar as decisões necessárias.

— Eu queria... — Calum começou a falar, depois se deteve. Sarra levantou os olhos e notou que havia tristeza nos olhos dele. Era como se ele também lamentasse a partida.

— Vou colocar as tochas e as pederneiras pelo caminho — ele murmurou por fim.

— Obrigada, lorde MacNachton.

Calum subiu em seu cavalo e se preparou para entrar no túnel. Antes, voltou o olhar mais uma vez para Sarra.

— Tome cuidado, Sarra DeCourcey. Seu pai não vai viver muito tempo. O melhor seria encontrar um marido que possa manter d'Angers e os outros interesseiros longe dos portões deste castelo. — Com essas palavras, ele partiu sumindo na escuridão do túnel.

Sarra ficou em silêncio até que a porta de pedra se fechasse e a separasse de Calum.

— Eu pensei ter encontrado no senhor esse marido de que preciso, mas devo ter me enganado — ela murmurou entre soluços.

## Capítulo VIII

Calum se esforçou para manter os olhos abertos na escuridão dos bosques que o rodeavam. Tinha adormecido mais uma vez sobre a sela, fato que vinha se repetindo desde a última semana em que deixara DeCourcey. No dia da partida, deveria ter descansado antes de deixar o castelo, contudo se distraíra muito conversando com sir Elman e Sarra e terminara deixando para dormir em uma outra hora. Depois seguira às pressas para Londres, onde tinha completado sua missão entregando a mensagem de seu tio. Deixando Londres, tentara localizar o menestrel de quem Sarra ouvira histórias sobre o clã dos MacNachton.

O fato de um menestrel percorrer o país cantando baladas sobre a bravura de Bothan e suas habilidades em batalha era uma coisa, mas pelos comentários de Sarra algumas das canções eram inacreditáveis. Calum desconfiava que o homem andasse espalhando histórias sobre as tendências ao vampirismo do clã dos MacNachton. Tal vampirismo, que de fato existia, se devia ao cruzamento de um antepassado com uma



deusa druida. O tio de Calum, agora líder do clã, queria acabar com essa tendência aos poucos, já que todos estavam cansados de serem caçados como verdadeiras anomalias humanas. Viviam pacificamente, procurando chamar o mínimo de atenção sobre eles. E, ter um menestrel espalhando melodias por toda a Inglaterra sobre costumes arrepiantes dos MacNachton não ajudava em nada.

Calum havia finalmente localizado o menestrel em uma pequena vila perto de York na noite anterior. Felizmente, o homem não tinha ido muito longe, espalhando as suas histórias, desde que deixara as terras de d'Angers. Lá, não sabia por que razão, não havia agradado ao senhor do castelo, a ponto do próprio d'Angers tê-lo espancado cruelmente. De acordo com o relato do menestrel, ele tinha sido deixado meio morto, em uma das estradas não longe de d'Angers. Um mercador o encontrara, tivera pena de seu estado e o levava em sua carroça até a vila de York, onde ele vinha se recuperando desde então.

O espancamento havia sido tão cruel que o homem provavelmente ficaria aleijado pelo resto da vida. Calum se condoera de seu estado e, em vez de ameaçá-lo, terminara lhe dando um saco com moedas de ouro para que não passasse necessidades. Afinal, a carreira do menestrel chegara ao fim.

Antes de partir, Calum deixara claro ao menestrel que ele não deveria jamais cantar sobre as estranhezas de seu clã, caso contrário, ele, Calum MacNachton voltaria a York e, desta vez, não lhe daria qualquer moeda de ouro e sim um bom castigo.

Depois que saíra de York, Calum prosseguira sua viagem, passando praticamente o tempo inteiro pensando em Sarra e nos dias em que estivera em DeCoursey.

As palavras de sir Elman não lhe saíam da cabeça.

Elman DeCoursey deixara perfeitamente claro que gostaria que Calum se casasse com sua filha. No último dia em que haviam estado juntos, chegara a fazer comentários diretos, como:

O senhor daria um excelente genro, Calum MacNachton. Eu não precisaria me preocupar em deixar Sarra sozinha, se ela tivesse um marido como o senhor.

Cada comentário tinha enchido de felicidade o coração de Calum. Tivera certeza de que o velho havia sido sincero ao falar tais coisas, mas talvez mudasse de idéia se soubesse da realidade dos MacNachton. Provavelmente, Sarra reagiria mal ao saber de sua história e estranhezas. Sabia que a moça sentia-se atraída por ele, gostara dos beijos e de sua companhia, e quando ele partira a deixara com os olhos cheios de tristeza. Infelizmente, não havia qualquer chance de ele se casar com ela sem lhe revelar a verdade.

Em certo momento da conversa, sir Elman lhe dissera diretamente que gostaria de ver os dois casados. Enumerara todas as vantagens desse casamento, todos favorecendo

Calum de forma substancial.

Calum, no entanto, não se importava com essas vantagens. Interessava-se verdadeiramente por Sarra. A moça era bonita, divertida e fascinante. A idéia de passar o resto de sua vida tendo Sarra como sua companheira era um sonho lindo demais. Ele não piscaria um olho sequer se tivesse a chance de se casar com ela. Porém, havia seu segredo e este afastaria a moça assim como sir Elman.

Agora, em sua viagem de volta a Cambrum, tendo de passar pela rota próxima a DeCoursey, ele cogitava se devia ou não voltar ao castelo e ver como andavam as coisas por lá. Estava indeciso. Apesar de que desejava rever Sarra e talvez beijá-la novamente, tinha de ser realista. Será que ela iria querer envolver-se com um MacNachton?

Com certeza Sarra retribuíra os beijos dele, mas de suas fraquezas conhecia apenas a necessidade de se afastar da luz do sol. Não sabia que ele precisava beber sangue quando enfraquecido. Por mais que tivesse ouvido rumores sobre os MacNachton, provavelmente duvidaria que eles fossem meio humanos meio vampiros.

Entretido em seus pensamentos, Calum demorou em perceber que seu cavalo parara.

— O que foi, Menino Bonito? — Rapidamente se corrigiu. — O que foi, Black? — ele perguntou bem baixinho, olhando para a mata densa à sua volta. — Onde foi que você me trouxe? — Irritado, viu o cavalo mexer as orelhas significativamente. Procurou escutar os ruídos e identificá-los. Ouviu vozes e desmontou na hora.

— Fique aqui bem quieto — ele murmurou para o animal. Calum moveu-se então para o lado das árvores, os olhos e os ouvidos atentos tentando descobrir de onde viera o som. Não chegou a andar muito e quase tropeçou em um homem.

Felizmente este estava dormindo deitado no chão, enrolado em uma coberta, e não percebeu a aproximação de Calum.

Sem se mover, Calum olhou em volta e notou que havia outros homens dormindo por perto. Parou de contar quando chegou aos vinte, mas sabia que havia bem mais do que esse número. E como estavam dormindo, o som não viera dali.

Pisando muito de leve, ele procurou encontrar um lugar seguro de onde pudesse ver o que de fato estava acontecendo. Logo identificou que estava nos arredores de DeCoursey.

Meu Deus! Não sou só eu que sinto saudade de Sarra. Meu cavalo me trouxe até aqui, saudoso da moça que o chama de Menino Bonito.

Localizou imediatamente tendas montadas em um acampamento junto à clareira.

Hesitou e olhou para o céu. Havia poucas estrelas, já que o dia amanhecia. Sentiu

um gosto amargo na boca, pensando no que fazer. Aquele grupo não parecia estar ali com boas intenções.

Notou um senhor alto e loiro e com ar prepotente chamando por seus homens.

— Está demorando muito. Quero isso terminado o mais breve possível.

— Sim, milorde — Jocks respondeu.

Se Jocks estava ali, e senhor loiro somente poderia ser d'Angers em pessoa.

— Não quero saber de sim, milorde. Quero que me digam onde fica esse túnel que Hadley mencionou. Se formos por dentro desse túnel, conseguiremos entrar em DeCoursey, e Sarra e tudo ali serão meus. Sem luta alguma.

— Tenho muitos homens procurando por essa entrada, milorde, mas DeCoursey é bastante grande. A entrada pode estar em qualquer lugar.

—Não em qualquer lugar—d'Angers discordou, a expressão irritada, os olhos observando os arredores e fazendo cálculos. — Deve estar por perto. Naquele dia em que Sarra se banhava, ela deixou o seu cavalo para trás e sumiu. A entrada deve estar nas proximidades desta clareira. Além do mais, de onde MacNachton surgiu?

—Parece que veio por detrás da clareira—Jocks observou coçando o queixo.

— Pois o que há por trás desta clareira?

— Há bosques à esquerda, e um recife à direita.

— Pois examinem esse recife por inteiro. Leve mais homens com você e não deixem de encontrar a entrada. Quero ter Sarra sob o meu domínio ainda nesta tarde ou todos perderão suas cabeças. E a primeira será a sua, Jocks.

Jocks concordou e começou a reunir os homens, acordando os que estavam dormindo.

Calum não podia ficar muito mais tempo ali os observando, assim silenciosamente procurou chegar até onde estava Black.

— Bom menino—ele murmurou ao montar em seu cavalo. Se Black não o tivesse trazido até ali enquanto ele dormia, Sarra correria um enorme perigo. No entanto, sabendo onde se localizava a passagem, ele poderia atravessar os túneis e chegar antes dos homens ao castelo.

Black parecia sentir a tensão de seu dono e a necessidade de ser rápido. Assim ele se moveu em silêncio, deixando para trás a clareira.

De uma janela que ficava na torre mais alta do castelo, Sarra olhava o exército acampado ao longo dos muros. Estavam ali já por cinco dias e cinco noites, chegando dois dias após Calum ter partido, e dois dias depois de Hadley ter sido trancado em uma das celas. Ela suspeitava que d'Angers decidira pelo cerco do castelo quando soubera que a

traição de Hadley havia sido descoberta, apesar de que não tinha idéia de como ele pudera ter essa notícia. Talvez Hadley tivesse o hábito de lhe passar informações diárias e quando estas ha-, viam parado, d'Angers compreendera que o espião fora feito prisioneiro... Ou talvez houvesse um segundo traidor que passara esta nova informação. Sarra desejava que fosse a primeira possibilidade. O pensamento de que mais alguém ali no castelo estivesse trabalhando para aquele homem detestável a deixava completamente horrorizada.

Desde a partida de Calum, o declínio constante da saúde de seu pai, a traição de Hadley e o fato de que agora estavam sob cerco, parecia não haver lugar para a felicidade.

Sarra percebeu que estava começando a sentir pena de si mesma. Sacudiu a cabeça e endireitou os ombros. Tudo terminaria bem. Havia um bom estoque de comida em DeCourcey e assim eles poderiam aguentar por bastante tempo. E se o pior acontecesse, ela poderia fugir pelos túneis e viajar até Londres para falar com o rei.

A única razão que a impedira de partir era o medo de que seu pai morresse enquanto ela estivesse fora.

— Lady Sarra!

Ela procurou localizar de onde viera o chamado. Notou as tendas e os homens e finalmente descobriu lá embaixo a presença de Reginald d'Angers pronto para lançar mais alguns insultos e ameaças. Quanto mais ela vinha a conhecer esse homem, mais agradecia a Calum por tê-la salvado naquele dia na clareira. A idéia de se casar com um monstro como aquele a deixava completamente enjoada.

— Quero lady Sarra! — d'Angers gritou, aparentemente perdendo a paciência. Devia estar sempre de mau humor pelas manhãs.

— O senhor também quer DeCourcey, mas não vai ter nem a mim nem as minhas terras! — Sarra berrou de volta, quando ele a localizou na janela da torre.

— Oh, aí está a senhora — ele disse, mudando o tom de voz.

— O que quer agora, Reginald? — ela perguntou dirigindo-se a ele como se dirige a um criado.

— Pensei em lhe oferecer uma última chance de terminar este cerco. Depois não terá qualquer outra escolha, senhora. Abra as portas de seu castelo e me aceite como seu marido.

— Prefiro me casar com uma mula a me unir a um ser tão desprezível.

—Vai se arrepender por ter dito tais palavras, lady Sarra — ele anunciou, a voz soando fria e dura.

— Talvez eu me arrependa, mas nunca farei os votos que me pede diante de um padre.

— Palavras ousadas. Devo lembrá-la de que logo estará de joelhos implorando para que eu me case com a senhora.

— Nada que o senhor faça poderá resultar nesse milagre — ela lhe assegurou.

— Nada? — Reginald d'Angers caiu na risada. — Bem, voltaremos a conversar quando eu estiver dentro de seu castelo, resolvendo o que fazer com seu pai. Se ele não morrer antes de minha entrada.

Sarra virou-se de costas e deixou a torre, não querendo ouvir mais qualquer ameaça. Na verdade, a última delas era a pior. Podia ouvir insultos contra a sua pessoa, mas o que mais a magoava era ouvir Reginald debochar de sir Elman.

— Oh, encontrei a senhora.

Sarra voltou-se e viu Seth, o cavaleiro, se aproximar correndo.

— O que aconteceu, Seth?

— Senhora, o estrume dos estábulos aumentou consideravelmente. Antes do cerco, eu o levava para fora do castelo, mas agora...

— A quantidade é enorme?

— E o cheiro insuportável, lady Sarra.

— Pois sei como o senhor pode se livrar desse estrume. Chame alguns homens, coloquem no em baldes e joguem em cima dos soldados que ousarem cercar o nosso castelo.

Seth arregalou os olhos e de repente sorriu. A idéia subitamente o animou.

— Sim, milady. Será como a senhora deseja.

Sarra sorriu também e, de repente, sentiu fome. Passara dias sem se alimentar direito, perturbada com a aproximação dos soldados inimigos. Mas agora a fome lhe voltava e dirigiu-se à cozinha.

Em vez de se sentar e fingir que os soldados não estavam lá fora, ela mudaria de atitude e os enfrentaria da forma que pudesse.

Entrou na cozinha e perdeu imediatamente o apetite, enjoada com o cheiro ruim que havia lá.

— De onde vem esse cheiro?

— Oh, senhora, vem dos alimentos que estão estragando.

Eu os venho colocando lá fora, mas quando a porta se abre, o cheiro invade este aposento.

— Quer dizer que estamos perdendo alimentos? Não precisa mais se preocupar com o cheiro. Pedirei a Seth que faça com eles o mesmo que fará com o estrume dos estábulos.

— O que pretende fazer, senhora? — o cozinheiro perguntou interessado.

— Oferecê-los aos soldados acampados junto aos nossos muros. Já mandei Seth reunir alguns homens, encher todos os baldes disponíveis e jogarem o estrume muro abaixo. Faremos a mesma coisa com os alimentos podres.

Um sorriso surgiu nos lábios do cozinheiro, e Sarra sentiu-se satisfeita pela primeira vez em dias.

— Milady? — o cozinheiro a chamou quando Sarra abria a porta para sair.

— O que foi?

— Podemos jogar tudo aquilo de que não gostamos?

— Exatamente. Tudo o que for inútil para nós.

—Temos ovos estragados!—Gertrude, uma das ajudantes do cozinheiro, exclamou.

Sarra sorriu para a mulher. Oh, sim. Que maravilha. Ela e os criados haviam declarado guerra a d'Angers e seus homens.

— Podemos jogar os dejetos com a atiradeira? Ela é bem grande e cabe bastante coisa dentro. — Malcolm entrara na cozinha, ouvira a conversa e também se entusiasmara.

— Temos uma atiradeira, Malcolm?

—Enorme!^— Seth exclamou, ele também estava bastante animado. — É velha, mas servirá para o que pretendemos fazer.

— Então vamos testá-la — Sarra sugeriu. — Malcolm, você os ajudará, por favor.

— Sim, milady. Com todo o prazer. — Malcolm virou-se para um dos criados.— Quero ver a cara daqueles miseráveis.

Sarra observou os homens saírem da cozinha, todos cheios de planos de vingança. Malcolm era jovem, mas inteligente e confiável. Talvez ela pudesse colocá-lo no lugar de Hadley.

Pensaria sobre isso depois, decidiu.

— Milady?

Ela se voltou para ver quem a chamava.

— Sim, o que foi?

— Está esperando companhia? — o cozinheiro perguntou.

— Companhia? — ela repetiu, um pouco confusa.

— Oh, sim. — O cozinheiro revirou os olhos e apontou para a porta que dava para as celas.

— Está se sentindo bem? — Sarra perguntou, incerta do que o homem pretendia lhe dizer.

Suspirando, o cozinheiro a pegou pelo braço e a levou para os fundos da cozinha.

— Há sons vindo das celas, senhora.

— Sons? — Sarra arregalou os olhos. Oh, Deus, estariam invadindo o castelo?

Subitamente um pensamento maravilhoso lhe ocorreu. Somente uma pessoa sabia o caminho dos túneis.

— Calum! — ela exclamou, o coração batendo forte. No próximo momento ela corria à frente do cozinheiro.

Ao abrir a porta que dava para as escadas, sentiu um medo repentino. E se fosse Hadley que tivesse conseguido se soltar e agora se movimentava na área das celas? Ou encontrara a trava que abria a passagem para o túnel? Estariam chegando ali os homens de d'Angers?

Querendo acreditar no melhor, ela abriu a porta que dava para as escadas. E lá estava Calum MacNachton, magnífico como sempre, ao pé das escadas ao lado de Black.

— Calum — Sarra gritou de alegria desejando se atirar nos braços do rapaz. Não pôde realizar o seu desejo porque precisou dar um passo para o lado a fim de abrir passagem a Menino Bonito que subia as escadas.

O garanhão era o primeiro a entrar no castelo.

Foi quase assustador para Calum o modo como seu coração disparou à simples visão de Sarra. Ver aquele rosto lindo, o sorriso de felicidade e a forma como ela pronunciara seu nome, tudo isso o fez sentir-se como se estivesse chegando em casa.

E ele queria que DeCourcey fosse o seu lar.

Respirando fundo e procurando readquirir o controle sobre si mesmo, ele seguiu o cavalo e subiu as escadas, chegando à área das cozinhas e encontrando o cozinheiro olhando para Black que tentava comer o cabelo de Sarra.

A surpresa maior foi ver que o cozinheiro nem parecia aborrecido por ter novamente um cavalo em sua cozinha. Ao contrário. Parecia satisfeito em ver Black e seu dono de volta ao castelo.

— Bem-vindo, milorde — o cozinheiro saudou-o, confirmando as suspeitas de Calum. — Estávamos ansiando por sua volta.

— Precisamos contar a papai que o senhor está aqui! — Sarra exclamou no auge da felicidade.

Pegando Black pelas rédeas, ela o tirou da cozinha e o levou em direção ao quarto de sir Elman. Calum seguiu os dois, balançando a cabeça. Sarra se comportava como se desconhecesse que seu castelo estava sob cerco. Por um momento, ele ficou pensando se a jovem tinha conhecimento disso. Sarra passava a maior parte do dia no quarto de seu pai. Talvez nenhum dos empregados lhe contara sobre o iminente ataque ao castelo para não

deixá-la assustada.

Não, não podia ser isso. Ela estava simplesmente feliz com o retorno dele. Esse pensamento deixou Calum trémulo de alegria.

Neste minuto, ele viu Malcolm, aproximar-se correndo em direção às escadas. Ao vê-lo, Sarra estendeu a Calum as rédeas de Black.

— Você sobe e cumprimenta meu pai. Estarei com vocês em pouco tempo.

Calum a observou seguir o criado, falando com ele animadamente. O que estariam tramando? Poderia segui-la, mas o sol agora estava forte e ele não queria perder suas energias, especialmente em um momento em que precisavam de toda ajuda possível.

Entrou no quarto de lorde DeCourcey, puxando Black. Ao ver o velho homem completamente alquebrado, Calum se entristeceu. Sir Elman parecia ter piorado muito desde a última vez que haviam conversado.

— O senhor voltou. — O velho sorriu fracamente quando abriu os olhos e encontrou Calum ao lado de sua cama. — Tinha certeza de que voltaria. O senhor ama a minha filha, sei disso.

Calum suspeitava que de fato amava Sarra, mas sabia que era um amor impossível, sem esperanças.

— Onde estão Bessy e Milly?

— Quiseram acrescentar algumas coisas ao presente que Sarra vai dar a d'Angers. Elas logo estarão de volta a este quarto.

— O presente que Sarra vai dar a d'Angers? — Calum perguntou, olhando para a porta que se abria e dava entrada a uma apressada Bessy.

— Eles vão arremessar a primeira leva, sir Elman!

A moça estava excitada e nem pareceu notar a presença de Calum enquanto corria pelo quarto rumo à janela. Estava para abri-la, quando sir Elman gritou:

— Não, Bessy! Não abra as janelas!

A moça parou e voltou-se para o patrão. Notou finalmente Calum ao lado da cama e pareceu desapontada por não poder assistir ao espetáculo que aconteceria a seguir.

— Vá ao outro quarto, Bessy. Calum ficará comigo — insistiu Elman.

A criada não esperou uma segunda ordem e saiu apressada do quarto.

— Por que toda essa animação? O velho sorriu.

— Sarra decidiu jogar alguns presentes do alto do muro para d'Angers, mostrando a sua opinião quanto à proposta de casamento feita por ele.

Calum franziu a testa.

— Que tipo de presentes?



— Estrume, ovos podres, tudo o que está estragado na cozinha e outras coisas de cheiro ruim — o homem revelou com um sorriso.

— D'Angers certamente ficará enfurecido por estar sendo humilhado por uma mulher. Será capaz das maiores crueldades. Com certeza ordenará o ataque ao castelo — Calum observou.

Sir Elman não pareceu se assustar diante de tal possibilidade.

— Ele não vai desistir de se apossar do castelo, de minhas terras e de minha filha mesmo que o agrademos. Além disso, o povo daqui vai ter sua moral levantada. Estavam todos deprimidos por não terem forças para resistir ao cerco.

Gritos vindos do lado dos muros levaram Calum a se aproximar da janela e desejar poder ver o que estava acontecendo.

— Notou como o feito levantou o moral de todos? — sir Elman disse ouvindo os gritos animados dos soldados e criados. — Se o senhor se casar com Sarra e conseguir mandar d'Angers de volta ao lugar que lhe pertence, todos nós ficaremos ainda mais contentes.

— Eu gostaria de poder me casar com sua filha — Calum admitiu, depois mudou de assunto repentinamente. — Lorde d'Angers sabe sobre o túnel por informação que recebeu de seu ex-mordomo e mandou que procurassem por ele nos arredores da clareira. Pode ser que tenham encontrado a passagem secreta.

— Eles não acharão o caminho certo e se perderão nos labirintos — sir Elman garantiu.

— E se seguirem os ganchos que seguravam as tochas?

— Calum perguntou. — Em minha vinda para cá, tirei todas as tochas e procurei bloquear a entrada das celas, mesmo assim...

— Mas há também prendedores de tochas nos outros túneis para prevenir que alguém tivesse a idéia de segui-los. Mas se o senhor tirou as tochas apenas do túnel certo, então isso poderá servir de pista para eles.

Calum horrorizou-se ao perceber que acidentalmente poderia ter facilitado a entrada de d'Angers na passagem secreta.

—O senhor bloqueou bem a porta que dá acesso ao castelo?

— sir Elman perguntou, nitidamente preocupado.

— Bloqueei — Calum garantiu, mas voltaria até a porta de entrada para ter certeza de que fizera tudo certo.

— E o senhor se casará com minha filha? Se d'Angers souber que Sarra não está mais disponível, desistirá de se apossar de minhas terras.

Calum sentiu-se tentado a ceder ao desejo de sir Elman. Seria maravilhoso ter Sarra para sempre a seu lado, poder beijá-la e tocá-la e... O desejo tomou conta de seu corpo por inteiro.

— Ela não me aceitará como marido.

— Sarra está ligada ao senhor. Ficaré feliz com o casamento.

— Mas se ela souber como eu sou na verdade...

— Eu sei como o senhor é — sir Elman disse em tom suave, e Calum ergueu os olhos em surpresa.

— O senhor sabe?

— Anos atrás eu estava na corte quando conheci um sujeito chamado Janklyn MacNachton. — O velho olhou para Calum. — Creio que seja parente seu.

Calum manteve a boca fechada e esperou pelo resto da história.

— Eu gostava de Janklyn — sir Elman prosseguiu. — Havia rumores horríveis sobre o seu clã naquele tempo, e eu tive chance de ver Janklyn em batalha, defendendo a honra de uma jovem mulher. Uma mulher com quem mais tarde ele se casou. Janklyn parecia uma fera, incrivelmente forte, e seus dentes... — O velho balançou a cabeça. — Ele percebeu que eu o vi em ação naquele dia e poderia ter me causado algum problema, mas nada fez. — O pai de Sarra olhou firme para Calum. — Eu sei como o senhor é. E isso não importa. O que importa é o seu caráter. Se por acaso o senhor amar a minha filha, eu o recebo de braços abertos como meu genro.

## Capítulo IX

Já era quase meio-dia quando Sarra deixou os muros e entrou no castelo. Estivera ocupada a manhã inteira, vendo a atiradeira lançar os detritos malcheirosos em cima das tropas de d'Angers.

Decidiu dar uma parada e ver como seu pai estava passando. Deixara sir Elman conversando com Calum, mas ao entrar no quarto não encontrou o rapaz. Recostado nos travesseiros, sir Elman parecia satisfeito. Talvez fosse pela volta de Calum, ela pensou. Ou pelo fato de estarem reagindo contra os invasores de suas terras.

— Onde está lorde MacNachton? — ela perguntou, um pouco decepcionada.

— Foi inspecionar os túneis e reforçar a entrada. Ele ouviu d'Angers ordenar a seus homens que encontrassem a passagem secreta de qualquer maneira e sugeriu que examinassem o recife trecho por trecho. Calum teme que encontrem o túnel certo seguindo os ganchos que seguram as tochas. Foi recolocar tudo como encontrou antes.

Sarra suspirou. Não tivera qualquer chance de conversar com Calum, entretida com os lançamentos dos detritos em cima dos homens de d'Angers. No entanto, pela expressão que via agora no rosto do pai, ele estava satisfeito em ter conversado com lorde MacNachton. Sua aparência mudara e sir Elman nem parecia mais o inválido de sempre.

Ela também sentia o coração bater mais forte de emoção.

Voltou aos muros para ver os últimos lançamentos. Por fim, convidou a todos para participarem de um almoço de comemoração. Seguiu para o salão principal e notou que os criados carregavam apressadamente travessas e mais travessas com comida. Bem, tudo parecia estar seguindo como devia.

Ao entrar no salão, uma surpresa a esperava. Sir Elman DeCourcey estava sentado no lugar de honra na enorme mesa.

— Papai, o senhor não deveria ter se levantado! Como chegou até aqui?

— Calum me carregou, e é claro que eu não poderia faltar a esta cerimônia. Este é um dia muito especial para mim. Já ordenei as celebrações e não quero perder nenhuma.

Sarra sorriu ao ver o entusiasmo do pai com relação aos assuntos do castelo.

— Oh, papai, gostaria que o senhor tivesse visto os homens de d'Angers correndo a se refugiar nas matas. Se eles aparecerem de volta, nós lançaremos mais detritos em suas cabeças. Foi brilhante!

Sir Elman sorriu com o entusiasmo da filha.

— Não é por essa razão que considero este dia especial, querida.

— Não é? Não estamos aqui para comemorarmos a fuga dos invasores e a humilhação que aplicamos em d'Angers? — As palavras morreram em sua garganta porque sentira que Calum estava ao lado de sir Elman com uma expressão solene no rosto.

— Hoje, minha filha, celebraremos o seu casamento com Calum MacNachton.

Sarra arregalou os olhos sem acreditar no que tinha ouvido.

— O quê? — A voz dela soou fraca, apenas um murmúrio.

— Calum concordou em se tornar seu marido — o pai disse gentilmente.

Sarra voltou os olhos para Calum, notando que também padre Hammond estava agora com eles.

— Tem certeza de que quer este casamento? — ela perguntou a Calum.

— Oh, sim — ele disse solenemente, mas seus olhos ficaram turvos por um momento.—Mas se a senhora não desejar a nossa união...

Sarra podia ver que não havia qualquer hesitação em Calum quanto ao desejo de se casar com ela. Ao contrário. Era ele quem temia ser rejeitado.

Um sorriso surgiu em seus lábios, e Sarra colocou sua mão gentilmente sobre a de Calum.

— Oh, milorde, eu quero ser sua esposa.

— Muito bom! — sir Elman exclamou alegremente, então pegou uma taça vazia que estava à sua frente e a bateu sobre a mesa chamando por atenção. Todos no salão silenciaram.

Sarra esperou o pai anunciar que ela e Calum estavam para se casar, mas subitamente sua atenção se desviou para o seu noivo. Podia notar pela expressão dele que algo o preocupava.

— Sarra? — o pai a chamou.

— Sim, papai?

— Responda a pergunta que o padre Hammond lhe fez — ele a encorajou.

Confusa, ela olhou para o padre. Não ouvira pergunta alguma, tão distraída estivera a olhar para o seu futuro marido. O padre sorriu e começou a falar:

— Você, Sarra DeCoursey...

— Como assim, padre? Estamos nos casando neste minuto? Mas nem estou vestida

de noiva. Na verdade, andei correndo de um lado para o outro e em meio a detritos!

Ela tocou os cabelos sabendo que estavam despenteados. E o traje de noiva com que todas as moças sonham? Ela não teria um belo traje, grinalda e véu como as noivas costumavam usar? Queria estar bonita para Calum.

— Você está bonita — Calum murmurou, como se lesse seus pensamentos.

Sarra o olhou por um momento, depois relaxou.

— Muito bem, então. Aceito — ela disse, olhando para o padre.

— Não deve dizer essa palavra antes de escutar todos os votos, minha jovem — o sacerdote observou. — É importante que a senhora os ouça e pense se vai querer honrá-los.

— Oh, sim, padre — Sarra sentiu que ruborizara. Pacientemente escutou o sacerdote falar.

Acerimônia pareceu incrivelmente curta para ela. E, ao mesmo tempo, pareceu durar para sempre. Na verdade, Sarra se sentia estranha. Como se estivesse em um sonho. Surpreendeu-se quando Calum se inclinou e gentilmente lhe deu o beijo nupcial.

Foi um beijo leve e delicado como mandava o costume. No entanto, Sarra sentiu o corpo estremecer de prazer.

No dia anterior, ela se encontrava sem esperanças de escapar de d'Angers, de poupar o pai de uma enorme humilhação. Agora, além de ter dispersado os invasores, estava ao lado do homem a quem amava.

Oh, ela amava Calum MacNachton, apesar de apenas conhecê-lo havia tão pouco tempo. Desde o primeiro momento, sentira que Calum era e sempre seria o homem de sua vida.

— A senhora está bem, minha esposa?

Sarra sorriu ao ouvir estas palavras. De fato era agora a esposa de Calum MacNachton.

— Estou me sentindo muito feliz — ela murmurou, aceitando a taça de vinho que ele lhe oferecia.

Após o almoço, a animação continuava no salão e o mais importante era que sir Elman parecia extremamente satisfeito. Havia um ar de paz em seu rosto. Ele não temia mais o futuro da filha e agora, se a morte viesse, poderia partir tranquilamente.

— Minha filha? — ele a chamou. — Sarra voltou-se imediatamente para o pai.

— Está se sentindo bem, papai?

— Naturalmente. Quero lembrá-la, porém, que Calum viajou a noite inteira e passou um bom tempo reforçando a segurança da passagem secreta. Ele deve estar cansado agora e deveria descansar.

Sarra arregalou os olhos, sua mente traduzindo silenciosamente o que seu pai estava lhe dizendo.

Leve o seu marido para a cama.

Oh, sim. Ela agora deveria compartilhar sua cama com Calum. Nem chegara a pensar nisso, mas esse pensamento era muito agradável. Afinal, era esposa do homem a quem amava e, assim, ansiava pelas intimidades que trocariam.

— Sarra — o pai tornou a chamá-la, notando o silêncio da filha.

Ela voltou-se então para o marido.

— Não gostaria de descansar, lorde MacNachton? Calum hesitou, depois simplesmente levantou-se da mesa e ajudou-a a fazer o mesmo.

Sarra nem se preocupou se todos ali notassem que o feliz casal se retirava rumo ao quarto e tampouco percebeu que Black os seguia. Somente quando Calum se dirigiu ao cavalo é que ela viu o lindo animal parar e prestar atenção ao que dizia o seu dono.

— Não vai ficar no mesmo quarto que nós, Black. Hoje ficará neste corredor, mas amanhã vou lhe arrumar um bom lugar no estábulo.

O cavalo pareceu entender, mas se moveu tranquilamente para dentro do quarto, ignorando qualquer ordem recebida.

— Bem, então por hoje ele fica aqui — Calum murmurou, notando que Sarra parecia estar se divertindo com o comportamento do animal. — Amanhã você irá para o estábulo — ele disse em tom falsamente severo. Voltou-se então para a esposa. — Eu já devia ter levado Black para o estábulo, mas levei muito tempo reforçando a defesa da passagem e quando voltei o sol estava muito forte e poderia me enfraquecer. Farei isso amanhã.

De repente, Calum riu. Quem não gostaria de ficar para sempre ao lado daquela mulher maravilhosa?

Subitamente ficou preocupado. Sir Elman já lhe confidenciara saber de seus segredos. Mas e Sarra? Ela não sabia de nada, Calum pensou. Ele deveria contar-lhe tudo antes que o casamento estivesse consumado. Assim, ela teria chance de anular a união, caso não quisesse ficar ao lado de um homem como ele.

A princípio, pensara em contar seus segredos a Sarra antes que a cerimônia se realizasse. Infelizmente, não tivera esta oportunidade. Agora estavam casados, parte de sua mente exigia que ele fosse o mais depressa possível para a cama e consumasse o casamento, impedindo-o assim de ser anulado.

No entanto, não seria honrado começarem suas vidas de casados sem que um conhecesse bem o outro.

—Milorde? Parece preocupado—Sarra observou com certa apreensão.

— Apenas passei por grandes emoções nas últimas horas.

— Talvez devêssemos mandar comunicar a d'Angers que nos casamos, assim ele saberá que nada mais tem a fazer nestas terras.

Calum sorriu levemente, mas sacudiu a cabeça.

— Podemos lhe dar a notícia mais tarde. Creio que por enquanto estamos a salvo. A senhora o espantou com os detritos e eu lhe garanto que disfarcei a entrada da caverna onde estão os túneis. Certamente ninguém os encontrará, pelo menos não imediatamente.

— Tenho certeza de que fez um bom trabalho, milorde. Calum franziu a testa, tomado pela hesitação. Em seguida, resolveu se abrir com a esposa.

— Sarra, precisamos conversar. Quero lhe contar algumas coisas sobre meu povo... sobre mim.

— Eu sei de tudo.

— Sabe? O que sabe, senhora?

— Que o senhor é um vampiro, milorde.

Calum sentiu tudo girar em torno de si diante das palavras ditas de forma tão simples. Sentou-se na cama para se equilibrar melhor. Finalmente, olhou para a esposa, sem esconder a sua surpresa.

— A senhora sabe.

— Naturalmente que sei, milorde. Ouvi todos os rumores sobre o clã dos MacNachton, soube dos bravos feitos de seu irmão Bothan e suas estranhezas, e principalmente vi o senhor em ação enquanto lutava contra Jocks e seus homens. O senhor demonstrou uma força incrível e enfrentou quatro homens, vencendo a luta. — Sarra sorriu. — Ficou óbvio que o senhor era um ser diferente, milorde.

— Não sou um lorde, Sarra.

— Agora o é. Casou-se comigo e logo será o lorde DeCourcey. Infelizmente, papai não vai durar muito tempo e, por mais que me entristeça, sei que esta é a realidade. Hoje ele é ainda lorde DeCourcey, mas está tranquilo sabendo que o senhor' será o próximo senhor destas terras.

— Mas sabendo que tenho as minhas estranhezas, ainda assim quer continuar sendo minha esposa? Posso lhe conceder a anulação do casamento — Calum disse com a voz revelando certa amargura.

—Não será o senhor que deseja se livrar dos novos encargos?

— Absolutamente. Quero que nosso casamento dure para sempre. No entanto...

— Seu irmão Bothan, com todas as estranhezas de seu clã, foi aceito em Bantulach

e a esposa o adora. Por que eu hesitaria em conhecer a felicidade ao lado de um MacNachton? Desejo permanecer casada com o senhor, do jeito que é. E nem me importaria se o senhor tivesse um rabo e... — O olhar de Sarra mostrou sinais de preocupação. — O senhor não tem um rabo, tem?

Calum caiu na gargalhada.

— Não, minha esposa, não tenho um rabo.

— Então, muito bem. — Ela suspirou satisfeita, depois mostrou sinais de arrependimento por tal reação. — Eu amo o senhor, milorde, mas poderia precisar de algum tempo para me ajustar se o senhor tivesse um rabo.

Calum riu novamente e puxou a esposa para os seus braços.

—Agora que ficou claro que queremos ficar casados porque nos amamos, penso que devemos consumir este casamento. Assim, a senhora poderá ter certeza de que não possuo um rabo nem outras estranhezas perturbadoras.

Sarra concordou, mas antes quis fazer uma pergunta.

— O senhor me morderá, milorde?

Calum ficou em silêncio, procurando uma resposta para esta pergunta. Afinal, era uma situação delicada. Finalmente, decidiu admitir toda a verdade.

— Para a união se consumir plenamente entre os casais de meu povo, há o costume de o marido morder uma única vez a esposa, isso durante o clímax amoroso. E como se ele a estivesse marcando como sua companheira de uma vida inteira. Em meu clã, a fidelidade é uma exigência e os casais ficam unidos até a morte. No entanto, se essa prática a deixa assustada, Sarra, podemos esquecê-la.

Mesmo tendo feito a oferta, Calum ficou se perguntando se ele conseguiria se controlar a ponto de não morder o pescoço de Sarra. Ela o deixava completamente excitado e cheio de desejo, mas faria o possível para manter a promessa, caso a fizesse.

Para sua surpresa, Sarra recusou a oferta.

— Se é um costume de seu povo, então o seguiremos, milorde.

Calum respirou aliviado, depois notou que a esposa parecia um pouco ressabiada.

— O que foi, minha querida?

— Gostaria de saber se sentirei dor?

— Se feito corretamente e no momento certo, não, não vai doer nada, minha esposa. E eu lhe juro que assim o farei.

— Confio no senhor, milorde — Sarra murmurou, encostando a cabeça nos ombros de Calum.

Ele a fitou com imenso amor. A esposa estava lhe dando o mais incrível presente, a



confiança. Mas, desde o começo, Sarra agira assim com ele, não hesitando em lhe mostrar a passagem secreta e como abrir a entrada para o castelo.

— Sarra?

— Sim, milorde?

— Juro honrar a confiança que tem em mim.

— Sei que o fará. — Havia um doce sorriso nos lábios de Sarra. — E sei, milorde, que será um ótimo pai para nossos filhos. Se não acreditasse nisso, não teria me casado com o senhor.

— Mas não foi de fato uma escolha. Afinal, a senhora tinha d'Angers sitiando o seu castelo.

— No entanto, eu poderia escapar das mãos desse tirano partindo através dos túneis. E iria a Londres.

— Londres? Por quê?

— Porque é lá que meu primo mora. Ele resolveria todos os meus problemas.

— E quem é esse primo que tem tanto poder? — Calum perguntou, duvidando que houvesse alguém disposto a enfrentar a fúria de d'Angers.

— Ora, ele é o rei.

— O quê?

— Meu primo é o nosso rei — Sarra explicou pacientemente. — E por esse motivo que d'Angers quer se casar comigo às pressas. Ele pensa que passaria a ser muito influente na corte e teria muito poder ao se casar com a prima do rei.

Calum sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha e sentou-se desalentado sobre a cama.

— Meu marido, o que aconteceu? Ficou subitamente pálido. Sente algum mal-estar?

Calum negou com a cabeça, incapaz de falar de imediato. Finalmente, firmou sua voz.

— O rei é seu primo? — Oh, Deus, ele estava casado com a prima do rei da Inglaterra. — Certamente ele vai mandar me cortarem a cabeça quando souber quem sou eu.

— Não seja tolo, milorde, ninguém vai lhe cortar a cabeça. — Sarra riu da preocupação do marido. — Não precisa se preocupar. Papai sem dúvida já escreveu uma carta e a despachou para Londres pedindo que o rei aprove o casamento. Não vai haver problema algum.

Calum não tinha toda essa certeza.

— Talvez tivesse sido melhor a senhora ter recorrido ao seu primo diretamente, fugindo de d'Angers através dos túneis. Nem sei por que não recorreu ao rei antes.

— Não queria deixar o meu pai sozinho. Temia que...

A voz de Sarra falseou e Calum acariciou seu rosto com grande carinho. Ela temia que em sua ausência o pai viesse a falecer.

— De qualquer maneira, não precisei tomar atitude drástica alguma. O senhor apareceu em minha vida, lorde Calum MacNachton. Obrigada, meu marido.

Calum se emocionou. Sarra estava em seus braços e era uma mulher bonita, doce, inteligente e aceitava as diferenças dele.

— Eu estou apaixonado pela senhora desde o primeiro momento em que a vi banhando-se no rio. Tive muita sorte em estar na caverna naquele dia.

— Oh, lembro-me de que o senhor primeiro me ouviu e pensou que era alguém gritando em desespero — Sarra brincou.

— Confesso que me assustei um pouco por acordar com uns sons pelos quais não esperava. No entanto, bastou-me olhar para a senhora e me apaixonar.

— E eu também me apaixonei pelo senhor no mesmo momento. Bem, cheguei quase a perder a paciência ao ouvi-lo mandar que eu me vestisse a toda hora.

— Sua nudez deve estar reservada apenas aos meus olhos, esposa.

Sarra suspirou e finalmente os lábios de Calum cobriram os dela. Até aquele momento, ela estivera nervosa, mesmo um pouco assustada, não sabendo bem o que aconteceria na cama. No entanto, agora sabia que tudo estava bem. E ao sentir a língua de Calum tornar o beijo mais ousado, desejou de fato que o que aconteceria logo mais na cama, a saciasse do desejo que sentia pelo marido.

Calum pegou-a nos braços e a levou lentamente para a cama, sem interromper o beijo.

Sarra vagamente, sentiu as mãos do marido procurando lhe tirar o vestido enquanto continuava a beijá-la. Ajudou-o nessa tarefa, levantando os braços e facilitando a saída da roupa. Agora, não havia nenhuma barreira entre os seus corpos, já que Calum também se despira com rapidez.

Calum suspirou de prazer. Suas mãos procuraram tocar nos pontos mais sensíveis do corpo de Sarra. Envolveu um dos seios com sua mão e ela gemeu de prazer. Cessou o beijo e procurou o seio com os lábios, deixando-a agora a gemer ainda mais alto. A excitação foi se tornando mais intensa e ele também gemia agora, as mãos tocando nos cabelos da esposa, em seus seios, em suas partes mais íntimas.

Neste momento, Sarra arregalou os olhos e sentiu-se incapaz de controlar o desejo

de que Calum a possuísse por inteiro.

— Meu marido, meu amor... — ela gritou diante da sensação que tomava conta de seu corpo.

Então a beijou com mais intensidade enquanto lhe abria as pernas para poder possuí-la. Procurou manter a calma.

Não queria se apressar, apesar de que estava quase sem controle sobre os seus atos. Usou então os dedos para as carícias.

Sarra gritou, agarrando-se às bordas da cama. Jamais seu corpo reagira como agora. As sensações eram novas e incrivelmente gostosas. Seu coração batia em disparada. Nunca imaginara que o casamento pudesse ser tão maravilhoso.

Envolveu o pescoço de Calum com suas mãos e puxou seu corpo para mais perto, apesar de não haver espaço algum entre eles. Calum, naquele momento, penetrou seus dedos em sua intimidade e lhe sugou um dos mamilos com avidez. Não poderia haver maior prazer do que aquele que sentia naquele momento.

Enganou-se.

Calum finalmente a penetrou e se, por instantes, ela sentiu uma dor fininha, logo seu corpo aceitava o membro do marido e participava dos movimentos que lembravam uma dança selvagem. Gritou, pensando que não suportaria tanto prazer e por fim chegou ao êxtase.

Foi então que sentiu uma leve picada no pescoço. Era a marca que Calum lhe fazia tornando-a sua esposa. A dor foi mínima, apesar de que a surpreendera.

Calum se deteve e a olhou com preocupação.

— Eu a machuquei, minha querida?

Sarra não respondeu e puxou os quadris do marido para que ele a penetrasse ainda mais fundo. Quando seus olhares se cruzaram, ela desejou poder expressar tudo o que sentia. O marido a fascinava.

Voltaram a se beijar entre gemidos, continuando a dança do amor até que ambos gritaram ao mesmo tempo ao atingirem o clímax do prazer.

Sarra acordou e percebeu que estava nos braços do marido, as mãos dele acariciando de leve seu corpo enquanto murmurava palavras que ela não entendia. Fingiu estar ainda adormecida, ouvindo aquela língua estranha, percebendo por fim que ele falava em galês, o idioma de sua terra. Não tinha idéia do significado das palavras, mas elas soavam amorosas.

Aos poucos, foi se sentindo aquecida e desejosa de repetir o ato de amor mais uma vez.

— Está acordada, querida? — Calum perguntou depois de um momento, e ela percebeu que o marido notara que a respiração dela mudara.

— Como sabe que acordei?

— A senhora parou de roncar e então vi que tinha acordado.

— Mentira. Eu não ronco — Sarra protestou, erguendo a cabeça em desafio.

Rindo, Calum beijou de leve o nariz da esposa, depois afastou as cobertas e caminhou nu pelo quarto.

Sarra o observou com curiosidade quando ele abriu a porta e olhou para fora. Em seguida, ele voltou à cama, pegou-a nos braços, enrolou-a nas mantas e a levou até uma cadeira perto da lareira.

Antes que Sarra pudesse perguntar o que estava acontecendo, a porta do quarto se abriu e Bessy e Milly entraram correndo, pegaram o lençol manchado de sangue e o trocaram imediatamente por um limpo. Enquanto faziam isso, outras criadas entraram no quarto carregando uma tina e baldes de água. Surgiram mais dois criados, desta vez trazendo bandejas com comida e vinho.

Sarra simplesmente ficou sentada no colo do marido, coberta pela manta, observando todo aquele movimento. Tudo isso deveria ter sido planejado com antecedência por Calum.

— Pensei que gostaria que lavassem o sangue — ele observou com naturalidade, quando a porta se fechou atrás dos criados que saíam.

Sarra imediatamente passou a mão pelo pescoço.

— Não, não há sangue em seu pescoço, mas você perdeu sangue de outra parte. — Calum acariciou de leve o interior das pernas de Sarra.

Ela imediatamente ruborizou.

Sorrindo com a inesperada timidez da esposa, ele a levou nos braços até a banheira.

— Pensei também que poderia ter fome depois... do que fizemos. Está se sentindo bem, querida?

Sarra fez sinal que sim.

— Também sinto um pouco de fome.

— Então, deixe-me ajudá-la com o banho e assim estará pronta para fazer uma boa refeição.

Ele a colocou na tina cheia de água morna.

Sarra procurou relaxar enquanto Calum lhe passava sabão no corpo, mas conforme as mãos dele tocavam em sua pele, ela pensava em tudo menos banho.

— Notei que Hadley ainda está em uma das celas. Pretendia perguntar ao seu pai o que pretende fazer com esse homem, mas me esqueci — Calum murmurou, enquanto continuava a tocar de leve no corpo da esposa.

— Pensei que poderíamos bani-los destas terras depois que o cerco terminar — ela murmurou, enquanto ele agora lhe ensaboava os seios.

— Sim, vamos deixá-lo buscar refúgio em d'Angers. Depois de fazer muito mal ao seu pai, aqui é que ele não pode ficar. Vou sugerir ao seu pai que coloque Malcolm no posto de mordomo-chefe.

Sarra arregalou os olhos.

— Também eu cheguei a cogitar em sugerir o nome de Malcolm para o cargo.

Calum beijou-lhe a ponta da orelha e sorriu.

— Pensamos do mesmo modo, então. Isso é bom — ele sussurrou.

— Oh, Calum... — ela suspirou ao sentir que a mão de Calum deslizava de seu seio para o centro de sua feminilidade e gentilmente a lavava.

Ele a tirou da tina e incapaz de se controlarem, fizeram amor sobre os tapetes.

Quando finalmente saciados, Calum se levantou e ajudou a esposa a erguer-se.

— Vista-se, minha querida e coma algo, enquanto me lavo. Sarra, porém, tinha outras idéias.

— Prefiro ajudá-lo em seu banho.

— Melhor não fazer isso agora. Corremos o risco de não comermos tão cedo já que nos distrairemos com outras coisas...

Sarra riu satisfeita e começou a se secar com toalhas de linho. Não se vestiu, porém. Enrolou-se nas toalhas e foi até a lareira para secar-se mais rápido.

é — Suponho que Bessy e Milly penduraram os lençóis no pátio para que todos tivessem a prova de minha virgindade — ela comentou com Calum.

— Não o penduraram no pátio. Decidi mandar que colocassem os lençóis manchados em outro lugar.

— Onde os expôs, marido?

— Mandeí Malcolm pendurá-los nos muros do castelo bem aos olhos de d'Angers.

— Nos muros? — Sarra perguntou com incredulidade.

— Por que não? Lorde d'Angers tem a prova de que a mulher que ele queria à força, agora já está totalmente fora de seu alcance.

— O senhor tem um coração cruel, milorde.

— É, tenho — ele concordou. — Mesmo sabendo disso, continua a me amar?

— Oh, sim. E acho que Reginald merece ser humilhado diante de seus homens.

— Reginald? Trata esse homem com intimidade?

— É porque ele odeia ser chamado pelo primeiro nome — ela justificou. — Então o uso em toda e qualquer oportunidade.

— Neste caso, pode continuar.

— E o farei, caso ele me apareça de novo pela frente. Oh, meu marido, sinto-me uma mulher com muita sorte.

— Pois sou eu quem tem sorte. Tenho as minhas estranhezas que assustam a tantos e, mesmo assim, não fui apenas aceito pela senhora, mas por seu pai também. Por que me aceitaram com tanta facilidade?

— Não posso responder por meu pai, mas penso que eleja conheceu outros de seu clã e os respeita.

— E quanto à senhora?

— Ora, acho que é bobagem acreditar em rumores, e maior bobagem ainda não aceitar que as pessoas possam ser diferentes. Além do mais, se o senhor não fosse um homem bom e honrado, além de possuir extraordinária valentia, jamais teria enfrentado quatro homens para defender uma desconhecida. Afinal o senhor lutou para impedir que eu fosse forçada a um casamento indesejável.

Calum apenas lhe dirigiu um olhar de gratidão.

— Além do mais, a Bíblia diz que Deus criou todas as criaturas, as grandes e as pequenas. Isso significa que criou também o senhor, e se escolheu fazer os membros de seu clã pessoas diferentes, então deve ter tido Suas razões. Quem sou eu para questionar o julgamento de Deus? Creio que foi Ele quem o colocou naquela caverna nas proximidades da clareira enquanto eu era atacada. Deus é quem trouxe o senhor para a minha vida.— Sarra ficou em silêncio ao perceber que a água que havia nos olhos do marido não era do banho e sim lágrimas. — Calum — ela murmurou incerta, estendendo a mão para tocá-lo.

Ele aceitou a carícia e beijou-lhe a mão.

— O meu povo tem sido obrigado a mentir e a se esconder como se fôssemos monstros temidos por todos. Até eu comecei a me imaginar um monstro.

— Oh, não — ela protestou suavemente.

— Depois de conhecê-la, meu amor, começo a pensar que sou um ser privilegiado. Tenho certeza de que nosso amor faz parte de um plano de Deus.

— Só pode ser isso. O senhor fez meu pai feliz e me tornou a mais realizada das mulheres. Jamais volte a se considerar um monstro, mas sim um ser abençoado.

— Apaixonar-me pela senhora foi fácil. Nenhuma outra mulher é tão bela e sedutora. Basta lembrar que meu cavalo deixou de me seguir para acompanhá-la. Seus

poderes vão além dos normais, minha bela esposa. Não só cativa os homens, como todos os seres da Terra.

— Gosto de ouvir o som de suas palavras, Calum. Seu sotaque me provoca arrepios, até onde não devia.

— Conheço outros modos de fazê-la se arrepiar, minha querida. Se o desejar, depois de nossa refeição, posso lhe mostrar alguns deles.

— Mostre-me — ela sussurrou, sorrindo provocante para Calum enquanto ele saía da tina e a abraçava, cobrindo-lhe os lábios com os seus, e a levantando em seus braços.

O destino era, sem dúvida, a cama.